

# **Nem um Momento de Tédio**

## **Uma Visão Libertária dos Anos 60**

---

MURRAY N. ROTHBARD

Editado por Justin Raimond



# **Nem um Momento de Tédio**

## **Uma Visão Libertária dos Anos 60**

---

MURRAY N. ROTHBARD

EDITADO POR JUSTIN RAIMONDO

1ª EDIÇÃO





# **Nem um Momento de Tédio**

Editora Konkin, 1ª Edição

**Coordenação Editorial:**

Daniel Miorim de Moraes

**Tradução:**

Daniel Miorim de Moraes e Eric Matheus

**Revisão:**

Vitor Gomes Calado e Eric Matheus

**Diagramação:**

Daniel Miorim de Moraes e Vitor Gomes Calado

**Capista:**

Raíssa Souza Abreu

**Licença:**

Publicado em 2016 pelo Mises Institute. Esse trabalho está licenciado com [Creative Commons Attribution-Noncommercial-NoDerivs 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).



*Para*  
*Ralph Raico*





## Sumário

Introdução .....	13
Educação na Califórnia .....	19
Recorrendo ao Clube de Zoneamento .....	21
Profanando a Bandeira .....	23
Cessai a Escravidão! Parte I.....	25
Cessai a Escravidão! Parte II .....	27
Cessai a Escravidão! Parte III .....	29
A Crise do Oriente Médio .....	31
Estamos em uma Recessão! .....	33
Cessai a Escravidão! Parte IV .....	35
Cessai a Escravidão! Parte V .....	37
“Pequena” Israel.....	41
“Rebelião” em Newark .....	45
Cessai a Escravidão! Parte VI.....	47
Guerra Civil em Julho de 1967 Parte I.....	49
Guerra Civil em Julho de 1967 Parte II .....	51
Guerra Civil em Julho de 1967 Parte III.....	53
O Princípio de Secessão.....	57
Deveria Haver um Aumento de Impostos? Parte I .....	59
Deveria Haver um Aumento de Impostos? Parte II .....	61
Cessai a Escravidão! Parte VII .....	65
Empresários pela Paz .....	67
“Incitação” de Motim.....	71
Leis Armamentistas .....	73
LBJ — Após Quatro Anos.....	75
Uma Nova Constituição? .....	77
As Eleições.....	81
Por Que Todos Odeiam de Gaulle? .....	85
O Problema em Chipre.....	89
Como Sair do Vietnã.....	93

O Caso de John Milton Ratliff .....	97
Jim Garrison, Libertário .....	99
Violência de Quem? .....	103
Desvalorização .....	105
Controles de Troca .....	109
A Chegada do Fascismo Americano .....	111
A Pirataria de Pueblo .....	115
O Estado da Guerra .....	119
A Greve do Lixo .....	121
A Crise do Vietnã .....	123
A Escalada de Lyndon Johnson .....	125
O “Ideal” Amador .....	127
O Que os Viet Congs Querem? .....	129
Semana do Primeiro de Abril .....	131
Martin Luther King .....	135
Todas as Renúncias .....	139
As Negociações de Paz .....	141
Atirar em Ladrões .....	143
O Humor Revolucionário .....	145
A Cruzada McCarthy .....	147
Columbia: A Noite de Infâmia .....	149
A Revolução Estudantil .....	153
Assassinato Esquerda e Direita .....	157
Revolução Francesa— 1968 .....	159
Conselhos de Alistamento .....	163
Humphrey ou Nixon: Tem alguma diferença? .....	167
A Nova Anarquia .....	169
Nixon-Agnew .....	171
Falando a Verdade para o Poder .....	173
Mao como um Livre Mercadista; Ou, Halbrook no País das Maravilhas? .....	175
Desarmando a Baby-Boom .....	183

O Novo Credo Libertário .....	197
Confissões de um Liberal de Direita.....	201



## ***Introdução***

Murray Rothbard foi um verdadeiro polímata. Ele não foi apenas o teórico número um do movimento libertário moderno — autor do monumental *Homem, Economia e Estado; Conceived in Liberty*, uma história da Revolução Americana com quatro volumes; os dois volumes do *História do Pensamento Econômico: Uma Perspectiva Austríaca*; e ensaios muito numerosos para listar — ele também foi seu publicitário mais incansável, pelo menos em seus dias iniciais.

Ele não vivia em uma torre de marfim: longe disso. Como ele escreveu em um memorando de 178 páginas intitulado de “*Strategy for a Libertarian Social Change*”:

*Se o avanço da liberdade requer um movimento, bem como um corpo de ideias, é nossa contenção de que o objetivo predominante de um movimento libertário precisa ser a vitória da liberdade no mundo real, o trazer do ideal ao real. [Ênfase no original]*<sup>1</sup>

Para Rothbard, o libertarianismo não era um jogo intelectual para passar o tempo, nem era um afeto pessoal: para ele, era uma bandeira que deveria ser carregada para a batalha. Sempre o guerreiro feliz, ele buscou trazer a perspectiva libertária radical para suportar os eventos do dia, e era uma tarefa na qual ele se deleitava. Enquanto ele tendia a escrever seus livros e artigos mais sérios na calada da noite, ficando acordado todas essas horas teclando em sua máquina de escrever antiquada (mesmo para a época), suas “manhãs” (de meio-dia) eram dedicadas a afazeres relativamente mais leves — o jornalismo polêmico que, ao longo dos anos, encontrou vários sebos [*outlets*]. Na década de 1940,

---

<sup>1</sup> “Strategy for a Libertarian Social Change”, manuscrito inédito, 1978.

ele escreveu um boletim pessoal, *The Vigil*, que foi escrito-à-máquina-de-escrever e enviado para seus amigos e associados mais próximos. Mais tarde, ele foi nomeado “Correspondente de Washington” para a revista *Christian Economics*, uma revista publicada por um grupo conhecido como *Spiritual Mobilization*, chefiado pelo Reverendo James Fifiield, e dedicado à economia *laissez-faire*.

Isso durou alguns poucos anos, mas eventualmente ele foi dispensado: os pastores protestantes de direita que eram a principal audiência da *Christian Economics* ficaram chocados com suas polêmicas anti-intervencionistas quando se tratava da questão da política externa. À medida que a guerra fria esfriava, havia menos tolerância para o "isolacionismo" da Velha Direita, que naquela época era largamente esquecida pelos comandantes e recrutas conservadores. Aqueles ministros direitistas achavam que ele era um comunista! Então houve uma separação dos caminhos.

Sua residência temporária como escritor ocasional para a *National Review* de William F. Buckley, Jr. foi ainda mais breve, uma vez que a paciência de Rothbard com o belicismo que emanava como uma nuvem radioativa daquela publicação logo se desgastava. O desejo louco dos Buckleyistas por um confronto nuclear com Moscou era um pouco demais para o velho "isolacionista" aturar, e sua recusa em mostrar entusiasmo pela Segunda Guerra Mundial logo levou à sua excomunhão de uma igreja à qual ele nunca tinha propriamente pertencido.

Mas não importa: a hegemonia da ideologia da Guerra Fria estava prestes a receber um sério desafio, quando amanheceu a década de 1960. Um movimento libertário independente — organizacionalmente separado, bem como ideologicamente diferenciado do conservadorismo do estilo da *National Review* — estava prestes a fazer sua estreia, em grande parte devido aos esforços de Rothbard. Ele e Leonard Liggio tinham começado a *Left & Right*, uma revista dirigida ao crescente movimento da

Nova Esquerda, que estava começando a fazer ondas, começando no campus da Universidade da Califórnia em Berkeley. No entanto, a revista era trimestral, não era um bom formato para alguém que queria comentar sobre os eventos atuais, e assim, quando Robert Lefevre da *Freedom School* entrou em contato com ele para escrever uma coluna de jornal associada para a *Pine Tree Features* da Escola, Rothbard avidamente assumiu a tarefa.

Essas colunas curtas — geralmente não mais do que duas páginas datilografadas cada — apareceram nos *Freedom Newspapers*, uma corrente de propriedade de R.C. Hoiles, que era um seguidor de Lefevre e um libertário comprometido. A partir de janeiro de 1967, Rothbard fez 58 colunas, a última escrita no verão de 1968, abordando a revolta do campus; as demonstrações massivas antiguerra; a Guerra dos Seis Dias entre Israel e as potências árabes; os motins Newark; a guerra do Vietnã; a perseguição de H. Rap Brown, o assassinato de Martin Luther King, a abdicação de Lyndon Baines Johnson, a ascensão de Richard Nixon — nesses dois anos cruciais nunca houve, como dizem, um momento de tédio.

Podemos chamar esse de período “de esquerda” de Rothbard: ele ficou do lado dos manifestantes estudantis, dos afro-americanos que lutaram contra policiais que invadiram seus bairros; ele estava com o povo vietnamita contra os soldados americanos que haviam invadido *sua* vizinhança; ele estava com os palestinos contra seus conquistadores israelenses, ele valorizou o “heroico” Malcolm X e denunciou Martin Luther King por pedir que as tropas federais derrubassem “tumultuadores” [“rioters”] negros —, mas ele nunca favoreceu seu público pretendido. Ao contrário de alguns dos “libertários de esquerda” de hoje, que adotaram o jargão politicamente correto do liberalismo branco, ele sempre abordou as questões em termos libertários diretos.

Essa franqueza é evidente na primeiríssima coluna, escrita em janeiro de 1967, aplaudindo a demissão do chanceler da Universidade da Califórnia, Clark Kerr, e elogiando Mario Savio — que teve a honestidade de dizer “Boa viagem, lixo ruim” — enquanto alguns novos esquerdistas correram para defendê-lo. Ele se perguntou por que os conservadores, que antes eram críticos da burocracia educacional, não estavam do lado dos rebeldes estudantes que estavam se rebelando contra “esse Moloch educacional” em vez de atacá-los por “seus gostos em roupas e penteados”. No entanto, os estudantes também não foram dispensados facilmente: em vez de protestar contra os cortes ameaçados do governador Ronald Reagan nos orçamentos do sistema universitário estadual, ele escreveu, eles deveriam estar aplaudindo e exigindo ainda mais cortes porque isso “agiu para reduzir o sistema universitário muito gigantesco que os estudantes denunciaram adequadamente”. Assim, os novos esquerdistas queriam “autonomia” — ou, para colocá-la na terminologia da Nova Era da época, “autoatualização” — em oposição à subserviência a um Leviatã pedagógico desalmado? Bem, então, “transferir o ônus do pagamento para o próprio aluno dará ao aluno-consumidor muito mais poder sobre sua própria educação” do que sob o errôneo regime de “mensalidade grátis”.

Rothbard não se afagou: ele não tentou imitar a retórica dos estudantes, ele não os insultou tentando fazê-los pensar que ele era “legal”: Rothbard era estritamente da Velha Guarda, e nunca fingiu o contrário. O que ele fez foi aplicar princípios libertários às questões concretas do dia a dia que surgiram nesses dois anos tumultuados, revelando o mal radical do Estado e o radicalismo desadornado da postura libertária em todos os casos.

Ele não fingia ser um esquerdistas: a ideia era conquistar os estudantes de esquerda, e os negros revolucionários, ao libertarianismo, não se disfarçar na retórica elegante do momento. Ele nunca disfarçou ou liquidava seu libertarianismo para se adequar ao seu público: ao contrário dos



autodenominados "libertários de esquerda" de hoje, ele rejeitou qualquer modificação ou "adição" ao axioma central da teoria política libertária, que é o princípio de não-agressão puro e simples. Em resposta ao slogan "confira seu privilégio" da esquerda cultural, Rothbard teria dito "Confira seus preconceitos culturais logo a frente".

Embora ele mesmo seja um tradicionalista, Rothbard sempre sustentou que não poderia haver tal coisa como uma cultura "libertária": aqueles que queriam "viver a liberdade" estavam vivendo sob uma ilusão, a saber, a ideia totalmente falsa de que algum "estilo de vida" em particular poderia ser derivado dos axiomas centrais do que é apenas uma filosofia política e não um "modo de vida". Ele tinha, afinal, sido gravemente queimado pelo totalitarismo cultural do culto "Objetivista" em torno da romancista Ayn Rand, que tinha uma "linha partidária" em todos os assuntos sob o sol, incluindo música (Rachmaninoff bom, Mozart ruim) e até mesmo física. O movimento libertário, ou pelo menos uma parte substancial dele, já tinha ido por esse caminho antes, e descobriu que era um beco sem saída.

Para os leitores mais jovens deste volume, os escritos de Rothbard da década de 1960 podem parecer uma recontagem da história antiga, e apenas tangencialmente relevante para o mundo em que vivemos hoje. Que isso não é tão sublinhado por uma de suas peças mais prescientes: em "A Vinda do Fascismo Americano" Rothbard comenta a vários atos de retaliação contra os críticos da guerra do Vietnã e escreve: "Em casa temos a economia do estado corporativo fascista: uma economia de monopólios, subsídios, privilégios executados por uma coalizão tripartite de Grandes Negócios, Grandes Sindicatos e Grande Governo." Enquanto "[nas] relações exteriores nós expandimos por todo o mundo, agarrando bases e administrando governos em todos os lugares, tudo em nome de uma cruzada global contra a 'conspiração comunista internacional'."

Substitua a última frase por “conspiração terrorista internacional” e temos um retrato instantâneo do futuro — o que estamos vivendo hoje.

O material aqui disposto é apresentado em ordem cronológica e é publicado exatamente como escrito: minhas inserções estão entre parênteses. Os dois ensaios finais fornecem o contexto vital para o material anterior, explicando a ruptura de Rothbard com os conservadores e prefigurando a ascensão do libertarianismo como um movimento independente — um desenvolvimento pelo qual ele foi em grande parte responsável.

— Justin Raimondo

# Capítulo 1

## *Educação na Califórnia*

Consistência tem sido há muito uma das causalidades mais gritantes de nossa vida política; mas as visões típicas sobre a bagunça no ensino superior têm sido irremediavelmente confusas até mesmo para os padrões contemporâneos. Assim, durante anos os conservadores vêm atacando as enormes e inchadas burocracias engajadas na dispensa do ensino superior, especialmente as gigantescas e cada vez mais crescentes universidades estaduais.

Então, dois ou três anos atrás, uma profunda e generalizada rebelião contra esse Moloch educacional emergiu e acelerou entre os estudantes presos nessas universidades. No entanto, longe de abraçar esses aliados naturais da “Nova Esquerda”, os conservadores reagiram com horror, clamando por um reprimir do surgimento de jovens que violavam seus gostos em roupas e penteados.

Por sua vez, os meninos da Nova Esquerda provaram ser quase tão autocontraditórias. Durante anos eles nos instruíram sobre as fábricas impessoais e sutilmente ditatoriais que esses bosques de academia se tornaram: e por anos Clark Kerr, presidente de um dos mais poderosos behemoths de todos eles, a Universidade da Califórnia, tem sido mantido como o teórico mais perigoso dessa "multiuniversidade" nova e coletivista.

Mas agora que Kerr foi demitido de seu posto, a Nova Esquerda, com a honrosa exceção de Mario Savio, saltou para a defesa dele em vez de sair com aplausos de alegria.

Além disso, a Nova Esquerda não percebeu que o governador Reagan, ao se mover para cortar o orçamento inchado

da universidade, tem agido para reduzir o gigantesco sistema universitário que os estudantes denunciaram adequadamente. E a Nova Esquerda, ao protestar contra a proposta de Reagan de cobrar mensalidade, não entendeu que não há nada de progressivo em forçar os pagadores de impostos a pagar pela educação de outra pessoa. Pelo contrário, transferir o ônus do pagamento para o próprio aluno dará aos estudantes-consumidores muito mais poder sobre sua própria educação e, em última instância, sobre seu próprio destino.

## Capítulo 2

### *Recorrendo ao Clube de Zoneamento*

Não há nada mais importante para aqueles que pensam que acreditam na liberdade, na livre iniciativa e na propriedade privada, do que trazer essas generalidades de alto nível para suportar os problemas concretos de suas vidas diárias. É muito fácil dizer, ou acreditar, que se é devoto à liberdade, desde que a liberdade permaneça uma generalidade elevada e não analisada. Não há nada, é claro, de errado com tais generalidades; pelo contrário, são elas indispensáveis para qualquer pensamento ou ação nesse assunto vital. Mas, para serem eficazes ou significativas, elas precisam não permanecer no nível das generalidades; elas precisam ser trazidas para baixo e aplicadas, consistentemente e com determinação, à nossa vida diária.

Tome, um entre um número infinito de exemplos, nossas leis de zoneamento. A grande maioria das pessoas que apoiam e votam em leis de zoneamento, sem dúvida, pensam-se firmes em aderir aos conceitos de livre iniciativa e propriedade privada, enquanto na verdade seu apoio é uma das ferramentas mais importantes para minar esses mesmos princípios.

Aqui está um homem, Sr. Smith, vivendo em um certo lote em uma casa de \$20.000. Ele então descobre que o Sr. Jones comprou o terreno vago ao lado e pretende construir uma casa de \$10.000 na propriedade — ou, pior, ainda, pretende se mudar em um trailer (ou "casa móvel") no qual irá morar. Smith fica altamente agitado; ele teme que uma casa muito mais barata ao lado irá baixar o valor de mercado de sua própria propriedade, ou talvez ele seja esteticamente repellido à vista de uma casa móvel. O que, então, ele tipicamente faz em nossa gloriosa sociedade livre? Ele vai ao conselho de sua cidade local e faz com que aprovem uma portaria proibindo qualquer um de construir uma

casa que valha menos de \$20.000 na propriedade — em suma, ele se voltou àquele clube de tirania conhecido como a lei de zoneamento. Ele pisou impiedosamente na liberdade de iniciativa e no direito de propriedade de seu vizinho.

O que mais Smith poderia fazer, poder-se-ia perguntar, para manter o valor de sua propriedade ou as qualidades estéticas do lote ao lado? A resposta é muito simples. Em uma sociedade verdadeiramente livre, ele compraria o lote ao lado, ou, como alternativa, pagaria Jones, se este estiver disposto, os custos de colocar uma moradia mais cara. Em suma, em uma sociedade verdadeiramente livre, cada homem precisa pagar pelo que quer alcançar; ele não deve carregar o fardo de obter o que ele quer para o próximo homem pelo uso do clube e baioneta do governo organizado.

## Capítulo 3

### *Profanando a Bandeira*

A histeria está varrendo a terra sobre a suposta honra da bandeira americana, e em todo o país, legisladores estaduais e federais estão competindo uns com os outros em propor punições cada vez mais duras para o alto crime de profanação. Bisbilhoteiros de olhos ávidos investigam qualquer uso do pano da bandeira para vestimenta ou no teatro, e o braço longo da lei rapidamente estende a mão para prender e castigar esses criminosos muitas vezes culposos. Estamos à espera de algum patriota fervoroso propondo a morte por tortura pelo alto crime de maltratar um pedaço de pano com listras vermelhas e brancas.

Pois, se sentarmos por um momento e refletirmos sobre toda a questão, a primeira coisa que deve ficar claro é que é isso que a bandeira é: um simples pedaço de pano com listras paralelas de certas cores. E a primeira coisa que devemos nos perguntar é: o que há em um pedaço de pano que de repente o torna sagrado, santo e acima da profanação quando listras vermelhas e brancas são tecidas nele? Ao contrário de muitos políticos histéricos, a bandeira *não* é nosso país, e *não* é a liberdade do indivíduo. A bandeira é simplesmente um pedaço de pano. Ponto. Portanto, aquele que adultera ou profana esse pedaço de pano *não* está representando uma grave ameaça às nossas liberdades ou ao nosso modo de vida.

Considere as implicações de tomar a posição oposta: se a bandeira *não* é apenas um pedaço de pano, isso significa que alguma forma de transubstanciação mística ocorre, e que tecer um pedaço de pano de uma certa maneira de repente o investe com grande santidade. A maioria das pessoas que reverenciam a bandeira dessa forma são religiosas; mas aplicar a um objeto secular esse tipo de adoração não é nada mais do que idolatria.

Os religiosos devem estar sempre atentos à adoração de imagens graves, e sua adoração por bandeiras do Estado só pode ser esse tipo de idolatria.

Se, de fato, a bandeira é um símbolo de qualquer coisa ao longo da história, tem sido o padrão de batalha do Estado, a bandeira que ele levanta quando entra em batalha para matar, queimar e mutilar pessoas inocentes de algum outro país. Todas as bandeiras estão encharcadas de sangue inocente, e reverenciar esses tipos particulares de pano torna isso não somente idolatria, mas grotesca idolatria, para qualquer um que ama a liberdade individual.

Há outro ponto crucial em toda essa controvérsia que ninguém parece ter mencionado. Quando alguém compra pano de bandeira, esse pano é sua propriedade privada, para fazer com o mesmo o que ele desejar (...) para reverenciar, colocar em seu armário (...) ou profanar. Como alguém pode acreditar o contrário se acredita no direito da propriedade privada? Leis e portarias anti-profanação são invasões ultrajantes do direito de propriedade privada, e só nessa base elas devem ser revogadas imediatamente.



## Capítulo 4

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte I*

Qualquer impulso atual para a abolição da escravidão só atrairia encolher de ombros apáticos do público americano. Não foi a escravidão abolida nos Estados Unidos há mais de um século, e não estão os únicos sinais remanescentes disso confinados a países atrasados como o Iêmen e a Arábia Saudita? A resposta é enfaticamente, Não! e devemos dedicar uma série de colunas para apontar a vasta quantia de escravidão que ainda existe — despercebida e aceita — nos bons e velhos EUA. Como em todos os casos de escravidão, eles clamam pela abolição, mas até agora poucas vezes, se alguma, foram levantadas para assumir esse grito nobre.

O excelente exemplo da escravidão ainda existente nos Estados Unidos é, naturalmente, o alistamento militar. Um século atrás, os americanos adicionaram a 13ª Emenda à Constituição, que aboliu a servidão involuntária. Se o alistamento militar não é servidão involuntária, é difícil saber como esse termo pode ser definido, e ainda assim nenhuma parte do sistema judicial americano se preocupou em trazer a servidão da conscrição sob a rubrica da Décima Terceira Emenda.

Quase todo mundo admite que as operações atuais do sistema de alistamento militar são absurdas e injustas, nas quais alguns jovens são agarrados enquanto outros ficam permanentemente livres. Para corrigir esse tipo de desigualdade de opressão, há duas direções em que podemos nos mover: alistar-militarmente todos, ou abolir o alistamento militar completamente. Essa ideia de que se alguns são convocados, então todos devem sentir o jugo equivale a dizer, nos dias da escravidão negra, (a) que se um escravo consegue fugir, ele deve

ser arrastado de volta à escravidão para ser "justo" com suas companheiras vítimas, e (b) que todos na sociedade devem ser escravizados igualmente. O libertário, em contraste, quer que todos estejam livres do alistamento militar ou da escravidão à moda antiga, mas ele aplaude quando alguém é capaz de escapar do jugo monstruoso. A escola "alistar-militarmente todos" dos igualitários, além disso, nunca poderá ter sucesso em seu objetivo de impor uniformidade compulsória a todos. Porque mesmo que todos sejam convocados para o "serviço nacional", um estado que os secretários [Robert S.] McNamara e [W. Willard] Wirtz podem estar visando, apenas um pequeno número será enviado para as linhas de frente do serviço militar; outros terão que cultivar alimentos, produzir equipamentos, participar das linhas de abastecimento, etc. Assim, qualquer tentativa de impor igualdade de condições viola a natureza do mundo e deve falhar.

O caminho racional, portanto, é torcer quando alguém escapa do alistamento militar e clamar por sua abolição, não tentar fazer todos sofrerem "igualmente". A única igualdade que pode ser alcançada no mundo, daí o único conceito racional de igualdade, é a igualdade na liberdade.

## Capítulo 5

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte II*

Um argumento comum a favor do alistamento-escravidão é que todos têm a “obrigação igual de servir” ao governo dos EUA. Mas, além da moralidade duvidosa de forçar todos a sofrer tanto quanto todos os outros, essa igualdade de obrigação é impossível de alcançar, porque nem todos podem ter tempo igual na linha de frente. Apenas alguns podem estar na linha de frente, isso sem mencionar os aleijados, deficientes físicos, etc.

Outro argumento comum para a conscrição é que esse grau de compulsão é necessário para a "defesa". Mas então surge a pergunta: defesa de quem? Logicamente, isso pode ser a defesa da própria pessoa convocada, *ou* a defesa de outras pessoas. Em suma, podemos alistar *A* ou para defender a si mesmo, ou para defender *B*, *C*, *D*, etc.

A ideia de que *A* deve ser alistado porque é necessário para sua própria defesa é uma bastante peculiar. Se o Sr. Jones precisa estar no exército para defender a si mesmo, então seria de pensar que ele deveria decidir isso por si mesmo voluntariamente, e saltaria à gloriosa chance oferecida a ele. Se ele realmente precisa estar no exército para se defender, então ele vai ver isso e fazer a escolha por conta própria; não há necessidade de o Estado empregar coerção para fazê-lo fazer isso. Além disso, a ideia de que os adultos devem ser forçados a fazer as coisas "para o seu próprio bem" é uma completamente totalitária. É bom, digamos, que o Sr. Jones tenha *X* número de vitaminas por dia. Isso significa que ele deve ser forçado por lei a consumir essa quantia, e que uma vasta Gestapo de impositores da lei seja contratada para que ele não desrespeite a majestade da lei?

Além disso, escravizamento é um tipo peculiar de "defesa" contra a hipotética agressão futura de algum inimigo contra o Sr. Jones. Podemos muito bem perguntar: que tipo de agressão esse "inimigo" nebuloso cometeria contra Jones que seria pior, ou quase tão ruim quanto, ser escravizado em um exército no qual ele poderia muito bem matar e ser morto?

Nada que qualquer futuro e mal visto inimigo lhe faça é provável de ser tão cruel quanto a ação cometida contra ele pelo "seu" governo, aqui e agora. Um tipo curioso de defesa, em verdade!

E quem, podemos perguntar, está por perto agora para defender Jones contra as pessoas que estão lutando contra ele a ponto de escravizá-lo em uma máquina militar? Quem está lá para defender o recruta contra seus autoproclamados "defensores"?

Durante séculos, os governos têm alardeado inimigos distantes como desculpa para escravizar e enviar para as suas mortes pessoas que não poderiam estar piores se o bicho-papão realmente se materializasse. Já é hora de pararmos. Já é hora de impedirmos nossos governantes de usar esse tipo de jogo para justificar a escravidão e o assassinato em escala massiva.

## Capítulo 6

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte III*

Alguns daqueles que argumentam pelo alistamento-escravidão admitem que seria errado alistar alguém para que ele pudesse defender *a si mesmo* contra algum Inimigo remoto. Mas, eles acrescentam, a conscrição é necessária para que a Sociedade possa ser defendida contra o inimigo estrangeiro. Mas primeiro precisamos perceber que, como o falecido grande individualista Frank Chodorov uma vez disse, “A sociedade são as pessoas.” “Sociedade” é, simplesmente, toda pessoa, exceto *você*. Com que direito, então, *A*, *B*, *C* e *D*, colocam suas cabeças juntas para decidir que *E* deve ser escravizado para lutar pela defesa *deles*? Certamente essa é uma doutrina moral monstruosa. Se *A*, *B*, *C*, etc., realmente se sentirem ameaçados por algum invasor externo, então deixe-os tomar as medidas para financiar a partir de seus próprios bolsos a defesa militar supostamente necessária para combater essa ameaça; e deixe-os ou lutar na própria defesa deles ou contratar alguém que está disposto a fazer isso por eles.

Há um amplo precedente para isso: empresas e instituições contratam guardas e vigias noturnos, milionários contratam guarda-costas, etc. Então deixe nossos patriotas temerosos ou se juntarem eles mesmos ou contratar pessoas para defendê-los. Por que deve o resto de nós, que ou acha que a Ameaça Estrangeira é um monte de *nonsense* ou que consideram a suposta defesa tão ruim quanto a doença, ser forçado a pagar pela proteção daqueles que a querem? Você e eu não somos forçados a pagar pelos guardas e vigias noturnos daqueles que os contratam; nem devemos ser forçados a pagar pela defesa dos outros em escala nacional. E ainda mais devemos não ser autorizados a escravizar jovens relutantes e pagar-lhes salários tradicionais de escravos pelo privilégio de nos defender, ou a travar uma guerra na qual

eles não acreditam ou à qual eles se opõem. Que aqueles que se sentem ameaçados se defendam ou contratem homens dispostos para sua defesa. Qualquer outra configuração é a escravidão e confisco de propriedade privada em benefício de outros, ou seja, é roubo em larga escala.

Alguns estudantes libertários da Universidade de Chicago lançaram recentemente o Conselho pelo Voluntariado Militar, dedicado a abolir o alistamento obrigatório, e eles conseguiram recrutar apoiadores de todo o espectro ideológico, de Norman Thomas e James Farmer à esquerda, a Karl Hess, escritor de discursos de Barry Goldwater, e o professor Milton Friedman. Mas, em um esforço para alcançar a respeitabilidade, eles fizeram seus argumentos quase puramente técnicos e pragmáticos: que os custos de um exército voluntário não seriam muito grandes, que o treinamento contínuo de novos recrutas é caro e ineficiente, etc. Embora o Conselho reconheça a injustiça de escravizar alguns homens a baixos salários e, assim, "taxá"-los mais do que o resto da cidadania, sua ênfase na economia técnica e pragmática perde o ponto realmente crucial. O problema não é a ineficiência de um exército conscrito; o problema é a imoralidade bruta — na verdade, a criminalidade maciça — de recrutar jovens para serem chutados por anos de suas vidas, e depois matar ou serem mortos contra sua vontade. Se essa consideração moral fundamental não é "respeitável" nos dias de hoje, então tanto pior para a respeitabilidade. Na verdadeira forma pragmática, além disso, o Conselho pelo Voluntariado Militar concede a sabedoria do treinamento militar universal como uma reserva de emergência. Com esse tipo de temporização, o alistamento-escravidão nunca será abolido. Para alcançar a abolição, a monstruosidade do alistamento obrigatório deve ser cantada, alto e claro e sem temor.

## Capítulo 7

### *A Crise do Oriente Médio*

Não podemos entender completamente a natureza da crise no Oriente Médio apenas seguindo as manchetes de hoje e de ontem. Há fatores muito mais profundos e duradouros em operação do que apenas quem comanda o Estreito de Tiran ou quem é responsável pela última escaramuça fronteiriça na Faixa de Gaza. A primeira coisa com que nós, como americanos, devemos nos preocupar é com o absurdo da posição fundamental da política externa do governo dos EUA. Essa é uma doutrina que os Estados Unidos adotaram pela primeira vez, para sua desgraça, no final dos anos 1930 e tem se apegado desde então: a doutrina da "segurança coletiva". A tese de segurança coletiva pressupõe que, em qualquer momento em que se esteja, a distribuição territorial dos Estados na superfície do mundo é justa e adequada. Qualquer perturbação forçada de qualquer fronteira governamental em qualquer lugar, então, automaticamente se torna "agressão" que deve ser combatida ou por todas as outras nações ou pelos próprios Estados Unidos, agindo como um "policia mundial".

Em suma, toda a tese da segurança coletiva que guiou a política americana por trinta anos repousa em uma analogia ridícula à propriedade privada e da função da polícia na defesa dessa propriedade. Mr. Jones é dono da propriedade; não é, certamente, absurdo dizer que ele tem um direito moral absoluto a essa propriedade e que, portanto, qualquer invasão dessa propriedade à força é imoral e injusta. Também não é absurdo, então, dizer que é justo que a propriedade do Sr. Jones seja defendida por alguma forma de polícia (se pública ou privada, não está aqui em questão).

Mas certamente é pior do que absurdo saltar desse conceito de propriedade privada justa a dizer que o território *de um Estado* é igualmente justo, apropriado e sacrossanto, e que, portanto, qualquer invasão do território autoproclamado desse Estado é tão perversa quanto a invasão de propriedade privada e merece ser defendido por alguma forma de "polícia". Todo território do Estado, sem exceção na história ou em qualquer parte do mundo, foi obtido, não por meios produtivos voluntários legítimos, como os usados pelo Sr. Jones ou seus antepassados, mas por coerção e conquista violenta. Portanto, nenhuma alocação do território — certamente nenhuma alocação do território que existe em qualquer momento — é *ipso facto* adequada e justa e merecedora de qualquer forma de defesa. Se, no ano 1, a Ruritânia agarra parte do território da Waldonia à força, então certamente não faz sentido que os Estados Unidos ou algum outro grupo intervenha com indignação íntegra quando, no 5º ano, Waldonia tentar recuperar esse território. No entanto, isso é precisamente o que está implícito em toda a teoria sobre a qual as Nações Unidas estão fundamentadas, e na política externa dos EUA para "garantir a integridade territorial de todas as nações do Oriente Médio".

Básico para a crise atual no Oriente Médio é o fato de que o território israelense, como o porto de Elath, e de fato toda a área do deserto de Negev em torno de Elath, que agora é um grande osso de discórdia entre Israel e as potências árabes, foi capturado à força dos árabes por Israel em 1948. Para os EUA, então, ir à guerra para "defender a integridade territorial" de Israel no Negev seria, por esse e por muitos outros motivos, o auge da loucura.



## Capítulo 8

### *Estamos em uma Recessão!*

Vivemos em uma terra de eufemismo, de mudar rótulos de modo a embelezar ou branquear as características duras da realidade. E assim, os coveiros tornaram-se agentes funerários, agentes imobiliários tornaram-se corretores de imóveis, agentes de imprensa se transformaram em conselheiros de relações públicas, e até mesmo caçadores de ratos foram transformados em engenheiros exterminadores. Assim tem sido com as características duras da nossa realidade econômica.

Até o final da década de 1930, quando a economia desacelerou e a atividade econômica diminuiu, todos os economistas chamaram tais *períodos de depressão* — e o público sabia que, se os períodos de contração eram leves ou graves, eram *depressões*. Ponto. Mas então, quando as panaceias chamadas de medicamento foram patenteadas pelo New Deal para acabar com a depressão do início dos anos 1930 levou apenas para outra grave crise em 1937, os *Brain Trusters* do New Deal decidiram que se não pudessem consertar a realidade, poderiam pelo menos fazer malabarismos com seus rótulos. E assim *a depressão* milagrosamente se tornou *recessão*. Depressões foram banidas da terra, para nunca mais voltarem — por definição. De agora em diante, todas as contrações econômicas seriam chamadas pelo nome mais suave da *recessão*.

O resultado foi que, enquanto as depressões eram magicamente banidas, começamos a sofrer uma série de recessões, mergulhos que pareciam suspeitamente como as depressões obsoletas: em 1948, 1953, 1957 e 1960. Após o longo boom de 1961 a 1966, um dos mais longos da história americana, nossos gestores econômicos começaram a alardear a ideia de que recessões, bem como depressões, eram coisa do passado, vítimas

da gestão de “ajustes de precisão” dos mágicos reguladores e controladores da Nova Economia. Que choque, então, quando a economia começou inexoravelmente a mergulhar e contrair novamente no final de 1966! Estava a realidade novamente prestes a destruir a querida alardeação dos *Brain Trusters* da nação?

Mas não! Pasmem! Eufemismo e malabarismo de nomes vieram mais uma vez para o resgate. A *recessão*, também, parece ter sido banida por definição. Nossos especialistas econômicos não puderam negar que suas próprias estatísticas revelaram uma desaceleração considerável na economia: na habitação e construção, nos lucros corporativos, nos bons investimentos de capital e na produção industrial — em suma, em todos os indicadores aceitos do que está acontecendo na economia. Mas essa contração não tem sido chamada, que os céus nos livre, pelo termo “recessão”, que agora é muito severo para o consumo americano. Sofremos, desde o final de 1966, de um “reajuste ondulante”, um “movimento lateral” ou “uma pausa” — dependendo de qual especialista você lê. Mas não deixe que eles te enganem: estamos em uma *recessão* sólida e antiquada — se não, depressão — embora obviamente não seja uma particularmente severa. É possível que quando, como parece provável, sairmos da recessão no final deste ano, os economistas e gestores do país admitam que *estávamos* em recessão —, mas que *agora* as coisas estão bem e ficando cada vez melhores que nunca. Ou é ainda mais provável que a palavra recessão seja enterrada silenciosamente para sempre. Então agora temos de nos preocupar com “pausas” ou “reajustes”.

A melhor maneira de vencer essa baboseira é no espírito do garoto irritado no velho desenho animado *nova-iorquino*: a mãe implora para o garoto: “Coma seu brócolis, querido.” Ao que o rapaz responde: “Eu digo que é espinafre, e eu digo para o inferno com ele!”

## Capítulo 9

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte IV*

O alistamento obrigatório é obviamente o exemplo mais flagrante da escravidão na vida americana, e felizmente muitas vezes tanto da esquerda quanto da direita estão agora sendo levantadas para pedir a abolição desse usurpador [*despoiler*] da liberdade. Mas há outros exemplos críticos e difundidos de escravidão na cena americana que, por alguma razão, passaram despercebidos até mesmo entre libertários dedicados.

Um exemplo vital é as próprias forças armadas. Até mesmo para um exército voluntário pratica a escravidão em grande escala! É verdade que um exército voluntário atrai seus recrutas por livre escolha dos homens que se alistam. Mas o que acontece depois que eles se alistam? Suponha que um homem se aliste no exército por cinco anos. Suponha que depois de dois anos ele se canse da arregimentação da vida militar e decida sair para um emprego melhor? Ele pode fazer isso? De nenhum modo! Em todas as outras ocupações da sociedade, um homem pode largar o emprego quando quiser, e ou aceitar outro emprego ou parar de trabalhar completamente. Certamente esse direito é fundamental para uma sociedade livre; sem o direito de sair, um homem é um escravo, mesmo que ele originalmente tenha aceitado o trabalho de modo puramente voluntário. Mas um alistado nas forças armadas não pode desistir antes que seu termo termine. Se ele tentar, ele é julgado e preso sob a dura lei militar. Isso é trabalho forçado e servidão involuntária, de qualquer modo que se olhe para isso.

Há outras ocupações, também, onde um homem pode assinar um contrato para trabalhar por um período de anos; ele

pode, por exemplo, assinar por cinco anos como geólogo para trabalhar na Arábia. Mas ele está autorizado a sair; ele pode ser considerado um leproso moral se ele quebrar seu contrato, ele pode ser colocado na lista negra por outras empresas contratando geólogos, mas ele não é preso por fazê-lo.

Contraste, então, as forças armadas com um tipo de ocupação muito semelhante: a força policial local. Um homem é livre para sair da força policial a qualquer hora que ele quiser; por que então ele não deve ser livre para sair do exército também? As forças armadas serão centros de escravidão não só enquanto o recrutamento-militar existir, mas ainda mais, desde que um homem seja forçado a ficar no exército por qualquer período de tempo depois de ele decidir que prefere encerrar o trabalho.

Nenhum homem está livre se ele não tiver o direito de sair do emprego. Ninguém nega esse direito em todas as ocupações — menos uma: nas forças armadas, onde essa demissão é chamada de "deserção" e é encarada com a prisão ou mesmo com o pelotão de fuzilamento.

Se nos chamamos de país livre, esse sistema precisa ser abolido.

## Capítulo 10

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte V*

A conscrição e o militarizado são os exemplos mais óbvios e flagrantes da escravidão na vida americana hoje. Mas há outros — e essas áreas sofrem de muito mais negligência. Um exemplo generalizado de escravidão na América atual é a escravização de nossas crianças, conhecido como *leis de frequência compulsória*. As leis de frequência compulsória significam que até uma certa idade — às vezes dezesseis, às vezes dezoito — toda a nossa população de crianças é forçada a entrar em um recinto confinado, muitas vezes mais ou menos desprovido de educação verdadeira, conhecido como uma “escola”. Na maioria das vezes, além disso, essa é uma escola “pública” (ou governamental).

Agora a escolaridade pode ser uma grande coisa, mas, como muitas outras coisas boas, *não* é boa para todos. Muitas pessoas não têm nem a inclinação nem a capacidade da escolaridade, e muitas delas estariam muito melhor gastando esses anos ansiosos e formativos trabalhando em um trabalho de sua escolha, do que os gastando miseravelmente, resignados ou amargurados, em uma casa de detenção supostamente benevolente conhecida como uma escola pública. Por que há tanta delinquência juvenil hoje em dia? Bem, com o risco de simplificar demais,  *você* não tenderia a se tornar delinquente se  *fosse* encarcerado em uma escola por força da baioneta governamental, em um lugar para o qual  *você* não tinha nem a capacidade nem a inclinação?

A América cresceu excelentemente em uma sociedade na qual poucos homens foram para o ensino médio, muito menos para a faculdade, e na qual muitos trabalhadores e empresários se desenvolveram e prosperaram no trabalho, e sem desperdiçar

muitos anos tentando se tornar estudiosos, uma tarefa para a qual eles não eram apropriados. É absurdo pensar que todos precisam ou devem ter uma educação universitária, e é lamentável que muitos empresários tenham sofrido lavagem cerebral por esse mito geralmente sustentado de modo que quase qualquer trabalho acima do status de escavador de valas hoje em dia requer um diploma de escola secundária, ou mesmo de uma faculdade. O pior de tudo, milhões de jovens tiveram seus espíritos quebrados, e suas carreiras frustradas ou despedaçadas, por meio dessa canalização coagida para o mundo da escolarização e da erudição.

Acredita-se muitas vezes que, neste mundo moderno de tecnologia avançada, a longa frequência escolar tornou-se necessária. Porém, isso não é verdade. Estudos e experimentos recentes mostraram que aqueles que abandonaram a escola, depois de não aprenderem nada em oito ou dez anos de escolaridade compulsória, têm sido, em poucas semanas, capazes de aprender o suficiente com o treinamento industrial privado para assumir empregos com sucesso na indústria.

Há *um* método astuto para essa loucura: quanto mais crianças artificialmente mantidas fora do mercado de trabalho, mais o governo “lida com” o problema do desemprego, e mais pessoas são mantidas fora da força de trabalho que de outra forma competiriam com, e rachariam, a estrutura artificialmente alta das leis do salário-mínimo e as taxas salariais impostas pelo sindicato. Assim, os sindicatos — que, por razões semelhantes, impõem períodos absurdamente longos de formação de aprendizagem, para baixos salários, sobre seus membros iniciantes — têm sido os mais ansiosos para manter os jovens fora da força de trabalho pelo uso da baioneta do Estado. Como o eminente Paul Goodman escreveu em seu brilhante trabalho, “Compulsory Mis-education”, “Distorça e transforme como quiser, não há lógica para a proposta de estender a escolaridade compulsória, *exceto* como um dispositivo para manter os

desempregados fora das ruas, colocando-os em campos de concentração chamados escola."

Felizmente, nos últimos anos, escritores e sociólogos como Goodman e Edgar Z. Friedenberg viraram uma luz cáustica em nosso sistema de escolaridade compulsória; pela primeira vez em muitas décadas, esse sistema travesso está sob escrutínio cuidadoso e crítico.





## Capítulo 11

### “Pequena” Israel

Por que a onda de adulação e admiração que saudou a guerra de conquista, à la *blitzkrieg*, de Israel contra os países árabes? Que saudou a conquista, isto é, nos Estados Unidos; a maior parte do resto do mundo ficou atordoada e horrorizada. Uma doença devorou seu caminho até a alma americana?

Todos nós simplesmente amamos um vencedor — mesmo que ele ganhe por meio do poder de fogo, ataque surpresa e táticas móveis *blitzkrieg*? Mesmo que ele ganhe, como Israel fez, lançando napalm em mulheres e crianças inocentes em aldeias árabes? Perdemos todo o senso de princípio moral, todo senso de justiça?

Duas razões principais foram avançadas para a aclamação da opinião pública americana sobre o estado de Israel. Uma delas é que é um "bastião do anticomunismo no Oriente Médio". Esse é um argumento estranho, uma vez que, em primeiro lugar, nenhum dos países árabes é comunista ou algo parecido; todos são governados por muçulmanos profundamente religiosos.

Claro, os árabes aceitaram ajuda militar da Rússia soviética, mas só depois de descobrirem que não poderiam obter tal ajuda dos EUA, que estava armando Israel em vez disso. E, além disso, os países árabes certamente não são mais socialistas do que Israel: Israel tem sido governado, desde a sua criação, por um partido declaradamente socialista (o Mapai); tem uma proporção muito grande de sua economia nas mãos do governo; e tem um movimento sindical fantasticamente forte (o Histadrut) que, como um Estado virtual dentro de um Estado, controla e é dono de uma grande parte da economia de Israel por si só.

E, além disso, existe em Israel os famosos kibutzim, que são comunas, nas quais o comunismo (em seu verdadeiro sentido de ausência virtual de propriedade privada) é praticado em uma escala muito mais intensa do que em qualquer país comunista do mundo (com exceção da China).

E embora a membresia aos kibutzim seja geralmente voluntária, há também muitos refugiados israelenses literalmente escravizados ao kibutz, e que não podem deixá-lo até que eles "paguem de volta" ao governo de Israel o dinheiro da passagem da Europa para Israel. Além disso, uma vez que seu salário no kibutzim é muito baixo, é quase impossível para eles resolverem seu período, e assim eles permanecem, muitas vezes com grande relutância, em trabalho forçado nas comunas de Israel.

O outro argumento comum é que Israel é "pequeno", comparado aos seus vizinhos árabes, e, portanto, merece admiração como um *underdog* cercado por gigantes, como Davi cercado por vários Golias. A "pequenez" aqui é uma leitura completamente equivocada dos assuntos mundiais; seria tão absurdo saudar a Grã-Bretanha quando ela conquistou a Índia muito facilmente.

Devemos considerar o Império Britânico como o "underdog", já que a população da Índia superou a Inglaterra em um enorme múltiplo? Certamente não: claramente o nível tecnológico e os padrões relativos de vida eram tão díspares, que a nação "menor" poderia facilmente conquistar e dominar a maior. O mesmo vale para o "pequeno" Israel. Os governantes de Israel não são do Oriente Médio, como seus vizinhos árabes; eles são em grande parte europeus, e além disso, eles são financiados muito fortemente por sionistas europeus e americanos ricos.

Esses, então, eram europeus que vieram nas costas e em conluio com o Império Britânico (do fim da Primeira Guerra Mundial até o fim da Segunda Guerra Mundial), com tecnologia, riqueza e *know-how* europeus, para tomar as terras e casas dos

árabes, e para colonizar a Palestina eles mesmos. Pensar nesses sionistas e israelenses como "underdogs", à luz da verdadeira situação, é nada menos que grotesco — como pode ser visto pelas rápidas guerras de conquista travadas por Israel em 1948, 1956, e agora.



## Capítulo 12

### *“Rebelião” em Newark*

Quando ouvimos falar de Newark — ou Watts, ou Buffalo, ou das outras insurreições negras dos últimos anos — a primeira coisa que precisamos fazer é ganhar e manter alguma perspectiva sobre esses eventos despedaçados. Um ponto importante a ser lembrado é que a esmagadora maioria dos mortos e feridos desses conflitos foram negros — e a maioria deles baleados pelos Guardas Nacionais que são tão rápidos em se mover para as áreas de problemas. Em suma, a lição mais importante a ser aprendida com Newark ou Watts é que nós americanos nos enganamos quando pensamos em nós mesmos como vivendo sob um "governo livre", quando pensamos em nosso governo como operando por algum tipo de consentimento voluntário. Ordinariamente, quando as coisas estão indo bem e há pouco para interromper o reinado permanente do Estado, não vemos a violência, coerção e terror na raiz da própria existência e operação de todos os nossos governos, federais, estaduais e locais. Mas que surja qualquer problema para estragar o funcionamento pacífico dessa regra coercitiva, e o Estado reverte — sempre tão rapidamente — ao seu verdadeiro papel: o da violência nua e organizada.

Observe quão rápido e ansiosamente o Estado mobiliza sua Guarda Nacional ao primeiro sinal de qualquer perigo para uma de suas unidades de violência: a polícia local. Note a rapidez com que o Estado transforma suas cidades em um campo armado, estrondando pelas ruas em seus APCs [veículos blindados de transporte pessoal], atirando com suas metralhadoras e canhões em "qualquer coisa que se mova" — na terminologia militar clássica. Observe a rapidez com que esses servos do Estado impõem toques de recolher obrigatórios aos seus cidadãos pacíficos, como eles bloqueiam — em violação de todas as

liberdades humanas — áreas inteiras de uma cidade e impedem que qualquer pessoa entre ou saia, como eles fecham todas as lojas de bebidas e proíbem todas as vendas de bebidas alcoólicas. A filosofia do Estado nunca foi tão bem expressa como em uma ordem que passou pelos rádios da polícia de Newark quando sentiu que a violência das forças armadas do Estado era insuficiente: "Use suas espingardas e revólveres. Use suas espingardas e revólveres. É para isso que você os tem." E uma voz respondeu: "Já era a hora." Aí está a voz do Estado.

Um segundo ponto a ser percebido é o pano de fundo da rebelião. Três coisas desencadearam o tumulto: primeiro, o mal sempre presente da brutalidade policial, uma brutalidade endêmica nas áreas do gueto negro, embora aqueles de nós que são brancos de classe média alta sintam isso apenas tangencialmente e de passagem (exceto se acontecer de sermos radicais ou "subversivos"). A brutalidade policial como um fato permanente e desenfreado não deve nos surpreender, pois qualquer grupo, dado um monopólio legal da violência, procederá ao uso da violência e desse monopólio da melhor maneira e tão frequentemente quanto puder. As outras duas questões que irritaram os negros de Newark foram as agressões do Estado contra os cidadãos negros que constituem a maioria da cidade, mas não têm poder em seu governo. Um deles foi a não nomeação de um negro como secretário do Conselho de Educação de uma cidade em que a matriculabilidade escolar de negros é superior a três quartos. Outra questão, e muito mais importante, foi o plano do governo de Newark de liquidar milhares de casas de negros no centro do distrito negro da cidade para abrir caminho para um campus da Faculdade estadual de Medicina e Odontologia.

Não é por acaso, finalmente, que a insurreição negra começou depois que um taxista negro foi espancado e preso pela polícia; e começou como um ataque mobilizado, escalando de tomates para coquetéis Molotov, sobre a delegacia ofensiva.

## Capítulo 13

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte VI*

Algumas variedades de escravidão permeiam a vida americana hoje e não são reconhecidas — até mesmo pelos libertários convictos. Tome, por exemplo, um caso flagrante que, até onde eu sei, nunca foi atacado nem mesmo pelo individualista mais consistente: o *dever de júri compulsório*.

O trabalho de júri pode ou não ser uma tarefa nobre, mas o ponto vitalmente importante sobre esse trabalho é que ele é conduzido sob condições de escravidão; pois, embora o período da escravidão possa ser curto, o dever de júri compulsório é escravidão, não obstante. Os homens são encaminhados para fora de seus empregos e arrebanhados, sob pena de prisão, para os tribunais, onde eles precisam sentar ou fazer um real serviço de júri por várias semanas, ao pagamento de pagar aproximadamente o de um coolie asiático. O que é isso se não a escravidão, se não a servidão involuntária?

Defensores do sistema de júri compulsório afirmam que os jurados devem constituir uma seção transversal da comunidade, e que isso não ocorreria se o serviço de júri fosse voluntário. Em primeiro lugar, os jurados nunca são seções transversais da comunidade; eles são invariavelmente escolhidos a dedo por ocupações "preferidas" e níveis de renda. É raro, por exemplo, ver um trabalhador desempregado em um júri, mesmo que ele seja precisamente o tipo de pessoa que pode estar disposta a servir, mesmo nos níveis minúsculos de pagamentos dos dias de hoje.

Mas o ponto importante não é que os jurados são invariavelmente escolhidos a dedo e discriminatórios; o ponto

importante é que o serviço do júri é servidão involuntária. Precisamente *porque* o trabalho de júri é tão importante para as vidas e propriedades das pessoas, é vital ter pessoas em júris que vão lá de bom grado e voluntariamente. E é vital, também, pagá-las o suficiente para que elas estejam dispostas a realizar esse serviço.

Se seus defensores estão certos, e o sistema de júri não pode sobreviver voluntariamente, então tanto pior para o sistema de júri. Qualquer instituição que não possa sobreviver com base na liberdade de trabalho claramente não vale a pena sobreviver.

Se vamos alistar jurados para salários escravos, por que não recrutar nossos juízes também? Ou recrutar advogados em geral? Advogados, no entanto, estão isentos da escravidão compulsória do júri, e, portanto, nossos legisladores, que são em grande parte advogados, tendem a olhar benignamente para esse sistema de alistamento.



## Capítulo 14

### *Guerra Civil em Julho de 1967*

#### *Parte I*

Tanques ressoando pelas ruas, edifícios inteiramente rajados por tiros de metralhadora, os escombros permeando as cidades assim como na Alemanha em 1945, toques de recolher obrigatórios e bloqueios impostos — quem teria pensado durante a Era da Apatia na década de 1950 que, uma década depois, a América seria reduzida a isso? E quem pode agora negar que os negros na América são um povo colonizado e ocupado? Os tanques, os guardas nacionais e a polícia estadual, as tropas federais, são apenas a manifestação externa desse fato sempre presente.

Pergunte a si mesmo: Se um bairro branco estivesse se rebelando e saqueando, os edifícios seriam pulverizados em massa por tropas estaduais e federais, ferindo e matando milhares de pessoas inocentes? Toques de recolher seriam impostos e ruas bloqueadas? As buscas entre apartamentos seriam feitas, como em Plainfield, Nova Jersey, quebrando portas e destruindo móveis sem se preocupar com mandados de busca? Dos milhares de feridos durante essa guerra civil virtual de julho de 1967, quase todos eram negros, e a grande maioria foi baleada por tropas brancas com dedos nervosos, preocupadas apenas em “atirar em tudo que é negro e que se move”, nas palavras de um oficial. Uma vez que o maior grau de devastação e tiroteio foi realizado pelas tropas estatais, estamos justificados em chamar a guerra civil de julho de um exercício de violência contrarrevolucionária em massa perpetrada pelo governo, em resposta a uma rebelião negra muito mais limitada contra um Estado branco. Pois quando a própria base do Estado é desafiada, ou parece ser, a violência do Estado é muitas vezes maior que a dos rebeldes.

E pergunte a si mesmo: Com que direito o Estado se move e atira em saqueadores? Certamente os saques não podem ser perdoados, mas a pena capital para saques, que é o que o tiro equivale, é tão criminosa e injustificável. Na minha visão, um criminoso perde os direitos que ele tira de outra pessoa; e, portanto, um assassino, que tira de outra pessoa seu direito à vida, merece pena capital. Mas, certamente, e por quaisquer padrões morais conhecidos, a pena capital por mero roubo é uma punição tão excessiva que, por sua vez, resulta no assassinato criminoso da vítima. Todos nós nos recordamos dos dias da Grã-Bretanha pré-Revolução Industrial, quando pequenos ladrões eram executados. Vamos voltar àquela brutalidade agora?

Talvez o aspecto mais incrível da guerra de julho tenha sido o decreto do prefeito de Milwaukee — que foi universalmente aplaudido — forçando todos a sair das ruas! Isso, com certeza, acabou com o tumulto, mas o que fez com a liberdade de todos em Milwaukee? Podemos tolerar um país onde ninguém pode ir às ruas porque alguém pode cometer um crime? O prefeito só terminou os tumultos em Milwaukee transformando aquela cidade em uma vasta prisão, e homens livres não podem tolerar esse tipo de ação.

Se os negros na América são, de fato, um povo ocupado e colonizado, então devemos considerar seriamente uma solução que, abruptamente declarada, parece absurda e ridícula: a divisão dos Estados Unidos em nações brancas e negras. Essa solução será explorada em colunas futuras.

## Capítulo 15

### *Guerra Civil em Julho de 1967*

#### *Parte II*

O fato mais revelador da guerra civil de julho nas cidades americanas foi o paralelo contínuo com as atitudes e ações da guerra imperial americana no Vietnã. As atitudes das tropas americanas em relação aos negros nos guetos urbanos seguiram com estranha semelhança às de suas atitudes em relação a esse outro povo de cor oprimido: os vietnamitas. Isso além do fato de que os negros americanos são recrutados para lutar e morrer em números desproporcionais na Guerra do Vietnã.

Jornalistas relataram que, na equipe do governador [Richard J.] Hughes de Nova Jersey durante a luta, havia os “falcões” e as “pombas”. Termos como “clear and hold”, “procurar e destruir”, começaram a ser aplicados. Reveladora também foi a famosa entrevista (*New York Times*, 29 de julho) com o Major-General Almerin C. O'Hara, comandante da Guarda Nacional do Exército do Estado de Nova York. O General O'Hara pediu um “maior compromisso da força” para controlar os tumultos, e acrescentou a incrível declaração de que ele “não descartaria o uso de qualquer arma.”

A escalação mais uma vez levanta sua cabeça feia; alguém logo sugerirá o uso de armas nucleares táticas em cidades americanas? “Limpas”, é claro, para que o *fallout* não se filtre até áreas brancas.

O General, no entanto, assegura-nos que, embora ele contemple o uso de granadas de mão, bazucas e canhões sem recuo, as chances de usar artilharia pesada são “muito remotas”. Bem, devemos ser gratos por pequenas bênçãos.

O General O'Hara insistiu que as ações da Guarda Nacional devem estar sob a autoridade e as decisões dos militares, incluindo a escolha de táticas e armas, uma vez que “civis não são conscientes” desses delicados pontos finos. “São decisões militares que devem ser deixadas aos homens militares.” O'Hara também ressaltou que a Guarda Nacional não deve ser “indevidamente contida pela autoridade civil”, porque “se os militares forem capturados e perderem o controle, então o que se tem de resto?”

A resposta, ao que parece, não é nenhum controle, e em um país supostamente “amante da liberdade”, *isso é tão impensável?*

O general O'Hara admitiu que as técnicas padrão de controle de tumultos — enfatizando formações fechadas com baionetas prontas — “não são realmente adequadas para o tipo de guerra de guerrilha (essas são cidades americanas, lembre-se, *não* o Vietnã) e franco-atiradores que enfrentamos hoje em dia”. Em vez disso, ele disse que “os métodos militares usados para expulsar guerrilheiros para fora de uma aldeia no Vietnã poderiam ser adaptados à guerrilha nos guetos.”

“É claro”, acrescentou ele melancolicamente, “não podemos fazer exatamente o que faríamos no Vietnã. Lá fora, se você tivesse um franco-atirador em uma sala você iria apenas girar um tanque e disparar um projétil através da janela, destruindo toda a sala, e grande parte do prédio. Eu não acho que a opinião pública aceitaria o uso desse tipo de força aqui.”

Pobre General O'Hara. Ter de pisar em ovos assim! Mas anime-se, General. Temo que a opinião pública possa muito bem apoiar esse tipo de força — desde que, é claro, não seja usada em áreas brancas e de classe média. Se *isso* acontecesse, você realmente teria problemas em suas mãos.

## Capítulo 16

### *Guerra Civil em Julho de 1967*

#### *Parte III*

**O**bra-prima do Humor Inconsciente durante os Dias de Julho: a ousadia do Presidente Johnson em sua proclamação de 24 de julho: “Nós não vamos tolerar a violência. Não importa por quem é feita, ou sob qual slogan ou bandeira. Não será tolerada.”

Vamos saborear essa afirmação, certamente um clássico desse tipo. É uma declaração de um homem encarregado da maior máquina de violência, a mais poderosa coleção de poder destrutivo, na história do mundo. Vem de um homem encarregado do uso diário desse poder para bombardear, queimar e lançar napalm em milhares de mulheres, crianças e idosos inocentes no Vietnã. Que tal declaração venha, com toda a seriedade, do maior portador de violência do nosso tempo, e seja tomada com uma cara séria pelo público, demonstra o quão longe nossa sociedade foi pelo caminho da irracionalidade. Então, “não importa por quem é feita, ou sob qual slogan ou bandeira”, hein, Sr. Presidente? Isso inclui a bandeira de “salvar” do “Comunismo Internacional” as pessoas esmagadas e que sangram do Vietnã?

E aqui temos nosso Presidente fazendo uma declaração totalmente absurda, irracional e autocontraditória sobre violência, que ninguém parece pensar que está faltando qualquer mínima ordem nela.

Contrastemos com isso, a Obra-Prima do Humor Consciente do Mês, e a clareza e sanidade desta afirmação, por um extremista negro supostamente irracional, H. Rap Brown, chefe do SNCC [*Student Non-Violent Coordinating Committee* {Comitê Coordenador Estudantil Não Violento}]. Brown foi perguntado

em uma conferência de imprensa o que seria necessário para satisfazer militantes do poder negro. Brown respondeu: “Quero que Lyndon Johnson renuncie e vá para o Vietnã e lute — ele e sua família.” O repórter acrescenta que “os espectadores negros aplaudiram enquanto ele ignorava os pedidos dos jornalistas para que ele fosse ‘mais específico’”. Certamente Brown não pode ser culpado por esse deixar de lado; quão mais específico se pode ser?

O movimento negro percorreu um longo caminho desde os dias em que a integração compulsória era o objetivo e a NAACP {Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor} era a líder. O antigo movimento dos direitos civis foi completamente estatista e moderno-liberal; seu objetivo era usar o braço dos governos federal e outros para coagir os brancos a contratar, comer e viver com negros. O novo movimento, liderado por Rap Brown e Stokely Carmichael do SNCC, está total e radicalmente alienado do governo dos Estados Unidos e de toda a “estrutura de poder.” Para contrastar, mais uma vez, as duas declarações de LBJ e H. Rap Brown, LBJ proclamou: “Desde o seu primeiro dia, nossa nação tem sido dedicada à justiça, à igualdade — e à ordem”, enquanto Brown declarou: “O homem branco faz todas as leis, ele nos arrasta perante seus tribunais, ele nos acusa, e ele senta-se em julgamento sobre nós.”

Aí fala a voz de um verdadeiro nacionalista negro; e a lógica do nacionalismo negro, final e explicitamente declarada na Conferência Nacional do Poder Negro em Newark em julho deste ano, é uma república negra nacional totalmente separada e em secessão do governo dos EUA. Por mais absurdo que esses objetivos pareçam quando declarados pela primeira vez, essa é a lógica interna das rebeliões contínuas dos guetos negros, e essa é a direção em que essas rebeliões estão, querendo ou não, movendo-se. Pois as outras soluções tradicionais não vão funcionar. A solução conservadora de uma força cada vez maior não vai funcionar, pois durante os tumultos foi a entrada da

Guarda Nacional que estimulou e acelerou o corte retaliatório; a solução conservadora não pode funcionar, exceto se exterminar toda a população negra.

E nada é mais mórbido do que a solução liberal de um aumento dos fundos federais, mais playgrounds, e o resto do papo liberal. Detroit deveria ser a grande casa modelo das Relações Raciais Liberais, com muitos playgrounds, comitês inter-raciais, e todo o resto. Detroit sofreu uma guerra civil de uma semana e danos materiais de US\$ 1 bilhão. Detroit assassinou o liberalismo; já vai tarde.





## Capítulo 17

### *O Princípio de Secessão*

O general Gaulle foi repreendido, ridicularizado e xingado por toda a imprensa americana por se levantar no Quebec e gritar: “*Vive le Quebec Libre*” (Viva um Quebec Livre!). A mente americana parece totalmente incapaz de entender o princípio de secessão ou o desejo de uma minoria étnica oprimida de se separar e libertar-se da tirania da maioria. Nos Estados Unidos todo mundo riu e chamou Gaulle de um senil e trêmulo velho tolo; mas no Canadá, e acima de tudo em Quebec, ninguém riu. Eles estavam ou com raiva e amargos, ou eles aplaudiram, mas eles não riram. Pois eles sabiam que o Canadá é duas nações, e que os britânicos têm dominado os franceses no Canadá desde que a Grã-Bretanha invadiu e conquistou a Nova França (como o Canadá foi chamado) em meados do século XVIII.

Por que os franceses do Quebec não deveriam ter o direito de fazer uma secessão do Canadá e formar sua própria nação, onde sua própria língua e cultura prevalece? Nenhuma das fronteiras territoriais dos governos atuais do mundo são ordenadas por Deus; são todas produtos de forças históricas, a maioria injusta e coercitiva, com muitas resultando em minorias oprimidas e saqueando maiorias. Há todas as razões, então, pelas quais essas fronteiras e áreas estatais devam ser alteradas para se adequarem mais aos princípios da liberdade e da justiça.

Muitos libertários não conseguem entender por que se deve tomar qualquer posição sobre tal assunto como a secessão. Os franceses não estariam apenas montando um estado do Quebec, e por que isso seria melhor do que um estado canadense? Uma resposta é que a descentralização é em si boa, porque o Estado canadense será então enfraquecido e privado do poder sobre uma

área territorial; quanto mais estados o mundo for fragmentado em, menos poder qualquer estado pode construir, seja sobre seus próprios súditos infelizes ou em fazer guerra sobre povos estrangeiros.

Mas outra resposta é que, enquanto estados existem, é um ganho líquido eliminar a tirania de um estado sobre um grupo étnico minoritário, e a secessão desse grupo em seu próprio estado é, portanto, um importante ganho líquido para a liberdade. E há outra razão importante para saudar o princípio da secessão *per se*: pois se uma parte de um país é permitida a se separar, e esse princípio é estabelecido, então uma sub-parte dessa deve ser permitida a se separar, e uma sub-parte *dessa*, quebrando o governo em fragmentos cada vez menores e menos poderosos (...) até que finalmente se estabeleça o princípio de que *o indivíduo* pode se separar — e então teremos finalmente a verdadeira liberdade.

E por tantos motivos: princípio, liberdade étnica, destruição pragmática do poder do Estado Leviatã, princípio último da secessão individual, cabe a todos os amantes da liberdade saudar movimentos de secessão onde e como eles possam surgir. Portanto, vamos saudar a todos: o *Quebec Liberation Movement* {Movimento de Libertação do Quebec}, o nacionalismo escocês, o nacionalismo galês, a secessão do povo Ibo da Nigéria Oriental na república independente de Biafra, a secessão “de esquerda” do Congo Oriental e a secessão “de direita” de Katanga e, por último, mas não menos importante, a perspectiva de uma república negra se separando dos EUA. Daí a tragédia da derrota sulista na Guerra Civil, pois aquela derrota enterrou o próprio pensamento de secessão neste país daquele tempo em diante. Mas o poder não torna certo, e a causa da secessão pode levantar novamente.

## Capítulo 18

### *Deveria Haver um Aumento de Impostos?*

#### *Parte I*

Conservadores e libertários sofrem de uma falha em reconhecer quem é responsável pela marcha acelerada deste país ao estatismo. Ayn Rand escreveu uma vez que os Grandes Negócios são a minoria mais perseguida da América. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Desde a virada do século XX, até o período do New Deal, e até os dias atuais, grandes negócios estiveram na vanguarda da mudança de uma economia livre e de uma sociedade livre para uma em direção ao estatismo. Pois viu no Estado o que os mercantilistas — os grandes empresários de *sua* época — viram: uma oportunidade de ouro para conferir a si mesmos privilégios especiais através de subsídios, monopólios, cartéis, contratos, etc.

Dois livros brilhantes dos últimos anos — ambos do historiador Gabriel Kolko, *Triumph of Conservatism* e *Railroads and Regulation* — mostraram conclusivamente que as regulamentações governamentais do período Progressista por volta de 1900, a partir do qual cresceu a Grande Sociedade de hoje, *não* foram trazidas para conter o "monopólio" das grandes empresas. Em vez disso, vários grandes empresários poderosos, decepcionados com suas tentativas de ganhar monopólio no livre mercado, recorreram ao governo federal para impor tais monopólios e cartéis sob o pretexto de reformas "progressistas".

Desses regulamentos e controles surgiu o verdadeiro estado corporativo de hoje — uma sociedade e economia administrada pelo Grande Governo em parceria com Grandes Negócios e Grandes Sindicatos — com o cidadão médio recebendo uma

pisada no pescoço. É um Estado corporativo com uma retórica de "bem-estar" e "progressista", que alguns historiadores da Nova Esquerda têm chamado perceptivamente de um sistema de "liberalismo corporativo", em suma, a realidade de um Estado corporativo camuflado pela ideologia "liberal" e de "bem-estar".

Não há nada que a economia americana ou o povo americano precisem *menos* do que outro aumento do imposto de renda. No entanto, agora que o Presidente Johnson sugeriu um aumento de 10% nos impostos, as legiões de Grandes Empresas vieram pulando em sua defesa.

*The National Association of Manufacturers* {NAM, A Associação Nacional de Manufaturadores}, outrora uma forte opositora do estatismo e do Grande Governo, endossou um aumento do imposto de renda; talvez não seja coincidência que o presidente da NAM, W.P. Gullander, que vem alardeando o programa "positivo" de "parceria" entre Grandes Negócios e Grandes Governos, venha à NAM a partir de um mandato como chefe da *General Dynamics*, uma corporação praticamente construída a partir de fundos e contratos governamentais. Uma corporação menos orientada para o mercado livre seria difícil de imaginar.

E agora descobrimos que 113 dos maiores empresários do país — incluindo David Rockefeller, Henry Ford II e os chefes da AT&T, General Electric e General Motors — estão organizando um grupo para pressionar pelo apoio total do aumento de 10% do imposto de renda de Johnson.

Eles certamente não estão *agindo* como “a minoria mais perseguida da América”. Pelo contrário, devemos dar crédito a esses homens por saberem de que lado seu pão é amanteigado.

## Capítulo 19

### *Deveria Haver um Aumento de Impostos?* *Parte II*

O grande argumento por um aumento do imposto de renda agora é um tirado de Lord Keynes: durante um boom o governo deve aumentar o imposto de renda a fim de “enxugar o excesso de poder de compra” e evitar a inflação. Há muitas falácias nesse argumento para um aumento de impostos.

O primeiro problema é identificar o cenário econômico atual como um boom. A questão é que, se olharmos para indicadores-chave como lucros corporativos e investimentos, *ainda* estamos em recessão. Todos esperam uma reviravolta em breve, mas a reviravolta ainda não ocorreu. E mesmo que isso aconteça, o boom ainda será tão fraco que um aumento de 10% no imposto de renda pode muito bem ser suficiente para quebrar o boom e precipitar uma recessão realmente severa porque os aumentos de impostos reduzem o incentivo para economizar, investir e produzir.

Mas, além desse problema de *timing* e de previsão, há erros mais graves no apelo keynesiano por um aumento de impostos em um boom. O principal problema é que os aumentos de preços são provocados pela inflação da oferta de dinheiro — e em nosso sistema bancário praticamente nacionalizado totalmente sob o controle do governo federal, isso significa que o governo bombeou mais dinheiro para a economia.

O efeito é algo como diluir uma poderosa mistura química: se você bombear mais dólares para a economia, então cada dólar valerá menos em poder de compra. Em suma, os preços subirão. O truque é o seguinte: *primeiro* o governo cria dinheiro novo, gasta ou empresta para seus grupos favoritos; *então*, quando o

dinheiro novo inevitavelmente resulta em preços mais altos, o governo se vira e denuncia todos os tipos de grupos sociais por *gastarem* esse novo dinheiro.

A culpa pelo “excesso de poder de compra” é, portanto, astuciosamente retirada dos ombros do verdadeiro culpado — o governo — e colocada sobre os ombros de vários grupos da economia. De fato, diferentes grupos são encorajados a brigar entre si com, por exemplo, sindicatos culpando empresários pelos preços mais altos e empresários tentando culpar as demandas dos sindicatos.

Todo esse tempo, o verdadeiro culpado — o governo — assume o manto do salvador da sociedade de todos esses grupos gananciosos que aumentam os preços. Em seu papel de salvador, o governo então surge com a noção de aumento de impostos para “enxugar” o poder de compra.

Olhe ao que o governo está fazendo: *primeiro* ele sobrecarrega os cidadãos inflando a oferta de dinheiro e, assim, elevando os preços; *em seguida*, impõe um duplo fardo, virando e tributando grande parte do dinheiro novo. As pessoas são espetadas duas vezes.

A teoria do aumento de impostos implica, além disso, que os impostos não são nenhum fardo, certamente nenhuma carga em comparação com um preço mais alto. Se o preço de um bem ou serviço subir, no entanto, embora isso possa ser infeliz, *pelo menos* ainda estamos recebendo o bem ou serviço útil para o nosso dinheiro. Mas se um *imposto* sobe, para nos salvar do mau aumento de preço, o que conseguimos em troca desse fardo?

Nada, uma vez que ninguém pode fingir que o “benefício” que recebemos do governo aumenta proporcionalmente ao imposto. Na verdade, temos um retorno negativo do governo, uma vez que o governo só usará a nova renda para regular, assediar e nos empurrar por todos os cantos.

Finalmente, não só um imposto mais alto é pior do que um preço mais alto, mas um déficit governamental, ao contrário dos keynesianos, não é necessariamente inflacionário. Só é inflacionário se o déficit for financiado pelo sistema bancário; se for financiado pela venda de títulos ao público, terá outros efeitos infelizes, mas não aumentará a oferta de dinheiro ou aumentará os preços. Então não deixe que os sofistas keynesianos o enganem. Impostos mais altos significam maior roubo, e isso não beneficia nem o público nem o estado da economia.





## Capítulo 20

### *Cessai a Escravidão!*

#### *Parte VII*

Em qualquer definição, "escravidão" significa trabalho forçado.

Um dos casos mais difundidos de trabalho forçado na América hoje é o imposto retido na fonte. Sob o imposto retido na fonte, o empregador é coagido pelo governo a registrar e recolher o imposto de renda de seus funcionários, e entregar esse imposto às autoridades. Não só esse trabalho é coagido pelo governo, mas também esse trabalho é totalmente não pago. É trabalho escravo sem retorno.

O imposto na fonte é um elemento crucial nesse instrumento massivo de roubo conhecido como imposto de renda. Pois antes da Segunda Guerra Mundial, quando o imposto de renda era muito menor e muito menos pessoas eram forçadas a pagá-lo, não havia nenhum imposto na fonte. Todo homem contava seus impostos no final do ano e depois era suposto a pagar ao governo em uma quantia total.

Como o imposto de renda aumentou astronomicamente durante a guerra, o governo federal astutamente impôs o imposto na fonte, forçando o empregador a recolher o imposto como deduções dos salários de seus trabalhadores.

É bastante claro que se a escravidão dos impostos na fonte fosse abolida, todo o roubo de imposto de renda colossal cairia ao chão. A razão pela qual o governo pode recolher o imposto sem problemas é que cada homem não precisa levantar o dinheiro em uma quantia total; em vez disso, é suave e aparentemente indolor extraído dele conforme ele recebe, de modo que ele

difícilmente percebe o que está acontecendo. Se cada homem tivesse que pagar em uma quantia total no dia 15 de abril, a evasão em massa e o não pagamento seriam tão difundidos que todo o sistema quebraria.

É instrutivo lembrar-se de um fato há muito esquecido: que o imposto na fonte, sugerido por Beardsley Rumml da *R.H. Macy and Company*, era suposto ser apenas uma medida de emergência em tempo de guerra. Foi aceito como uma medida de emergência em tempo de guerra; e agora, uma geração depois, não só ainda está conosco, mas é uma parte permanente e incontestável do nosso modo de vida.

A escravidão através da manutenção de registros e pagamento de impostos também se mantém em todo o resto da economia. Todo empresário é forçado a gastar uma grande quantidade de tempo e dinheiro preenchendo infinitos formulários e registros para inúmeros ramos do governo; federal, estadual e local. Ele é forçado a gastar seu trabalho sem pagamento. Esses custos cobrados sobre todos prejudicam e dificultam especialmente *as pequenas* empresas, que podem ainda menos pagar com tempo e energia do que uma grande corporação.

Além disso, todo homem, quando é forçado a preencher sua declaração de imposto de renda todos os anos, precisa gastar muitas horas de trabalho não remunerado para descobrir seu próprio grau de vitimização. E não só o imposto de renda: os impostos sobre vendas e outros impostos sobre o consumo são recolhidos e pagos pelos varejistas, e assim eles também precisam gastar muitas horas de trabalho não pago para recolher impostos para o governo.

O trabalho forçado nunca poderá ser expurgado de nossa sociedade até que esse pagamento e recolhimento compulsórios de impostos, que essa manutenção coagida de registros, seja varrida para o inferno.

## Capítulo 21

### *Empresários pela Paz*

Um dos desenvolvimentos mais animados no cenário americano atual é a nova organização nacional, *Business Executives Move for a Vietnam Peace* {Executivos Empresariais se Movimentam pela Paz no Vietnã}. Esses empresários dedicados vieram de todo o país para se reunir no Statler-Hilton em Washington em 27 de setembro, para formar sua organização e expressaram sua determinada e coerente oposição à guerra no Vietnã.

Não havia nenhum dos grandes empresários geralmente representados aqui — nenhum dos Rockefellers, Watsons ou Weinbergs — em suma, nenhum dos grandes empresários ligados ao governo federal e sua máquina para gastos de guerra e contratos de guerra. Esses eram os executivos de classe média por todo o país, presidentes de suas próprias empresas, genuinamente ligados à economia de mercado privado e livre.

É um dos rumores socialistas generalizados que as guerras são provocadas pela economia capitalista; que as guerras são inerentes ao sistema da iniciativa privada. A verdade é realmente o contrário: desde a ascensão da iniciativa empresarial, esse sistema tem sido um dos requisitos e pilares do livre comércio, dos mercados livres e da paz internacional. Tudo isso anda de mãos dadas.

Mas, como um cínico disse uma vez, "A única coisa errada com o capitalismo são os capitalistas", e capitalistas particulares muitas vezes se voltaram para o estado para promover guerras para seu próprio benefício. Ao fazê-lo, eles deram ao sistema capitalista como um todo um nome imerecido e ruim. Agora esses empresários se apresentaram para resgatar esse nome.

O discurso mais divulgado nessa reunião foi feito pelo senador Thruston Morton (R., Ky.), que até agora abraçou a causa da paz, em contraste com sua habitual posição branda e suave sobre assuntos públicos, que acusou o presidente Johnson de ter sofrido "lavagem cerebral" para estender a guerra, e ele particularmente identificou a influência sinistra desse "complexo militar-industrial" que o presidente Eisenhower nos alertou em seu discurso público mais claro e penetrante.

O discurso de Morton reflete uma mudança crescente e generalizada em direção à paz pelos republicanos do Congresso, desencadeada pelo tão abusado Livro Branco sobre o Vietnã da equipe *Republication* há alguns meses. Sem dúvida, esses republicanos se lembram que Eisenhower foi eleito em 1952 em grande parte por sua promessa de "eu vou para a Coreia", que levou ao fim do holocausto coreano.

Ainda mais contundente foi o discurso ao grupo de empresários por Marriner S. Eccles, empresário de São Francisco e Utah e ex-chefe do Conselho da Reserva Federal. Eccles ressaltou que a guerra do Vietnã estava causando um enorme déficit federal, um aumento no imposto de renda e custos de vida mais altos. Sobre os Vietcongs, Eccles declarou: "Eles estão lutando pela libertação nacional e unidade do Vietnã do Sul: as causas pelas quais outros, incluindo os americanos; lutaram. Ele acrescentou:

*Retirar-se é são. [Aplausos] As consequências da retirada não podem ser tão desastrosas para esta nação quanto seguir nosso curso atual. [Aplausos] O maior serviço que podemos prestar aos vietnamitas é retirar-se de seu país, deixando-os negociar uma conclusão para a guerra, que é seu direito. [Aplausos]*

E o Almirante Arnold True (Ret.) alertou os empresários que, a menos que a política externa americana fosse completamente alterada e parasse de apoiar ditaduras em todos os lugares, deparar-nos-íamos com muitos “Vietnãs” na África, Ásia e América Latina.

O grupo Business Executives Move for a Vietnam Peace pode ser contatado através de Harold Willens, Presidente da Factory Equipment Supply Co., Los Angeles; ou Henry E. Niles, Presidente da Baltimore Life Insurance Co.



## Capítulo 22

### *“Incitação” de Motim*

**H.** Rap Brown, jovem líder da SNCC, foi indiciado em Cambridge, Maryland pelo “crime” de “incitação de motim” Poucos de nós sentaram-se para analisar o que exatamente esse “crime” é suposto ser.

Suponha que o Sr. A diga ao Sr. B: “Saia e atire no prefeito.” Suponha, então, que o Sr. B, ponderando esta sugestão, decida que é uma boa ideia e sai e atira no prefeito. Agora, obviamente, B é responsável pelo tiro. Mas em que sentido A pode ser responsabilizado? A não realizou o tiro, e não participou, vamos assumir, em qualquer um dos planejamentos ou execução do ato em si. O próprio fato de ele ter feito aquela sugestão não significa realmente que A deve ser responsabilizado. Pois B não tem livre arbítrio? Ele não é um agente livre? E se ele for, então B, e apenas B, é responsável pelo tiro.

Se atribuirmos qualquer responsabilidade a A, caímos na armadilha do determinismo. Estamos então assumindo que B não tem vontade própria, que ele é então apenas uma ferramenta de alguma forma manipulada por A. Agora ousou dizer que a maioria das pessoas que estão ansiosas para processar Rap Brown por “incitação de motim” são pessoas religiosas.

Mas se eles são religiosos, eles precisam acreditar na liberdade de vontade do indivíduo, um conceito fundamental das religiões judaica e cristã. Mas se a vontade é livre, então nenhum homem é determinado por outro; então só porque alguém grita “queime, baby, queime”, ninguém que ouvir esse conselho é assim compelido ou determinado a ir e executar a sugestão.

Qualquer um que realize o conselho é responsável por suas próprias ações, e o *único* responsável. Portanto, o “incitador” não pode ser responsabilizado de forma alguma. Na natureza do homem e da moralidade, não existe tal crime como “incitação de motim”, e, portanto, o próprio conceito de tal “crime” deve ser retirado dos livros estatutários.

Reprimir a “incitação de motim”, então, é simples e puramente reprimir o direito natural e crucial à liberdade de expressão. Falar não é um crime. E, portanto, a injustiça, não só do crime de incitação, mas também de outros “crimes” como “rebeldia criminosa” (crítica severa ao governo), ou “conspiração para defender a derrubada do governo” — em outras palavras, planejar um dia exercer o direito básico e natural à liberdade de expressão e advocacia.



## Capítulo 23

### *Leis Armamentistas*

Toda vez que alguém é visivelmente baleado na América, toda vez que algum maníaco começa a espirrar em pessoas com um rifle ou metralhadora, vários propagandistas se movem para provocar histeria e pedir severas restrições do governo sobre a compra ou posse de armas.

Não importa que tais leis e portarias sejam claramente inconstitucionais, pois a Constituição garante de forma clara e plana o direito do povo de portar armas. Esse direito sempre foi considerado crucial para as liberdades do povo da opressão governamental; pois se todas as armas forem entregues a um grupo organizado — o governo — as liberdades de todos estão ameaçadas por aqueles que adquiriram o monopólio das armas de violência.

Pois, como na consulta clássica, “Quem guarda nossos guardiões?” O *Sullivan* {act} e outras leis foram a primeira falha no dique; a desculpa para essas leis patentemente inconstitucionais e despóticas era que havia algo exclusivamente sinistro sobre armas “veladas” que merecia restrições. Agora isso deve ser estendido a armas não veladas.

A teoria é que se armas privadas forem restritas ou proibidas, crimes de violência usando armas seriam eliminados. Mas que doutrina boba! Pode-se pensar que tínhamos aprendido a lição na Lei Seca: a proibição de bebidas alcoólicas não acabou com o uso de bebidas alcoólicas, nem a proibição de narcóticos acabou com seu uso generalizado.

O resultado dessas restrições e proibições é que a pessoa honesta, o cidadão inocente, o não alcoólatra ou não viciado, está

impedido de comprar ou usar armas ou álcool. O viciado, o alcoólatra ou o criminoso não são dissuadidos pela lei. Eles têm suas fontes, e eles são sempre capazes de obter o seu suprimento. Nenhum criminoso, nenhum membro da máfia, foi impedido de pegar revólveres por causa do *Sullivan* ou de outras leis.

O resultado é que, enquanto os criminosos continuam a ser abundantemente abastecidos com armas, o não-criminoso, o homem que quer comprar uma arma para se defender do crime, é impedido de fazê-lo: assim a lei o torna indefeso diante do crime. Esse é tipicamente o resultado de uma legislação “para fazer o bem”, onde ações ou compras são proibidas para o “próprio bem” de alguém. O resultado é que, para seu “próprio bem”, ele é deixado à mercê do criminoso.

O revólver costumava ser chamado de “o equalizador”, e assim é. Sem tal arma, os fracos, os idosos e as mulheres não podem competir com os músculos e bastões de criminosos de braço forte, mesmo que estes não tenham armas. Mas as mulheres, os frágeis e os idosos *podem* atirar diretamente, e isso lhes dá mais chance nas selvas que muitas de nossas cidades se tornaram. Se ele souber que a vítima pode estar armada, o assaltante ou o estuprador pensará duas vezes antes de atacar; agora a temporada de caça está aberta para eles.

Não há, por fim, sentido em proibir um armamento em particular, tal como uma arma. Há muitas coisas que podem ser usadas e foram usadas como armamento. Onde iremos parar? Devemos proibir facas, paus, tijolos, ou o quê? Quando perceberemos que o crime reside, não no *objeto*, mas na forma como esse ou qualquer objeto pode ser usado?

## Capítulo 24

### *LBJ — Após Quatro Anos*

Bem este mês marca nosso quarto ano completo de governo presidencial de Lyndon Baines Johnson, e é hora de resumir seu reinado. Esses quatro anos têm sido de enorme frustração e ressentimento por parte da comunidade intelectual liberal da América. Aqui estava um homem que olhava e ainda olha para FDR como seu mentor político — um homem que concorreu com o apoio da ADA [*Americans for Democratic Action* {Americanos pela Ação Democrática}], de velhos e novos *New Dealers*, de todos os liberais autênticos — e aqui está um homem que agora é universalmente repreendido por seus antigos partidários.

Toda a saga é uma grande reminiscência da forma como Trotsky e seus seguidores se sentiram traídos por Stalin. O horror e a brutalidade da era Stalin eram sentidos como uma espécie de perversão monstruosa, alguma intrusão inexplicável no ideal original de Lenin-Trotsky. E agora os horrores e o belicismo de Johnson são sentidos como outra traição inexplicável do liberalismo Roosevelt-Truman-Kennedy.

Mas a situação não é tão simples, não importa o tão desconfortável seja esta verdade para nossos amigos liberais. Stalin era o crescimento lógico dos “ideais” de Lênin e Trotsky. Da mesma forma, Lyndon Baines Johnson era e ainda é um liberal de cabo a rabo. Ao iniciar uma guerra imperial contra países estrangeiros, expandindo o poder do Estado sobre a economia e a sociedade, trazendo um controle militar cada vez maior da sociedade, Lyndon Baines Johnson está apenas seguindo os passos de seus — e dos intelectuais — amados mentores, Roosevelt e Truman.

Não é de se admirar que Lyndon se sinta intrigado e traído pelo rancor dos intelectuais liberais! Ele só está fazendo o que eles e seus mentores lhe ensinaram: ele está expandindo o poder presidencial descontrolado em assuntos externos e domésticos e lançando cruzadas globais imperiais em nome da “liberdade mundial” e da “segurança coletiva”. Então por que o barulho e as lamentações?

Os liberais precisam acordar para a grande verdade de que Lyndon Baines Johnson é o liberalismo personificado na ação-liberal. Esta lição instrutiva será perdida por eles se eles ficarem cada vez mais horrorizados com seu reino despótico e perigoso; se eles não percebem que o que estão vendo não é uma aberração pessoal do Diabo, mas o triunfo final de seus próprios princípios liberais. Se eles não gostam do que vêem, devem abandonar o liberalismo, e rapidamente.

Enquanto isso, os conservadores poderiam fazer bom uso de uma busca profunda, também. O que eles tinham em princípios antiestatistas foi há muito varrido, sacrificado no altar da cruzada dos últimos dias contra a ala comunista do estatismo. O entusiasmo conservador por Johnson e seus colegas pode ser medido pelo enorme apoio conservador ao senador Thomas Dodd (D., Conn.), um homem com um histórico praticamente 100% liberal da ADA. As categorias antigas estão se dissolvendo rapidamente.

## Capítulo 25

### *Uma Nova Constituição?*

Nos últimos anos, os conservadores da nação, amargos e irritados com as decisões da Suprema Corte que preservam os direitos do indivíduo contra a polícia, começaram a exigir uma nova convenção constitucional que pudesse reescrever totalmente nosso documento atual.

Esfregando as mãos com alegria, os conservadores acreditam que a nova convenção se dedicaria a tarefas conservadoras tão queridas como: (1) garantir que um eleitor rural obtenha várias vezes o poder de voto de um eleitor urbano ou suburbano, e (b) permitir que a polícia atropеле brutaemente os direitos do cidadão em nome do combate ao crime. A razão pela qual *os libertários* deveriam se dedicar a qualquer um desses objetivos é, naturalmente, um mistério sombrio.

A visão conservadora do mundo é curiosa, e esse fato nunca foi mais gritante do que em sua busca por uma nova constituição. Aparentemente, os conservadores ou não sabem ou não se importam que qualquer nova convenção obviamente tornaria nosso estatuto atual muito pior do que é — fornecendo diversos canais adicionais para a ditadura estatal sobre o indivíduo. Ou talvez os conservadores não se importem com o quão estatistas nos tornemos, desde que a polícia compartilhe uma boa parte do novo poder governamental.

De qualquer forma, um bom teste do que aconteceria em qualquer nova convenção ocorreu recentemente no estado de Nova York, que acabou de concluir uma Convenção Constitucional própria. As principais conquistas da "ConCon" são duplas: (1) a remoção da barreira do referendo público para novas emissões de títulos estaduais e locais, e (2) a remoção da

antiga barreira constitucional contra os auxílios estatais às escolas paroquiais.

[A primeira mudança] significa que o povo não terá mais o direito e o poder de derrubar no voto o fluxo interminável de títulos escolares e outras propostas de títulos que os grandes gastadores no governo passam suas vidas inventando. Nos últimos anos, o poder do povo de votar nesses elefantes brancos provou ser um grave constrangimento para o Establishment, conforme a emissão de título após título ter sido derrubada — invocando a ira de educacionistas, diretores escolares, intelectuais e banqueiros que subscrevem os títulos. Agora, a ConCon propõe livrar o Estado de Nova York desse irritante ônus democrático sobre sua vontade coletiva.

A segunda grande mudança propõe colocar uma séria brecha no importante princípio americano de separação entre igreja e estado. Essa separação significa que o estado não terá poder para se intrometer na vida religiosa do país — um princípio perfeitamente exemplar que o libertário gostaria de estender a outras esferas da sociedade também. Mas os conservadores, é claro, estão na vanguarda do desejo de unir o estado e a igreja. No processo, o pagador de imposto sofredor será atingido novamente, desta vez por subsídios às escolas religiosas, *não* por sua escolha.

É instrutivo ver como a esquerda e a direita se dividiram em Nova York sobre essa nova Constituição. A esquerda civil-libertária se opõe a ela por causa do apoio escolar paroquial; a direita consciente do orçamento se opõe a isso por causa do fim da barreira do referendo aos gastos do Estado. No centro há uma massa de apoiadores — especialmente entre os católicos — que aprovam de coração ambas as mudanças.

O libertário, é claro, *opõe-se* de coração a ambas, e, portanto, é mais dedicado do que qualquer um a derrotar a nova Constituição. Será interessante ver como essa incipiente aliança

esquerda-direita contra a Constituição estatista se dá na batalha contra o centro establishmentista.





## Capítulo 26

### *As Eleições*

As eleições de 1967 apresentam muitas características animadoras. A principal tendência que brilha é a confirmação de todas as pesquisas recentes de opinião pública: a desastrosa queda do apoio ao governo Johnson. Nunca na história recente um presidente foi tão desconfiado, deplorado e repreendido por todos os segmentos da população; sua popularidade atingiu o nível mais baixo de todos os tempos nas pesquisas.

A confirmação dessa tendência nas eleições é clara: em Nova Jersey, por exemplo, onde o governador Richard Hughes foi estreitamente identificado com a Administração Johnson, uma maioria democrata de 2-1 na legislatura foi transformada em uma margem republicana fenomenal de 3-1. Em Kentucky, Louie Nunn tornou-se o primeiro governador republicano de Kentucky em décadas, dando ao partido republicano a maioria dos governadores do país.

O principal impulso de campanha de Nunn foi a oposição à guerra da administração no Vietnã, e é claro que a guerra do Vietnã tem desempenhado um papel grande, se não dominante, no crescente repúdio do Presidente. Ao contrário da maioria da interpretação da imprensa, os 33% dos votos no referendo de São Francisco para a retirada imediata do Vietnã é uma vitória para as forças anti-guerra: pois essa é uma posição muito avançada para grande parte dos críticos do Vietnã, ainda mais para a população em geral.

Na outra grande questão da nossa época — a questão racial — as eleições, novamente contrárias à imprensa, foram um repúdio à administração. Enquanto é verdade que os negros Carl

Stokes e Richard Hatcher venceram as corridas para prefeito em Cleveland e em Gary, Indiana, com as bênçãos da administração, o ponto importante é que eles sofreram em cidades esmagadoramente democratas. Tudo isso aponta para o colapso democrata e o contínuo ressurgimento republicano.

E em Nova York os eleitores do estado entregaram um esmagador 3 a 1 de repúdio à Constituição estadual proposta. A votação foi uma aliança não oficial de esquerda e direita contra o centro, liderada pelo Partido Democrata do Estado de Nova York; a Constituição teria impedido os eleitores de barrar as emissões de títulos estatais, e teria dado auxílio estatal a escolas privadas e paroquiais.

Finalmente, para completar o quadro de desordem e desintegração democratas, o consciente senador Eugene McCarthy (D., Minn.) está relatadamente se preparando para desafiar o presidente Johnson nas primárias de 1968 — um passo notável, cada vez maior do crescente desespero dos democratas atenciosos no caminho em crescimento para a ruína no Vietnã.

No meio desse quadro, tudo o que os republicanos precisam fazer é apresentar uma escolha razoável em 1968 para ganhar a vitória. Mas a situação curiosa é que não há nenhum candidato republicano liderando para a presidência que reflita de alguma forma o crescente repúdio público à guerra no Vietnã, ou mesmo o crescente sentimento de paz (liderado pelo poderoso senador Thruston Morton, R., Ky.) dentro do próprio partido.

Claramente, o caminho republicano para a vitória no próximo ano é o mesmo que a promessa de Eisenhower de "Irei à Coreia" em 1952; com essa promessa, Ike estabeleceu-se como o candidato à paz, uma paz que ele realmente trouxe assim que ele assumiu o cargo.

Mas todos os principais candidatos para 1968 ou apoiam a guerra de Johnson ou querem agravá-la ainda mais — todos

exceto o governador [George W.] Romney, que parece invencivelmente confuso com toda a questão. Os únicos candidatos pacificadores são os senadores [Mark] Hatfield (R., Ore.) e [Charles] Percy (R., Ill.) e General [James M.] Gavin, todos os mais azarões dos azarões.

E assim o Partido Republicano pode continuar a nutrir seu gênio quase ininterrupto para a autodestruição.



## Capítulo 27

### *Por Que Todos Odeiam de Gaulle?*

Quando a Imprensa do Establishment realmente se concentra em alguém e o sufoca de um lado para o outro, dia após dia, então é uma aposta segura que ele não pode ser tão ruim. É também um movimento sábio para cavar ainda mais e descobrir a razão de toda essa ira uniforme. Assim é no caso de Charles de Gaulle, a quem a imprensa, liberal e conservadora, vem denunciando e difamando há anos.

Por quê? Bem, por um lado, os conservadores sentem que foram traídos. A ala de direita está perpetuamente na caça por um Homem Forte, um Homem em um Cavalo Branco, que virá e, por medida ditatorial severa, irá nos levar à nossa verdadeira missão direitista de Glória Nacional e Cruzada Mundial.

A direita ficou, portanto, encantada quando um golpe derrubou a Quarta República na França e elevou o General de Gaulle a um posto quase ditatorial sobre a nação francesa. Aqui estava um homem com aparentemente todas as qualificações para ser amado pela ala direita: um general; um patriota nacional grandiloquente cheio da retórica e da mística da grandeza nacional francesa; um homem que amarrou em seu próprio senso pessoal de glória com a própria França. Quem seria melhor?

Foi nesse momento que a direita recebeu seu choque. Pois "*le grand Charlie*", em vez de instituir medidas direitistas, prosseguiu em um curso muito inteligente e sensato. De Gaulle aprendeu a lição da derrota incapacitante do império francês na Indo-China. Ele tinha aprendido que, apesar de sua própria preferência pessoal por Glória e Império, a França nos dias e na era atual não poderia arcar com o custo, financeiro e político, de

tentar manter o domínio em lugares onde a população nativa havia se levantado para ganhar sua independência.

E assim de Gaulle decidiu se adaptar ao novo mundo, sair completamente do império francês na Argélia, e fazer verdadeira paz com as terras anteriormente em sujeição colonial. A ira da direita, tanto na França quanto nos EUA, sobre Gaulle nunca diminuiu desde então.

Ele ousou retirar-se de onde a França não era desejada e conceder aos nativos sua independência! E desde então, como no Quebec, de Gaulle tornou-se um firme partidário das lutas pela independência por todo o Terceiro Mundo, incluindo seu corajoso apoio à causa árabe no Oriente Médio.

Na Europa, também, de Gaulle decidiu que era muito melhor para todos abandonar a postura de hostilidade e divisão induzida pelos Americanos entre os blocos de poder do Oriente e do Ocidente. Claramente, seria melhor para toda a Europa, Oriente e Ocidente, viver em paz e harmonia, e optar por sair da luta prejudicial e potencialmente catastrófica da Guerra Fria. Assim vieram as persistentes tentativas de Gaulle de alcançar a amizade e a coexistência pacífica com a Rússia soviética e a Europa Oriental.

Em contraste, de Gaulle, irritado com as tentativas do imperialismo americano de empurrar a França e todas as outras nações ocidentais ao redor, declarou verdadeira independência política dos EUA, daí a raiva do Establishment Liberal em relação à França.

E por último, mas não menos importante, a admirável independência política de De Gaulle foi comparada com uma independência econômica saudável, melhor expressa por sua firme recusa, diante da máxima pressão política dos Estados Unidos, de seguir com as políticas anglo-americanas de dinheiro fácil e inflação.

Guiado pelo economista libertário e especialista monetário Jacques Rueff, de Gaulle lutou a boa luta, quase sozinho, pelo dinheiro sólido e por um retorno a um padrão-ouro genuíno a uma taxa realisticamente valorada (*e.g.*, US\$ 70 ou mais por onça em vez da taxa absurda atual de US\$ 35).

De Gaulle, praticamente sozinho, ficou entre todos nós e uma inflação mundial eventualmente desastrosa impulsionada pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. Essas são algumas das razões pelas quais o Establishment, tanto a direita quanto a esquerda, odeia de Gaulle, e pelas quais o resto de nós não o deve odiar.





## Capítulo 28

### *O Problema em Chipre*

Turcos e gregos estão mais uma vez ameaçando guerra sobre Chipre. Nenhum acordo de paz vai durar. Nos Estados Unidos, tanto a esquerda quanto a direita estão confusas; uma vez que não há manifestamente nenhuma questão comunista envolvida, e como o comunismo domina o pensamento de todos, nem os direitistas nem os esquerdistas são capazes de lidar com o complexo de certos e errados envolvidos.

O problema começa, assim como tantos outros problemas no mundo, com o imperialismo britânico. A Grã-Bretanha ocupou e governou Chipre até 1960, e o problema étnico na ilha infeccionou até essa data. Enquanto os gregos superam os turcos em quatro para um na ilha como um todo, há uma solução clara e evidente para o conflito de personalidades, laços étnicos, linguagem e cultura que separa os dois grupos étnicos.

Essa solução é partição, porque Chipre é salpicada com uma série de cidades e comunidades gregas e turcas independentes, com praticamente nenhuma integração dentro de cada cidade; na capital da Nicósia, o bairro norte é exclusivamente turco e o resto da cidade é grega.

Quando a Grã-Bretanha se preparava para conceder a independência da ilha, os turcos, em vez de pedir partição, alienaram os patriotas gregos pressionando a Grã-Bretanha a manter seu governo em vez de deixar a minoria turca para as misericórdias gregas. Mas o acordo de independência, embora não concedesse partição, teve o mérito de conceder autonomia às comunidades turcas em suas áreas e dar aos turcos poder de veto sobre a legislação cipriota.

Mas os cipriotas gregos não estavam satisfeitos com esse acordo bastante equitativo. O regime cipriota começou a infringir a autonomia acordada; pior, o governo, em colaboração com a Grécia continental, violou sistematicamente e gravemente a limitação acordada sobre o número de tropas do continente na ilha.

Enquanto a Grã-Bretanha, os gregos e os turcos concordaram em limitar as forças armadas do continente na ilha para 950 (para a Turquia foi permitida uma cota menor), os gregos, sob o comando do fervoroso e fascista General [Giorgios] Grivas, infiltraram-se de seis a doze mil tropas na ilha. Essa infiltração levantou para os turcos o temível espectro da *enose* — da união de Chipre com o continente grego, o que comprometeria completamente a autonomia turca.

Através de uma série de crises, essa concentração de tropas foi construída. Além disso, desde 1962, as comunidades turcas, novamente em violação à sua autonomia, foram bloqueadas pelas tropas gregas. Sob o pretexto de impedir que a minoria turca adquirisse "materiais estratégicos", os soldados gregos os impediram de possuir madeira, peças de reposição, cimento, telefones, jaquetas, sapatos e capas de chuva. Finalmente, a gota d'água, o General Grivas recentemente retaliou contra alguns franco-atiradores turcos ao massacrar aldeias turcas inteiras. Aquele massacre iniciou a atual crise cipriota.

Está claro em nossa história do problema que os turcos têm queixas legítimas de longa data, e que o problema não será definido como corrigido até que a partição assegure a proteção absoluta dos direitos do povo turco. Nessa crise, os Estados Unidos, fiéis à sua política de longa data de defender o status quo seja o que for, há anos se posicionaram diretamente do lado dos governantes gregos sobre as minorias turcas. Daí a queima da bandeira americana por estudantes furiosos na capital turca de Ancara.

A América, mais uma vez, quase infalivelmente, desce do lado errado — e, novamente, sem surpresa, seu voto na ONU em nome de congelar o status quo está alinhado lado a lado com a União Soviética.



## Capítulo 29

### *Como Sair do Vietnã*

Muitas pessoas em todo o país estão começando a perceber que entrar na guerra do Vietnã foi um erro desastroso. Na verdade, quase ninguém tenta ser tão ousado de justificar a entrada Americana, e seu papel em sua geração, nessa guerra perpétua. E assim, a última linha de defesa para os defensores da guerra é: bem, talvez tenha sido um erro entrar na guerra, mas agora que estamos lá, estamos comprometidos, então temos que continuar.

Um argumento curioso. Normalmente, na vida, se descobrimos que um curso de ação foi um erro, abandonamos esse curso e tentamos outra coisa. Esse deveria ser o princípio honrado pelo tempo de “tentativa e erro”. Ou se um projeto de negócio ou investimento se tornar um empreendimento não lucrativo, nós o abandonamos e tentamos investir em outro lugar. Só na guerra do Vietnã descobrimos de repente que, tendo lançado um desastre, estamos presos a ele para sempre e devemos continuar a derramar sangue e riqueza pela eternidade.

Mas *com quem* estamos comprometidos, afinal? Certamente não o governo sul-vietnamita, pois qualquer fantoche induzido a nos “convidar” já foi há muito tempo, deposto ou assassinado. Certamente não o povo do Vietnã do Sul, a esmagadora maioria dos quais apoiam a *National Liberation Front* {NLF, Frente de Libertação Nacional} ou que, no mínimo, não dão apoio ao nosso ditador favorito, Marshall [Nguyen Cao] Ky.

Se estamos lá para libertar ou defender essas pessoas, então estamos fazendo isso de uma maneira curiosa: a saber, por um processo contínuo e aparentemente permanente de sujeitá-las aos

nossos métodos de assassinato e destruição em massa. “Libertação” — através da matança e devastação em massa!

Ficamos com a triste história de algumas centenas de milhares de vietnamitas que estão comprometidos com o lado dos EUA; o que será deles quando a NLF assumir? Bem, há uma saída feliz para essas pessoas: os EUA podem se oferecer para transportá-los para cá, onde eles podem desfrutar dos benefícios do Modo de Vida Americano em primeira mão.

Claro, se essa sugestão fosse feita, então todos os nossos falcões de guerra que sangram tão profusamente para os sul-vietnamitas à porta do comunismo de repente encontrariam todos os tipos de razões para não deixar esses mesmos cidadãos do mundo livre entrarem nos portais sagrados dos EUA.

Não faz muito tempo, é claro, que os orientais foram completamente impedidos de imigrar para os Estados Unidos, e essa exclusão coercitiva e racista foi defendida por muitas das mesmas pessoas que querem que todos nós morramos em defesa desses mesmos orientais, contra a “conspiração mundial”.

Mas como podemos sair do Vietnã? Johnson, também, afirma ser a favor da paz, mas ele reclama que em todo o pântano de negociações ou possíveis negociações, ele não consegue encontrar um caminho. Bem, o caminho é mera brincadeira de criança: a maneira de sair do Vietnã é sair fora. Ponto. Partir. Retirar. Escafeder.

E se o povo americano deixar essa demanda bem clara, tenho certeza de que Johnson e o Pentágono rapidamente encontrariam o conhecimento de como colocar nossas tropas em navios de tropas e trazê-las para casa. A multidão de guerra tem alardeado o slogan: “Apoie Nossos Garotos no Vietnã.” Bem, parece claro para mim que se estamos realmente preocupados com o bem-estar de nossos garotos no Vietnã, o melhor que podemos fazer por eles — assim como pelos vietnamitas — é

retirá-los dessa armadilha mortal e enviá-los para casa, e para a vida civil.

Então todos ficariam felizes: americanos e vietnamitas — todos exceto os fanáticos que ficariam felizes em destruir o mundo em vez de permitir que algum comunista, em algum lugar, permanecesse vivo. E talvez então nos acostumássemos com um mundo que existia há pouco tempo, onde a América não decidia o destino de cada povo e território na face do globo.





## Capítulo 30

### *O Caso de John Milton Ratliff*

Desde que eu era pequenino, o General Lewis B. Hershey tem sido responsável por esse sistema de escravidão seletiva conhecido como o alistamento. O homem parece não envelhecer e, como no caso daquele outro homem aparentemente Indispensável, J. Edgar Hoover, os direitos de aposentadoria do General Hershey foram renunciados para o bem maior de todos nós, e ele continua no jogo, presumivelmente imortal, sempre invocando seu credo de *Draft 'Em All* {Recrute-os Todos}.

A última efusão do nosso Simon Legree foi instar os conselhos locais de alistamento a recrutar os jovens que interferem com o funcionamento do Sistema de Serviço Seletivo. Há um bom fundamento para pensar que esse edital é inconstitucional, uma vez que todos nós devemos ser iguais perante a lei, e o sistema de alistamento não é suposto ser capaz de destacar ninguém que não goste para punição.

Mas, em sua sabedoria, o Sistema de Serviço Seletivo foi além do simples recrutamento daqueles que interferem ilegalmente no processo de alistamento; agora começou a recrutar alguém porque, e só porque, ele é um membro de uma organização anti-guerra, anti-alistamento. Se esse ato for permitido, a liberdade de expressão ou a oposição às políticas governamentais nesse país será apenas uma zombaria.

Aqui está a história: em 13 de novembro de 1967, o Conselho Local nº 76 de Tulsa, Oklahoma enviou uma carta ao Sr. John Milton Ratliff de Norman, Oklahoma. Ela dizia ao Sr. Ratliff, um calouro da Universidade de Oklahoma, que estava rescindindo sua classificação 2-S (adiantamento estudantil) e classificando-o 1-A, porque os regulamentos do Serviço Seletivo

fornece um 2-S para qualquer um cujo “estudo é considerado necessário para a manutenção da saúde, segurança ou interesse nacional.”

O conselho local então acrescentou que “não sentiu que sua atividade como membro da SDS (*Students for a Democratic Society* {Estudantes por uma Sociedade Democrática}, uma organização anti-guerra e anti-alistamento) é do melhor interesse do governo dos EUA.” Portanto, agora não é apenas atividade ilegal, mas qualquer oposição determinada às políticas dos EUA torna alguém sujeito à conscrição. Como se diz que a liberdade de expressão existe quando esse tipo de opressão continua?

O tenente-coronel Charles Humphrey, especialista em efetivos na sede do Serviço Seletivo de Oklahoma, admitiu aos repórteres que a reclassificação de Ratliff foi devido às suas atividades anti-guerra. “Você está ciente da declaração do General Hershey”, disse ele a um repórter. “Ele disse que por causa de suas atividades talvez eles não deveriam ser adiados e talvez devêssemos olhar isso. Então é isso que os conselhos estão fazendo.

Então talvez nós devêssemos dar uma olhada no sistema de recrutamento!

## Capítulo 31

### *Jim Garrison, Libertário*

Na confusão da discussão (principalmente abuso) sobre o caso de conspiração de Jim Garrison no assassinato de Kennedy, uma história importante foi negligenciada: a devoção inspiradora e experiente à liberdade individual que brilhou através das declarações de Garrison.

Assim, na famosa e impressionante entrevista da *Playboy* de outubro de 1967, Garrison disse isto sobre o papel de Promotor Público:

*“Você sabe, eu sempre recebi muito mais satisfação como advogado de defesa ao obter uma absolvição de um cliente do que eu já tive como promotor na obtenção de uma condenação. Todos os meus interesses e simpatias tendem a estar do lado do indivíduo em oposição ao Estado.”*

Sobre as tendências políticas na América contemporânea:

*O que me preocupa profundamente, e eu vi isso exemplificado neste caso, é que nós, na América, estamos em grande perigo de evoluir lentamente para um estado protofascista. Será um tipo diferente de estado fascista daquele que os alemães desenvolveram. (...)*

*Mas, em última análise, é baseado no poder e na incapacidade de colocar os objetivos humanos e a consciência humana acima dos ditames do Estado. Suas origens podem ser traçadas na tremenda máquina de guerra que*

*construímos desde 1945, o “complexo militar-industrial” que Eisenhower nos alertou em vão, que agora domina todos os aspectos de nossa vida.*

*O poder dos Estados e do Congresso foi gradualmente abandonado para o departamento executivo, por causa das condições de guerra, e vimos a criação de um complexo burocrático arrogante e inchado totalmente irrestrito pelos controles e equilíbrios da Constituição.*

*Em um sentido muito real e aterrorizante, nosso governo é a CIA e o Pentágono, com o Congresso reduzido a uma sociedade de debates. É claro (...) não construiremos Dachaus e Auschwitzes; a manipulação inteligente da mídia de massa está criando um campo de concentração da mente que promete ser muito mais eficaz em manter a população na linha. (...)*

*O (...) incrível poder da CIA e do ministério de defesa parecem destinados a selar o destino da América que conheci quando criança e nos trazer para um novo mundo Orwelliano onde o cidadão existe para o Estado e onde o poder bruto justifica todo e qualquer ato imoral. (...) Temo, baseado na minha própria experiência, que o fascismo virá para a América em nome da segurança nacional.*

Em seu prefácio para o mais recente livro importante sobre o caso Kennedy, *Oswald in New Orleans* (Nova York: Canyon Books, [1967]) de Harold Weisberg, Garrison acrescenta que a segurança nacional “geralmente se refere à segurança dos

homens que permitiram” que tal desastre ocorresse. “A maior ameaça à segurança nacional é a ocultação cínica de tais fatos do povo. Por trás da fachada do inquerito sério sobre o assassinato está um projeto de controle de pensamento na melhor tradição de 1984 (de Orwell).”

As crenças políticas de Jim Garrison são explicitamente e soberbamente libertárias; em resposta ao entrevistador da *Playboy*, Garrison disse:

*Ao longo dos anos, acho que desenvolvi uma atitude um tanto conservadora — no sentido libertário tradicional do conservadorismo, em oposição ao conservadorismo de anéis de ferro e cavaletes da direita paramilitar — particularmente no que diz respeito à importância do indivíduo em oposição ao Estado e às próprias responsabilidades do indivíduo com a humanidade.*

Ficou claro há algum tempo que Jim Garrison é um homem de enorme coragem, coragem para enfrentar todo o Establishment, oficialismo e mídia, em um campo onde mais de vinte testemunhas que poderiam ajudar a destruir o caso oficial da Comissão Warren encontraram mortes misteriosas. Mas acontece que ele é um homem de perspicácia e altos princípios também.



## Capítulo 32

### *Violência de Quem?*

Desde a grande manifestação no Pentágono em 21 de outubro, o crescente movimento anti-guerra neste país intensificou seus confrontos com a polícia e, ocasionalmente, com tropas federais. As manifestações altamente militantes e turbulentas contra Dean Rusk no New York Hilton e no *Oakland Induction Center* incorporam uma mudança importante e dramática na estratégia e táticas do movimento anti-guerra: em sua frase, mudou “De Protesto para Resistência”.

Muitos americanos lamentaram e denunciaram a "violência" praticada pelos manifestantes. Essa é uma ênfase curiosa e equivocada sobre *quem* está cometendo a violência que vemos e lemos. As tropas e a polícia estão armadas até os dentes, e enfrentam grupos de manifestantes totalmente desarmados; é invariavelmente a polícia e as tropas que dão bastonadas, os chutes, e, é claro, fazem a prisão e encarceração. Como é que ninguém protesta contra *essa* violência maciça, contra a qual a "violência" cometida pelos manifestantes é praticamente inexistente?

É um mundo curioso em que vivemos. Aqui está o governo dos EUA, engajando-se diariamente em violência maciça e brutal contra o povo muito menos armado do Vietnã, contra praticamente toda a população civil, incluindo as velhas, as mulheres e as crianças, no norte e no sul. Por que a população americana não se levanta para denunciar *essa* violência?

Pela primeira vez na história, as autoridades americanas divulgam — na cara-de-pau — fotos de nossos prisioneiros sendo sistematicamente torturados por nossas tropas fantoches com tropas americanas olhando benignamente. Essas fotos foram

amplamente distribuídas através da mídia. Quem protesta? Quem se importa com isso? Não, em vez disso, a indignação americana centra-se em alguns jovens barbudos que se sentam nas entradas dos centros de indução.

Explicar completamente essa reação requer alguém mais especialista do que eu em psicopatologia. Mas uma razão é bastante clara: o público americano foi condicionado a acreditar que se o *governo* comete violência, não é realmente violência. Portanto, é somente quando pessoas ou grupos privados cometem violência que a indignação se levanta.

Quando os funcionários do governo — sejam eles federais, estaduais ou locais — fazem qualquer coisa, eles aparentemente estão vestidos com tal santidade, tal sacralidade e adoração, que suas ações são transmutadas automaticamente ao virtuoso, bom e nobre. Tudo o que precisamos fazer para corrigir essa confusão e dar uma olhada rígida e acurada no governo, é simplesmente aplicar os mesmos padrões morais aos lacaios do governo que aplicaríamos a qualquer outra pessoa.

Isso por si só seria suficiente para tornar todos libertários, e expor o fato de que a grande fonte do crime e da violência no mundo de hoje é a instituição do governo.



## Capítulo 33

### *Desvalorização*

Três anos depois de colocar o povo inglês sem misericórdia no espremedor da "austeridade", de impostos e controles salariais governamentais cada vez mais incapacitantes; depois de três anos de protestar a todos no país que a libra esterlina nunca, nunca seria desvalorizada, e que a austeridade era necessária para "proteger a libra", o primeiro-ministro [James Harold] Wilson finalmente jogou a toalha.

Numa manhã de sábado, o público britânico atordoado acordou e descobriu que seus sacrifícios tinham sido em vão e que a libra estava agora desvalorizada. O último capítulo da eterna "lacuna de credibilidade" do governo com um público sofredor de longa data foi escrito.

A desvalorização ocorre quando o governo supervaloriza arbitrariamente o valor de seu dinheiro-corrente em termos de outros dinheiros-correntes ou em termos de dinheiro de um mundo, o ouro. Durante décadas, a Grã-Bretanha vem inflando seu dinheiro corrente; ou seja, bombeando mais libras e reivindicações bancárias para libras em circulação, tudo feito pelo governo britânico que, como todos os outros governos do mundo moderno, tem controle absoluto sobre o sistema monetário e bancário do país.

E quando mais libras são bombeadas para a economia, o verdadeiro valor de cada libra — seja em termos de bens, outros dinheiros-correntes ou ouro — cai. Mas o governo britânico teimosamente se apegou ao preço cada vez mais supervalorizado que tinha estabelecido sobre a libra; portanto, reivindicações de libras em outros países empilharam, e o ouro continuou fluindo para fora. Finalmente, depois de muita dificuldade para o público

britânico, o governo foi forçado a reconhecer os fatos concretos da realidade: que a libra não valia mais US\$ 2,80. Daí, a desvalorização — a aceitação relutante da realidade.

Mas, tipicamente, a desvalorização foi insignificante: apenas 14%, e parece que a libra ainda está supervalorizada; assim a medida de austeridade continua, conforme ao público britânico é novamente dito que ele deve ceder para proteger o novo valor artificial da libra. As chances são boas de que haja outra desvalorização forçada em breve.

A lição para o público americano é muito clara. Pois o dólar, também, tem sido supervalorizado por anos. O dólar tem sido continuamente inflado pelo governo dos EUA até um ponto que é absurdo acreditar que ainda vale o preço de 1933, de 35 dólares por onça de ouro.

A América, então, também vem perdendo ouro constantemente na última década, e sua política econômica externa tem sido dedicada em grande parte em persuadir ou intimidar países estrangeiros a *não* resgatar suas enormes reivindicações em dólares por ouro, ainda que tenhamos prometido reavê-las. Todos os tipos de truques, reservatórios internacionais e direitos de saque, etc., foram inventados pelos gerentes de dinheiro dos EUA em uma tentativa desesperada de evitar o inevitável.

Esse inevitável é para que nós aceitemos a realidade, e essa aceitação, que certamente virá, e em breve, é a desvalorização do dólar — talvez para US\$ 70 por onça. Essa é a solução defendida pelo brilhante conselheiro monetário de Gaulle, o libertário econômico Jacques Rueff, e essa é a solução que, depois de grandes confusões e lamentos, terá de ser empregada.

Mas, mais uma vez, é uma solução que virá no meio de uma noite de fim de semana, e os americanos acordarão e descobrirão que seus gerentes do governo mentiram para eles várias vezes. O

“nunca, nunca” da desvalorização do dólar seguirá o caminho de todas as outras promessas do passado. Você pode apostar, no entanto, que não haverá desvalorização até as eleições de 1968; pois isso é tudo o que Johnson precisaria para reduzir sua força de voto para praticamente zero.



## Capítulo 34

### *Controles de Troca*

A maioria dos economistas pensaram que "Não Poderia Acontecer Aqui" — não, na poderosa América, o lar da alta produtividade e, portanto, o lar do livre comércio internacional. Mas aconteceu, e por causa das políticas inflacionárias crônicas do governo dos EUA, estamos agora encurralados em uma situação em que o governo adotou esse método de governo despótico e tirânico até então confinado a países retrógrados desprezados: o controle de trocas.

O controle de trocas significa que o dólar é tão fraco em comparação com seu preço oficial que o ouro flui continuamente para fora do país, e para parar esse fluxo de ouro, as nações recorrem a decretos arbitrários racionando a oferta curta de ouro e trocas exteriores, e proibindo as nações de gastar seu dinheiro no exterior.

O Presidente Lyndon Johnson, em um presente de Ano Novo para o povo americano, instituiu tal controle, anunciando uma repressão acelerada aos investimentos americanos e viagens ao exterior. Esse tipo de interferência direta com a forma como você ou eu desejamos gastar nosso dinheiro não é apenas patentemente inconstitucional, se o termo tem algum significado, é também o passo final para uma economia totalitária. Com que direito esse homem presume ditar a americanos supostamente livres onde eles podem gastar ou investir suas propriedades?

Além de imorais, ditatoriais e inconstitucionais, esses controles de trocas, embora sejam cada vez mais duros nos próximos meses, não funcionarão e não poderão funcionar. Em suma, eles não conseguirão nada na redução do déficit crônico no balanço de pagamentos americano.

Por exemplo, suponha que os americanos reduzam os investimentos e os gastos no exterior em US\$ 1 bilhão, como resultado das ameaças e da coerção total da administração. Johnson e seus conselheiros keynesianos assumem automaticamente que nosso déficit será, portanto, reduzido em 1 bilhão de dólares.

Mas não é assim, porque isso simplesmente significa que os europeus terão US\$ 1 bilhão a menos para comprar nossos produtos, de modo que o fluxo de dinheiro para os EUA diminuirá cerca da mesma quantidade. Nenhum desses decretos frenéticos e despóticos funcionará.

Na verdade, tentar acabar com o déficit impedindo que as pessoas gastem seu próprio dinheiro é como quebrar um termômetro para diminuir a febre de um paciente. É um ataque aos sintomas, em vez das causas. Nossos *confiáveis cérebros* em Washington nunca se preocupam em perguntar: *Por que* tivemos esse déficit crônico nas últimas duas décadas?

Certamente não é um súbito excesso de ganância ou propensão a gastar por parte do povo americano. Não, a razão é que o dólar, ao preço que temos colocado o ouro por mais de trinta anos (US\$ 35 a onça) está cada vez mais supervalorizado à medida que mais e mais dólares inflados são despejados na economia pelo governo. A esse valor arbitrário, o ouro fluirá para fora do país, à medida que as pessoas correrem para despejar dólares e comprar ouro e outros dinheiros-correntes estrangeiros.

A solução no curto prazo é desvalorizar o dólar para um preço de ouro mais realista (digamos, US\$ 70 a onça). A solução a longo prazo é parar a inflação crônica americana. Eventualmente, a desvalorização deve vir; é inevitável. Mas, assim como o Sr. Wilson colocou o povo britânico em três anos de sacrifícios desnecessários e tortura para "salvar" uma libra inflada, o Sr. Johnson já está começando a pedir a todos nós que "nos sacrifiquemos" pela mesma causa fútil e absurda.

## Capítulo 35

### *A Chegada do Fascismo Americano*

Por pelo menos duas décadas vivemos em uma sociedade que assumiu todas as características do fascismo. Em casa, temos a economia fascista do Estado corporativo: uma economia de monopólios, subsídios e privilégios administrados com uma coalizão tripartite de Grandes Empresas, Grandes Sindicatos e Grandes Governos; e temos um estado de guarnição militar, com conscrição permanente, vinculado a uma economia de guerra permanente alimentada por contratos de armamento.

Temos um sistema educacional estatal ou efetivamente estatal, do nível baixo ao mais alto, impregnando suas acusações com as glórias do nosso governo e do nosso sistema, e treinando-os para se tornarem engrenagens no complexo militar-industrial-burocrático que nos tornamos.

Nos negócios estrangeiros, expandimo-nos por todo o mundo, agarrando bases e administrando governos em todos os lugares, tudo em nome de uma cruzada global contra a "conspiração comunista internacional".

Até agora, então, duplicamos o fascismo em todo o quadro — exceto em um detalhe vital: ainda não reprimimos, exceto marginalmente, a liberdade de expressão e a liberdade de dissidência nesse país. Mas agora os sinais estão se acumulando sinistramente, de que esse aspecto particular e crucial da liberdade pode estar indo pelo ralo estatista.

Pois o governo está começando o que parece ser uma repressão maciça ao crescente movimento anti-guerra — provavelmente porque poderia tolerar essa forma de dissidência apenas enquanto permanecesse confinado às margens da

sociedade. Mas agora que o movimento anti-guerra vem crescendo aos trancos e barrancos em números e na militância, em amplitude e profundidade; agora o governo parece estar se preparando para reviver as repressões sobre a dissidência que foram desenfreadas nos estágios iniciais da Guerra Fria.

Há muitas indicações desta repressão, desde a ameaça do General Hershey de usar o alistamento para punir a oposição dos estudantes anti-guerra, até a condenação do exército de dois ativistas anti-guerra perto de Ft. Sill, Oklahoma, por "invadir propriedade do governo". Mas três instâncias principais serão suficientes aqui.

Primeira, Walter Teague e Mike Gimbel, dois oficiais do Comitê dos EUA para ajudar a *National Liberation Front* do sul do Vietnã, depois de serem espancados pela polícia durante as manifestações anti-alistamento em Nova York em dezembro passado, foram indiciados por acusações escandalosamente graves; de tal forma que Teague, se condenado, enfrentará até quinze anos de prisão, enquanto Gimbel, contra quem a acusação é mera *posse* de uma garrafa de pó explosivo, enfrenta até sete anos de prisão!

Segunda, o escritor nacionalista negro LeRoi Jones, preso e acusado de *possuir* dois revólveres, foi condenado por esse suposto crime e condenado a três anos de prisão sem possibilidade de liberdade condicional. Mesmo que a acusação não seja uma armação, por que *a posse* de uma arma tornaria alguém um criminoso? Não é direito de propriedade de todos, bem como seu direito constitucional, de portar armas?

Mas nem liberdade nem propriedade são a preocupação daqueles que querem realizar a selvageria a LeRoi Jones, e seus verdadeiros motivos são revelados na preocupação do juiz de ler em voz alta, ao tomar sua decisão, os poemas de Jones, que dificilmente estão relacionados com sua posse de uma arma. Então agora os juízes também são críticos literários!



A terceira, e mais notável, repressão é a decisão do Departamento de Justiça de indiciar, com possíveis longas penas de prisão, com a acusação de exercer a liberdade de expressão — aconselhando as pessoas a resistir ao alistamento — várias figuras importantes no movimento anti-guerra, incluindo o Dr. Benjamin Spock e o Capelão de Yale, William Sloan Coffin. Mas o bem pode emergir desse movimento em direção ao último estágio do fascismo.

Podemos ver os tribunais declararem o recrutamento como inconstitucional, como certamente é sob a ilegalidade da 13<sup>a</sup> Emenda de servidão involuntária. De qualquer forma, prevejo que veremos o movimento anti-guerra fazer o inverso do movimento do início da Guerra Fria de se dobrar e desistir — esse movimento tem muitos princípios e é muito determinado para isso.



## Capítulo 36

### *A Pirataria de Pueblo*

Uma coisa notável aconteceu: deixe o *Pueblo* ser apreendido pela Coreia do Norte, e cada homem na rua se tornará um "especialista" do direito internacional. "Um ultraje!" "Um ato de pirataria!" "Nada como isso aconteceu desde 1815!" O ar está cheio de declamações sobre a lei do mar; espero a qualquer momento a dura volta ao século XVIII e encontrar a imprensa repleta de discussões sobre a lei da captura, da teoria do contrabando, e quantos sopros no *hornpipe* são necessários para um grupo embarcar.

O primeiro ponto que se considera impressionante é a súbita devoção dos políticos americanos às regras do direito internacional, depois que a América as violou várias vezes, e consistentemente no Vietnã por vários anos, e depois de divulgar fotos mostrando soldados americanos ajudando e supervisionando tortura de prisioneiros no Vietnã. O fedor da hipocrisia nesse caso é avassalador.

Mesmo no ponto estreito da captura do *Pueblo*, há áreas e ambiguidades suficientes para dar uma pausa até mesmo para o patriota mais saltado. A Coreia do Norte, como muitas nações do "mundo livre", reivindica 12 milhas de costa como suas águas territoriais. Os EUA alegam que o *Pueblo* foi abordado a 16 milhas fora; os norte-coreanos disseram que o navio — que todos os lados reconhecem ter sido um navio espião, pura e simplesmente — estava a 12 km da costa. Quatro milhas no mar parecem ser motivos muito frágeis para lançar a Terceira Guerra Mundial.

E por essas quatro milhas frágeis, somos forçados a confiar na palavra de um governo que, como o astuto e espirituoso

colunista Murray Kempton nos lembrou, sempre mentiu, e mentiu poderosamente, para o povo americano: durante o incidente U-2, a Baía dos Porcos, e agora, ao que parece, no Golfo de Tonkin, aquele misterioso incidente em outubro de 1964 que serviu de base para toda a escalada da guerra do Vietnã que a Administração Johnson tem travado desde então.

A história americana sobre Tonkin vem mudando constantemente há anos: no início um ataque maciço de barcos PT do Vietnã do Norte lançando numerosos torpedos em navios americanos inocentes, a história agora foi reduzida a um torpedo solitário — talvez — contra navios que reconhecidamente tinham zigzagueado dentro das águas territoriais norte-vietnamitas. Mas é claro que a verdade nunca é alcançada, na mente pública, com a Grande Mentira. Kempton conclui que, nesta disputa, ele está nesse momento forçado a acreditar nos norte-coreanos, uma vez *que eles* não têm mentido para ele ultimamente.

Com o advento da crise de *Pueblo*, o ar do Congresso estava cheio de gritos previsíveis dos falcões de guerra. Vários se juntaram ao Governador Reagan para chamar, da melhor moda John Wayne, por uma frota americana para ir a vapor até Wonsan Harbor para resgatar o navio e a tripulação; uma das muitas dificuldades, é claro, é que a tripulação foi removida há muito tempo para a terra.

Outros estadistas querem bombardear o navio em pedacinhos; aparentemente não faz diferença se resgatamos o navio ou o explodimos — desde que haja *algum* ato poderoso de violência americana. Enquanto isso, enfrentamos o fato de que, além de uma divisão aérea em Fort Bragg, N.C., não há tropas para lançar outra guerra na Coreia.

Como resultado, alguns políticos estão clamando pela última atrocidade: armas atômicas. Por esta sugestão podemos agradecer aos senadores [Henry M. "Scoop"] Jackson (D., Wash.) e [Strom] Thurmond (R., S.C.). Vamos explodir o povo

coreano, o navio e a tripulação, e talvez todos os EUA também, por quatro milhas disputadas nas águas de Wonsan?



## Capítulo 37

### *O Estado da Guerra*

Enquanto eu escrevia, veio a notícia de que o Viet Cong (o Exército de Libertação Nacional do Vietnã do Sul) ganhou sua mais poderosa vitória da guerra. Depois de repentinamente, simultaneamente, e bem sucedidamente invadir com sucesso sete das principais cidades do Vietnã do Sul (e as cidades são os últimos redutos das forças pró-EUA), o VC. invadiu Saigon, indo até mesmo ao coração da embaixada americana.

Este incidente crucial destaca um fato importante da guerra que até agora foi cuidadosamente mantido escondido do povo americano por seus governantes em Washington. Os EUA estão na guerra do Vietnã em vigor desde a primavera de 1965. No Vietnã há uma estação chuvosa, que se estende de cerca de maio a novembro, e uma estação seca, de novembro a maio.

Tipicamente, todas as grandes ofensivas dos EUA ocorreram no início de cada estação seca, à medida que as forças americanas lançaram a Operação This, That e a Other, com vários planos para estabelecer fortes interiores, enclaves costeiros, para "clear and hold", ou para "procurar e destruir". No início de cada estação seca, os EUA lançaram essas ofensivas com uma grande quantidade de fanfarra, alegando que agora, de fato, a guerra está quase ganha, que agora a maré virou, etc.

Há uma boa razão para os americanos exultarem à medida que cada estação seca foi alcançada, pois só a estação seca permite que os EUA usem suas esferas de vantagem ao máximo. Na estação chuvosa, os aviões americanos não podem voar, e os tanques dos EUA e equipamentos blindados pesados afundam na lama.

Esse foi o padrão no início das estações secas de 1965-66 e 1966-67, seguido eventualmente por um interrompimento da ofensiva, e a renovação de esperança e promessa no ano seguinte. Mas agora, nesta estação seca, o padrão é muito, muito diferente. Pois com a chegada da estação seca de 1967-68, o Viet Cong, pela primeira vez, tem total e irreversivelmente a iniciativa estratégica e tática.

Agora é o VC. que faz o ataque, e as forças americanas que fornecem a defesa heroica. As dramáticas incursões e invasões das grandes cidades pelo VC. são apenas a demonstração climática do fato vital de que a guerra realmente se transformou e mais, se transformou completamente.

Pois isso significa que os Viet Cong têm a iniciativa permanente na guerra. Isso significa que os Estados Unidos, apesar de seus quase 600.000 soldados no Vietnã (a grande maioria de seu exército) e apesar dos 700.000 e mais tropas fantoches de Saigon, perderam inevitavelmente e inelutavelmente, a guerra.

Afora destruir o país completamente, não podemos vencer. E agora estamos perdendo constantemente, e perdendo com pouco mais de 50.000 tropas norte-vietnamitas no país para ajudar seus irmãos do Sul. Se cometermos a suprema loucura de uma invasão terrestre do Vietnã do Norte, teremos em nossas mãos não apenas as forças atuais que estão nos chicoteando, mas também mais 400.000 homens do exército norte-coreano, além de guerrilheiros norte-coreanos, para não dizer nada dos chineses.

Talvez aqueles que não estão convencidos da imoralidade da guerra no Vietnã estejam agora convencidos de sua loucura total.



## Capítulo 38

### *A Greve do Lixo*

Por nove dias os lixeiros de Nova York estiveram em greve, e as ruas estavam cheias de montes de lixo. A imprensa e o público ficaram enfurecidos com a greve, mas, como em muitos assuntos, a fúria foi infelizmente mal localizada. As ações do governo, apoiadas pelo público, foram a guerra errada no lugar errado na hora errada.

Em primeiro lugar, o prefeito John Lindsay teimosamente se recusou a aceitar a oferta do painel de mediação do estado, e em vez disso pediu ao governador para chamar a Guarda Nacional para assumir os deveres de transportar e despejar o lixo da cidade. Há várias coisas muito erradas sobre este procedimento.

Primeiro, a quantidade de dinheiro necessária para chamar a Guarda Nacional custaria aos contribuintes de Nova York o dobro *por dia* (US\$ 500.000) do que custaria *por ano* caso o prefeito aceitasse a oferta de mediação em comparação com o valor que o prefeito está segurando. Em segundo lugar, a Guarda Nacional não é muito competente no descarte de lixo, especialmente na operação de sacolas de lixo e guindastes e incineradores. Resumindo, você não pode mover lixo com baionetas.

Ele diz que é uma questão de "princípio". Primeiro, a cidade não deve ceder à "chantagem", e segundo, o sindicato do saneamento está violando a Lei Taylor do estado, que proíbe greves de sindicatos de funcionários públicos. Por causa desta lei, Lindsay agiu rapidamente para colocar o chefe do sindicato, John Delury, na cadeia. Mas ele logo descobriu que a prisão também não move lixo. E assim, quando a violência contra Delury falhou

abismalmente, Lindsay propôs aumentar essa violência colocando a Guarda Nacional em ação - contra a qual os trabalhadores ameaçaram uma greve geral por toda a cidade.

O alto "princípio", então, acaba por ser uma lei despótica violando o direito inalienável de todos de reagirem; ou seja, de pararem de trabalhar - especialmente porque não havia contrato em vigor. Qualquer lei que invada o direito de greve chega perto de ser uma lei de trabalho escravo.

Assim, no contexto da situação, o governador [Nelson]Rockefeller foi perfeitamente sólido ao procurar a mediação e em querer acabar com a greve o mais rápido possível e fazer com que o lixo se movesse novamente. As ações de Lindsay acabaram por serem petulantes, históricas e despóticas; e ainda assim, a posição de Lindsay foi totalmente apoiada por toda a imprensa de Nova York e pela maioria do público, que se contentou com vituperação vazia contra o sindicato do saneamento.

No sentido mais amplo, é claro, o principal problema é que toda a sociedade se colocou à mercê dos sindicatos, aprovando leis privilegiando esses sindicatos e tornando-os quase obrigatórios e, além disso, aceitando como uma regra dada por Deus a ideia de que nenhuma greve pode ser quebrada; em suma, que é impensável simplesmente demitir grevistas e contratar substitutos.

Assim, a prefeita Lindsay prefere os líderes sindicais na prisão do que simplesmente demiti-los e contratar outros em seu lugar. Pois o corolário do direito de greve, que deve ser inviolável, é o direito de demitir grevistas e contratar aqueles que estão dispostos a trabalhar em termos oferecidos pelos empregadores.

## Capítulo 39

### *A Crise do Vietnã*

A administração Johnson está afundando cada vez mais fundo em um atoleiro de mentiras sobre a guerra no Vietnã. Agora, à medida que essas mentiras entram em confronto cada vez maior com a realidade, elas estão se tornando mais abertamente ridículas. Resta alguém que realmente acredite que a última fase de vitórias notáveis do Viet Cong representa o "último suspiro convulsivo" do inimigo virtualmente derrotado?

Se não fez mais nenhum movimento, a administração adicionou uma grande nova lei à estratégia militar: quanto mais você está sendo derrotado, mais isso simplesmente significa que o inimigo está se tornando "desesperado". Quanto mais você perde, mais perto você chega de "ganhar". Quantas vitórias mais podemos suportar?

Recentemente escrevi que o fato crucial sobre a guerra no Vietnã é que o VC assumiu permanentemente a iniciativa estratégica e tática na guerra, uma iniciativa que tivemos durante as estações secas anteriores (aproximadamente novembro a maio), e que os Viet Cong agora obtiveram. Mas mesmo eu subestimei a rapidez e a força com que o VC aproveitaria e empurraria essa iniciativa; mesmo eu subestimei até que ponto o VC está agora ganhando a guerra.

O último reduto das forças fantoches dos EUA e Saigon tinham sido as cidades, e agora eles não são mais redutos. Pois o VC lançou um ataque simultâneo fenomenal contra setenta cidades sul-vietnamitas — incluindo trinta e cinco das quarenta capitais provinciais do país. O VC ainda detém parte de muitas dessas cidades, incluindo Saigon e Hue, a maior.

Isso significa que eles permanecerão lá permanentemente, e que agora estamos permanentemente enfrentando - a não ser que acabemos com toda a população urbana vietnamita, pessoas que supostamente estamos lutando para "se defender" - com guerrilha nas áreas urbanas e rurais.

O sucesso do VC em invadir as cidades reflete seu apoio esmagador entre até mesmo a população saigonesa e urbana, e a deserção pública esmagadora do regime fantoche de Saigon. Como o VC de repente conseguiu aparecer nas cidades? Ao furtivamente espalhar armas e equipamentos entre a população civil com antecedência, e depois entrar nas cidades sob disfarce civil. Isso só pode ser feito com o apoio esmagador da população que ajuda você e esconde seus braços com antecedência.

O VC também conseguiu capturar e atacar todos os principais arsenais sul-vietnamitas, e ganhou deserções em massa do exército de Saigon. Batalhões inteiros de tropas saigoneses ou voltaram para suas aldeias ou foram em um corpo só para o VC. De que outra forma pode-se explicar o fato de que a infantaria dos EUA precisou se agarrar ao próprio Saigon?

Não há áreas seguras para as tropas americanas no Vietnã; não há área de retaguarda segura; a frente está em toda parte, e estamos perdendo rapidamente. É melhor sairmos e rápido. Se o General [William] Westmoreland deixar as 6.000 tropas americanas isoladas e cercadas - por cerca de 30.000 homens - no posto avançado noroeste de Khe Sanh, provavelmente teremos outro Dien Bien Phu, e tal massacre acelerará o processo de saída.

## Capítulo 40

### *A Escalada de Lyndon Johnson*

O sempre perceptivo *Wall Street Journal* recentemente publicou um relatório arrepiante sobre o humor de Lyndon Johnson e do pessoal da Casa Branca. Enquanto a administração promete para cima e para baixo – até mesmo incluindo a tática hitleriana de obter garantias escritas de seus generais - que Khe Sanh vai se manter, em particular eles estão começando a admitir que Khe Sanh pode muito bem cair para os Viet Cong.

O paralelo entre os 6.000 fuzileiros presos e cercados em Khe Sanh e as 15.000 tropas francesas presas e capturadas em Dien Bien Phu há 14 anos, são muito numerosos e muito próximos de ignorar. A desastrosa estratégia de pontos fortes; o entorno cercado por uma grande maioria das tropas inimigas; o bombardeio por artilharia; a dependência de transportes aéreos para fornecer apoio para as tropas sitiadas; a incapacidade até mesmo de proteger os aeródromos; até mesmo os famosos túneis inimigos e trincheiras que trazem fogo inimigo até o perímetro da fortaleza; tudo isso sugere a mesma conclusão inevitável.

O arrepiante é que os funcionários da administração estão começando - em particular - a admitir que Khe Sanh pode muito bem cair para o VC. Mas, eles estão começando a raciocinar na lógica cada vez mais louca desta administração, isso pode não ser uma coisa tão ruim a longo prazo.

Pois um massacre em Khe Sanh mobilizaria e unificaria o povo americano por trás da Guerra do Vietnã, e permitiria ao presidente intensificar ainda mais essa guerra: ir ao Congresso para uma declaração de guerra sobre o Vietnã do Norte, para uma maior mobilização de bombardeiros e tropas terrestres, e, por

último, mas não menos importante, pela imposição de censura e a implacável repressão às liberdades de expressão da dissidência dentro dos Estados Unidos.

Se, de fato, este é o cálculo desta administração, então estamos em um momento difícil ao longo dos próximos meses. Mas Johnson pode estar calculando mal - não sobre a provável queda de Khe Sanh, mas sobre o humor do povo americano. Historicamente, o povo americano pode ficar histericamente assustado com a guerra no *início* repentino de um conflito; em pânico pela ação de seus governantes, que estão ansiosos para expandir seu poder e poder, em casa e no exterior.

Foi o que aconteceu na Guerra Hispano-Americana ("Lembre-se do *Maine!*"), na Primeira Guerra Mundial (o naufrágio da *Lusitânia*) e na Segunda Guerra Mundial (Pearl Harbor). Mas deixe uma guerra se arrastar por anos e o público americano se ajustar ao contínuo dreno de um conflito prolongado, seu crescente cansaço e desgosto da guerra não poderá ser superado pela raiva em desastres repentinos. Será tarde demais para isso.

Enquanto isso, no Vietnã, o VC continua seu curso vencedor. O resultado permanente da ofensiva VC nas cidades é tão importante quanto o drama e os ganhos psicológicos da própria ofensiva. Pois os Vietcongues estão agora firmemente entrincheirados nas fronteiras e periferias de cada cidade e todas as bases militares americanas no Vietnã, e eles podem bombardear e lançar morteiros nessas áreas à vontade; eles podem mudar seu ataque e concentrar-se à vontade. Em um sentido mais profundo, cada enclave americano no Vietnã é agora outro Khe Sanh.

## Capítulo 41

### O “Ideal” Amador

Este é um ano olímpico e, como todo ano olímpico, é um bom momento para contemplar a curiosa relíquia do “amadorismo” que ameaça destruir toda Olimpíada e muitos eventos esportivos. Nos Jogos Olímpicos de Inverno em Grenoble havia, e ainda permanece, uma ameaça recorrente de interromper e destruir os jogos no altar do "ideal" amador; por um tempo as autoridades olímpicas quase arruinaram os eventos de esqui insistindo que os jogadores raspem os nomes dos fabricantes de esqui, e agora se fala em roubar do grande Jean-Claude Killy suas medalhas de esqui porque ele pode ter aceitado dinheiro para aparecer em uma fotografia.

O falso ideal do amadorismo baseia-se na teoria aristocrática pré-capitalista de que há algo perverso e maligno, algo contaminado, sobre aceitar dinheiro no mercado por um gasto de seus esforços e seus talentos. E que há algo sagrado, puro e nobre em se recusar a ganhar dinheiro para despender seus talentos. Esta é uma ressaca do velho escárnio pela nobreza feudal e pela corte em se envolver no comércio ou nos negócios; em ganhar dinheiro pela habilidade de alguém no livre mercado.

Não há dúvida sobre o fato de que o princípio amador é irrealista; portanto, todas as evasões e curtos-circuitos do princípio amador, e disputas intermináveis sobre o quanto trabalho não atlético um atleta deve fazer pela corporação ou organização que o contrata antes que ele possa se qualificar como um "amador" de pureza intocada.

É possível que a qualidade do tênis americano possa ser salva porque, finalmente, tenistas amadores e profissionais

poderão participar de alguns dos mesmos torneios, uma batalha que foi vencida no golfe há muito tempo.

Não há dúvida de que a fuga do conceito amador é a onda do futuro, e que um dia a distinção entre amador e profissional estará extinta tal como o dodô. Mas a questão é que devemos deixar de considerar o octogenário Avery Brundage e seus companheiros campeões do amadorismo como batalhadores de um nobre ideal; o amadorismo é um remanescente feudal, um tapa moral na cara de todos que ganham a vida honestamente, e com o melhor de suas habilidades, no livre mercado.

Deve ser repudiado não somente como irrealista, mas como pernicioso e como o oposto de um "ideal".



## Capítulo 42

### *O Que os Viet Congs Querem?*

Porque é que a esmagadora maioria do povo do Vietnã do Sul apoia a Frente de Libertação Nacional, o "Viet Cong"? Um olhar sobre esta questão ajudará os americanos que estão perplexos em ver tanto da população mundial apoiando o que simplesmente consideramos como "totalitários comunistas". Se fosse tão simples assim, os comunistas encontrariam pouco preciosos apoios, e poucos preciosos membros.

Não é por acaso que o poderoso impulso de 1967-68, que colocou o Viet Cong na posição de vencer a guerra prolongada, foi precedida pela adoção de um novo programa político extremamente importante; uma declaração de política para o presente e futuro regime NLF no Vietnã do Sul. A declaração política foi adotada no último dia 1º de setembro, e foi reimpressa na íntegra no *New York Times* de 15 de dezembro.

Em primeiro lugar, devemos perceber que os NLF não são simplesmente comunistas, mas uma ampla coalizão nacional de numerosos grupos, incluindo budistas, abades católicos e partidos de classe média; e nesta coalizão os comunistas desempenham um papel de liderança. Em segundo lugar, como testemunha desta ampla coalizão, não há uma palavra neste longo programa político sobre o estabelecimento de uma sociedade socialista. Pelo contrário, a plataforma NLF não é mais socialista do que as dos partidos democratas ou republicanos nos Estados Unidos — e talvez muito menos.

Não só isso: o maior impulso do programa é a garantia da propriedade privada dos negócios e especialmente dos camponeses, que são a grande maioria da população vietnamita. Além disso, o programa proclama e garante a liberdade de

religião, das minorias nacionais de ter sua própria língua e autonomia, de fala, imprensa, reunião, associação, manifestações e formação de partidos políticos, bem como "inviolabilidade da pessoa humana", liberdade de residência, liberdade de movimento e sigilo postal.

Sobre os direitos de propriedade, o programa NLF promete "proteger o direito à propriedade dos meios de produção e de outras propriedades dos cidadãos". Ele acrescenta que "o Estado incentivará os capitalistas da indústria e do comércio a ajudar a desenvolver a indústria, pequenas indústrias e artesanato", e "dará a devida consideração aos interesses dos pequenos comerciantes e pequenos fabricantes".

Acima de tudo, o programa garante repetidamente o direito dos camponeses à sua terra, e promete entregar todas as terras confiscadas pelo Estado (por exemplo, as "terras dos imperialistas dos EUA") aos camponeses.

Há outros aspectos importantes do programa NLF que ganharam a devida atenção graças a imprensa, como garantias de igualdade de tratamento às tropas desertoras e a promessa de uma política externa de paz e neutralidade. Mas, a longo prazo, as garantias ao capitalista privado e especialmente à propriedade camponesa são as mais importantes, pois essas garantias, contra as políticas anti-camponesas do regime fantoche de Saigon, percorrem um longo caminho para explicar o fato intrigante de que os países não desenvolvidos do mundo tendem a apoiar os comunistas e não os Estados Unidos.

É porque os comunistas proclamam seu apoio à independência nacional e à propriedade privada dos camponeses, enquanto os EUA invariavelmente apoiam regimes de proprietários coloniais e feudais que são odiados por todos esses países.

## Capítulo 43

### *Semana do Primeiro de Abril*

Os fantásticos, incríveis, disruptivos eventos da Semana do Primeiro de Abril vieram com uma velocidade tão desconcertante que é quase impossível classificá-los e analisá-los tão próximos de sua data inicial. Nós, especialistas e colunistas, somos pegos de surpresa quase todos os dias, e muitos de nós formamos teorias brilhantes em um dia, apenas para vê-las despedaçadas por furiosos fatos e mudanças do dia seguinte.

Os três eventos poderosos naquela semana foram, é claro, a inacreditável retirada do Presidente Johnson na véspera do Primeiro de Abril, o acordo de Hanói para iniciar conversações preliminares de paz, e o assassinato de Martin Luther King. Vamos deixar de lado o assassinato de King e suas implicações para análises posteriores, e concentrar-nos agora em Johnson e no Vietnã.

O primeiro ponto que devemos fazer é protestar vigorosamente contra a poderosa onda de adulação que varreu o homem que, até o final de março, foi o presidente mais universalmente odiado em muitas gerações. Não nos permitamos ouvir mais da salva de palmas doentia sobre o nobre e cristão ato de auto sacrifício de Johnson, sua autoimolação pela unidade da nação, e todo esse tipo de bobagem. Eu meio que esperava alguns dos partidários do Partido Democrata que levaram seus fiéis a proclamarem que LBJ tinha "morrido por nossos pecados".

Lyndon Johnson retirou-se porque, de fato, ele tinha seriamente "dividido" a nação, mas divisão era só o que ele sabia fazer, o tipo de agir de um homem que estava levando esta nação a uma guerra cada vez maior e mais infame no Vietnã. Ele encontrou-se, depois de três anos de guerra em grande escala,

perdendo essa guerra, em meio a uma maré crescente de dissidência, oposição e até ódio em casa. Cercado por todos os lados, perdendo em casa e no exterior, Johnson decidiu sair enquanto tinha um pouco de reputação.

Deve-se reconhecer que a principal lição da retirada de Johnson *não* é sua nobreza inesperada; e santidade, mas o fato de que a maré crescente e inflada do movimento anti-guerra, o crescente sentimento em massa de oposição determinada à guerra e ao recrutamento militar obrigatório, ganhou uma tremenda vitória: o movimento anti-guerra — juntamente com o notável espírito de luta do povo vietnamita — foi capaz de derrubar o homem mais possante e poderoso em todo o mundo: o Presidente dos Estados Unidos.

Foi uma vitória fantástica para a pressão pública em massa vinda de baixo para cima — uma pressão tanto em casa quanto no Vietnã — que inesperadamente borbulhou através da dura crosta do governo do Establishment e das estruturas partidárias políticas ortodoxas, para fazer-se ouvir e ser sentida no cenário político americano.

Foi uma vitória de pessoas privadas preocupadas contra a máquina dominante mais poderosa do mundo hoje. Foi uma demonstração de que pessoas individuais que acreditam e sentem profundamente os pecados do governo, e agem sobre essa crença, *podem* ter um impacto, mesmo para a derrubada do poderoso chefe daquele leviatã governamental. Esta grande vitória nunca poderá ser tirada do povo deste país.

Mesmo reconhecendo essa vitória, no entanto, cabe-nos permanecer em nossa guarda. Não podemos confiar no Sr. Johnson, como foi mostrado um número quase infinito de vezes no passado, e não podemos acreditar que ele não estava tentando, em seu desespero, "dar uma de Nasser": renunciar dramaticamente para depois ter a massa do povo, em uma onda de sentimentalismo frenético, alçando-lhe ao ar e "forçando-o" a

continuar no cargo. Não podemos ter certeza de que Johnson não estava, e até hoje ainda não está, ansiando por um "alistamento".

Felizmente, o voto de simpatia maciça que muitos especialistas esperavam nas primárias de Wisconsin não se concretizou; e quem sabe que sentimento de "convocação" poderia ter sido agitado se Johnson tivesse vencido em Wisconsin? Mas Johnson perdeu facilmente, e a ameaça acabou; mas ainda devemos estar atentos para outra oportunidade que possa criar uma virada sentimental para renomear Johnson como Presidente.

A liberdade depende da eterna vigilância.



## Capítulo 44

### *Martin Luther King*

Okay. Lamento e condeno o assassinato do Reverendo Martin Luther King, Jr. Mas não mais e nada menos do que eu lamento e condeno qualquer assassinato de qualquer homem. A atenção e o *bafafá* que está sendo feito em virtude do assassinato de King é mais do que um pouco ridículo e mais do que um pouco revoltante.

Todos os dias dezenas de milhares de pessoas são assassinadas, e ninguém dá a mínima; nenhuma bandeira a meio mastro, sem lojas, bancos e jogos de sinuca fechados por quase uma semana. Quando, o grande líder negro, Malcolm X foi assassinado não houve bancos e escolas fechadas, e nenhum vice-presidente apareceu em seu funeral. Parece-me que há mais confusão e lamentos sobre o assassinato do Reverendo King do que houve sobre o assassinato do Presidente Kennedy — ou pelo menos tanto quanto.

Por quê? Por que este assassinato e este funeral devem comandar a atenção contínua e ininterrupta de toda a nação? O movimento dos direitos civis se opõe à discriminação, e ainda assim ao escolher o funeral do dr. King para atenção única e incessante parece-me ser esse um insulto e discriminação contra todas as outras vítimas de assassinato e jogo sujo, aqui e em todo o mundo.

Tenho um bom palpite sobre a resposta devida a esse mistério, e a resposta torna todo o espetáculo repulsivo, vergonhoso e hipócrita, e não simplesmente ridículo. Tenho um palpite sobre porque loja após loja sacaram anúncios de bordas negras com o retrato do Dr. King, proclamando que eles

fechariam em homenagem ao seu funeral. O palpite: que esses valores agiram não por tristeza e respeito, mas por puro medo.

Medo de que, a menos que haja o mínimo de reverência em direção ao Reverendo King, os negros desta nação se levantariam e os derrubariam. De certa forma, essas lojas e escolas estavam pagando uma espécie de chantagem antecipatória. É um espetáculo verdadeiramente degradante.

Tão intensamente o medo tomou o centro de Manhattan na sexta-feira após o assassinato que empresa após empresa liberou seus funcionários mais cedo, em resposta a rumores selvagens que permearam Nova York que todo o centro de Manhattan estava em chamas e ruínas. Invariavelmente, esses funcionários correram para casa e barricaram suas portas, esperando pelo holocausto que nunca chegou.

Rev. King, de longe o líder número um do povo negro, também foi o seu principal apóstolo de absoluta não-violência; portanto, foi a maior força de contenção da revolução negra em desenvolvimento. E isso se tornou ainda mais verdade porque, em momentos de crise, ele relaxou sua absoluta não-violência para sair em favor do uso da violência pelas tropas federais para acabar com os tumultos negros — como fez em Watts há três anos, e como fez nas rebeliões urbanas do verão passado. Agora que sua influência se foi; como Gandhi, seu mentor em movimentos de massa não-violentos, ele foi cortado pela bala de um assassino.

Talvez o sinal mais importante de radicalização do humor negro após a morte do Dr. King tenha sido o extenso tumulto em Washington, D.C. Pois os negros de Washington sempre foram muito tranquilos e dóceis, a maioria deles sendo funcionários públicos de baixo escalão com um status distinto na comunidade negra. Mas agora Washington, pela primeira vez, entrou em erupção, e fomos trazidos para a imagem altamente reveladora de soldados com metralhadoras nos degraus da Casa Branca.



O véu, a máscara, a ilusão de que o governo governa por "consentimento" voluntário do público foi, nessas fotografias e nessa realidade, despojado, e vimos claramente, alguns pela primeira vez, que o governo governa, em última análise, pela arma e pela baioneta — e só por elas.



## Capítulo 45

### *Todas as Renúncias*

A retirada de Presidente Johnson da corrida presidencial é a última de uma série de retiradas que pegou a mídia em massa totalmente e completamente desprevenida: a retirada repentina do governador [George] Romney durante a campanha em New Hampshire, e a decisão do governador [Nelson] Rockefeller de se retirar da corrida depois que todos os seus amigos e associados ficassem assegurados de que ele entraria. Em todos os casos, o renunciador proclamou a razão de ser seu desejo de "unificar" o partido e/ou o país.

Tudo isso me dá uma ideia. Se essas retiradas são tão benéficas para o partido e para o país, por que mais políticos e potenciais candidatos não devem seguir o nobre exemplo desses homens idealistas? Por que *todo* mundo não deveria se retirar: Nixon, [Robert F.] Kennedy, McCarthy, Humphrey, ou quem quer que seja?

À medida que cada político se retira, todos nós podemos espalhar seus caminhos com flores e saudar sua nobreza e auto sacrifício. Seria então uma vergonha e uma desgraça para qualquer um concorrer ao cargo presidencial; e *qualquer um* que ousasse fazê-lo seria uma espécie de leproso moral na comunidade. Claro, o resultado desse arremate de moralidade nessa terra seria que não haveria ninguém disponível para concorrer à presidência, e temo que o resultado seria que o cargo agosto da Presidência seria declarado vago.

Com a presidência vaga por quatro anos, não haveria ninguém para fazer guerra, ninguém para apresentar um orçamento federal, ninguém para insistir que o Congresso aprove uma nova legislação, ninguém para executar as leis, ninguém

para nos ameaçar. Talvez depois do choque inicial, todos nós nos encontraríamos imensuravelmente mais livres e felizes do que éramos antes.

Então um clamor surgiria para que estendêssemos os benefícios desta moratória em cargos públicos ainda mais, e todos os tipos de burocratas e políticos, altos, baixos e medianos, renunciariam ou se recusariam a concorrer ao cargo. Escritórios do governo ficariam vagos em toda a extensão e largura da terra, e a alegria reinaria sem limites. Para qualquer um concorrer ou aceitar qualquer cargo público seria considerado uma desgraça moral e estética, a ser evitada por todos.

Um escritório no qual eu gostaria de ver demissões em massa, desde já, é o de adesão a conselhos de alistamento locais. Os membros do conselho realizam seu nobre serviço de forma não remunerada; no entanto, assim como a caridade é suposta a ser silenciosa, esses dignos membros ficam chateados se seus nomes se tornam conhecidos pelo público que sofre ao ter seus filhos arrancados ao seu chamado. Vamos descobrir quem são nossos amigáveis membros do conselho local, e não nos esqueçamos deles quando lançamos nosso opróbrio moral contra os políticos e burocratas.

## Capítulo 46

### *As Negociações de Paz*

A ofensiva da paz de Abril de 1968 de Lyndon Johnson foi, como o senador [William J.] Fulbright teve a enorme coragem de apontar, uma farsa. Hanói disse repetidamente que não negociaria até que os Estados Unidos parassem incondicionalmente e permanentemente o bombardeio do Vietnã do Norte. O anúncio do bombardeio de Johnson enganou muitas pessoas a acreditarem que era isso que Johnson havia decidido fazer; em vez disso, Johnson continuou a bombardear o Vietnã do Norte até 200 milhas ao norte da fronteira e, de fato, ele bombardeou esta grande zona muito mais intensamente após a "parada de bombardeio" do que ele tinha feito antes.

Mas Johnson tinha feito uma manobra extraordinariamente astuta. Na onda de adulação em massa e de sentimentalismo sobre a retirada de Johnson, o ódio maciço e a desconfiança de Johnson no país e no exterior evaporaram e mudaram para simpatia e piedade; e no decorrer desta mudança, Johnson conseguiu acumular para si mesmo o manto da paz.

Como a imprensa americana proclamou, Hanói estava agora no lugar; e, sem fazer nada realmente construtivo, Johnson conseguiu adquirir a aura de pacífico aqui e em todo o mundo. E Johnson confiantemente esperava que Hanói mantivesse sua posição de longa data, e então essa se tornasse, aos olhos dos americanos e da opinião mundial, uma nação que faz guerra de forma contumaz. Johnson poderia então retomar e reescalar a guerra com impunidade.

Não só isso: por sua brilhante manobra, o Sr. Johnson foi, com um golpe, capaz de cooptar toda a posição de "paz" dos Senhores. Kennedy e [Eugene] McCarthy, seus perigosos rivais.

Em toda a empolgação justificável sobre as campanhas de McCarthy e Kennedy, e na esperança geral de que eles ofereçam alternativas significativas para a guerra, um ponto importante foi perdido de vista: em todas as suas críticas afiadas à guerra, nem Kennedy nem McCarthy vão além de um apelo para parar o bombardeio e negociar com todas as partes, incluindo a Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul. Nenhum dos dois pede a retirada imediata do Vietnã.

Como resultado, a tática de negociações e bombardeios de Johnson chega muito perto das promessas máximas de seus rivais para a nomeação. Se Hanói tivesse se recusado a negociar e Johnson tivesse retomado a guerra em larga escala, Kennedy e McCarthy teriam dificuldades de retomar seus ataques acentuados às políticas do presidente. Ao concordar em negociar, Hanói, com igual astuta, jogou a bola de volta para o Presidente Johnson, ou pelo menos, tirou qualquer ônus de seus próprios ombros.

Além de tudo isso, essas negociações trarão paz? E quando? Pois se Johnson for capaz de concluir um acordo de paz completo até o final de agosto, é novamente possível que seus tenentes sejam capazes de projetar uma "convocação" por aclamação do novo herói da paz.

Estou razoavelmente certo de que isso não vai acontecer; e que, se a paz for concluída, ainda está muito longe. As negociações coreanas levaram dois anos para concluir a paz, e as partes agora estão pelo menos tão distantes quanto estavam na época.

## Capítulo 47

### *Atirar em Ladrões*

O grande debate que se enfureceu durante os tumultos pós-funeral de King, e que continuará a ser agitado na onda de tumultos do gueto neste verão, é: os ladrões devem ser baleados?

Muitos defensores dos direitos de propriedade estão apoiando a posição do prefeito de Chicago, Richard Daley, de que ladrões sejam baleados pela polícia, e estão criticando funcionários como o prefeito de Nova York, John Lindsay, que afirma que sua polícia não atirará em crianças por saquear lojas. A questão está sendo colocada: a vida dos ladrões versus os direitos de propriedade dos comerciantes.

Aqueles libertários que favorecem a força máxima para parar os roubos é melhor reconsiderarem sua posição. Eles, por exemplo, favoreceriam a execução de um jovem rapaz que rouba uma maçã de uma barraca de frutas? Se não, por que não? Os direitos de propriedade não são sagrados?

A confusão aqui não vem de um desacordo sobre o direito do comerciante à sua propriedade, mas de uma ausência, entre libertários, de uma teoria bem pensada de punir invasões desse direito de propriedade. Entre aqueles que pensaram sobre esse problema, há uma divisão de opiniões; alguns libertários se opõem a qualquer uso da força, mesmo em legítima defesa. Embora eu respeite profundamente esta posição, eu não concordo com ela.

Acredito que todos têm o direito de usar a violência em defesa de sua propriedade contra a invasão, mas *apenas* em algum tipo de proporção ao próprio crime. Qualquer punição

deve limitar-se a ser proporcional ao crime; na velha frase, "deixe a punição se encaixar no crime." Portanto, se um homem é atacado por um criminoso e sua vida está em perigo, ele tem, na minha opinião, o direito perfeito de se defender por qualquer meio necessário, até e incluindo a morte do agressor.

Mas se um comerciante vê um garoto fugindo com sua maçã, ele não tem o direito de atirar naquele garoto, porque isso equivaleria à pena capital por um pequeno delito de propriedade; a punição seria grosseiramente desproporcional, a tal ponto que o próprio comerciante seria então um invasor do direito do garoto saqueador à sua própria pessoa e à sua própria vida. O comerciante seria então um assassino injustificado.

Portanto, o uso de armas letais em legítima defesa, ou em defesa de outros, só é moralmente justificável se a vida da vítima estiver em perigo. Se não for, então essa violência excessiva é em si mesma tão criminosa e invasiva do direito à vida do ladrão como qualquer outro crime capital.

Cada homem, então, tem um direito moral à sua própria propriedade, o que *inclui*, e inclui acima de tudo, sua propriedade em sua própria pessoa e vida. Quando um homem invade o direito de propriedade de outro, ele só perde seus próprios direitos *na medida* em que ele invadiu o direito semelhante de seu companheiro.

Portanto, atirar em ladrões, seja pelo próprio comerciante ou pela polícia, é absolutamente impermissível. O direito à vida, afinal, é mais importante do que o direito de ter uma câmera ou um televisor colorido, por mais importante que este último seja, sem dúvida.



## Capítulo 48

### *O Humor Revolucionário*

Alguém que tenha algo a ver com os campi do país sabe que a atmosfera mudou drasticamente nos últimos dois anos; até mesmo nos últimos meses. Os sinais estão por toda parte.

Veja Harvard, por exemplo. Até alguns meses atrás, o humor dos estudantes de Harvard era, e sempre tinha sido, cautelosamente bem humorado e moderado; os estudantes de Harvard sabem que formam a próxima elite da nação, e eles se comportam de acordo. Escritos ou ideias radicais foram ventilados por apenas uma pequena minoria hippie no campus.

Mas agora, o *New York Village Voice* relata de Harvard que, sob o impulso da fracassada Guerra do Vietnã e a decisão do governo federal de recrutar estudantes de pós-graduação, uma mudança incrível ocorreu no campus. *Todos* agora são radicais, todos não só se opõem profundamente à guerra e ao alistamento militar, mas falam em "resistir", "desafiar", até mesmo "bombardear" e "assassinar", preenche o ar.

A questão não é tanto que os estudantes de Harvard realizarão tais atos, mas que a opinião geral do campus radicalizou tanto que agora eles podem apoiar abertamente tais visões anteriormente "impensáveis". Um número fenomenal de estudantes universitários, em Harvard e em outros lugares estão agora seriamente considerando emigrar para o Canadá para evitar o alistamento.

Em todos os campi, radicalização está acontecendo em grande velocidade. Iona College em New Rochelle, Nova York, até agora uma faculdade católica altamente conservadora cujo único clube político tinha sido o de direita Young Americans for

Freedom, recentemente teve uma manifestação contra a Dow Chemical Company que mobilizou nada menos que duzentos estudantes, e o YAF só conseguiu reunir cinco estudantes para uma contramanifestação.

Um velho amigo meu, um estudante de pós-graduação da Universidade de Chicago cujos argumentos contra o alistamento sempre foram cautelosamente moderados, enfatizando a eficiência econômica de um exército voluntário, agora fala apenas de emigrar para o Canadá, e ele relata que em todos os campi do Centro-Oeste, o mesmo tipo de mudança está acontecendo.

Não só alunos, mas também professores; é quase impossível agora encontrar qualquer intelectual que seja a favor da guerra no Vietnã ou que tenha qualquer coisa além de ódio pelo Presidente Johnson. Em todos os lugares, jovens membros do corpo docente que antes não se importavam com política, agora se opõem apaixonadamente à guerra.

Mas não só isso: essa oposição à guerra e ao governo dos EUA, em surpreendentemente muitos casos, aprofundou-se na oposição a todo o governo – em uma visão verdadeiramente libertária da natureza do aparato estatal. O que começou como pura repulsa contra a guerra começou agora a se aprofundar em uma oposição total ao próprio Estado.

## Capítulo 49

### *A Cruzada McCarthy*

A campanha presidencial do senador Eugene McCarthy tem gozado de muito entusiasmo entre segmentos consideráveis da vida americana. Particularmente isso é verdade para os campus da nação, tanto para estudantes quanto professores. Sua coragem solitária em lançar a corrida contra probabilidades esmagadoras e com o descontentamento do Presidente, combinada com sua oposição à guerra do Vietnã e seu tom e estilo acadêmico, conquistou os corações de quase toda a comunidade universitária americana, bem como de outros americanos de classe média.

Ele não só tem aproveitado a crescente oposição à guerra, mas suas qualidades professorais e sutis (ele costumava ser um professor de ciência política) e suas vitórias nos livros de história geraram um compromisso pessoal com McCarthy entre um número surpreendente de pessoas.

Tome alguns augúrios: na Universidade de Columbia, membros das duas organizações altamente conservadoras do campus, o *Douglas MacArthur Club* e a *Conservative Union*, mudaram de lado para apoiar McCarthy. No *Brooklyn Polytechnic Institute*, com um corpo estudantil tão conservador que Goldwater conquistou uma vitória esmagadora lá em uma pesquisa de opinião em 1964, há apenas uma organização de campanha presidencial, e ela é para o senador McCarthy. Inúmeros amigos conservadores meus se alistaram no movimento McCarthy, incluindo alguns que até recentemente tinham sido defensores da guerra no Vietnã.

No entanto, se cavarmos abaixo da atratividade superficial da campanha de McCarthy, descobrimos que há uma preciosa e

sonora razão para todo o entusiasmo. Um crítico das políticas de Johnson no Vietnã, o Senador McCarthy pode até ser, mas sua posição sobre o Vietnã não é realmente tão diferente; o que ele quer *não* é a retirada imediata, mas uma parada no bombardeio do Vietnã do Norte, e negociações com todas as partes, incluindo a Frente de Libertação Nacional. Agora que o Presidente Johnson parece ter praticamente adotado esta posição, há pouca crítica fundamental à guerra que McCarthy ainda pode oferecer. Além disso, McCarthy é a favor de continuar a escravidão do alistamento militar obrigatório o mais longe que ele passou nessa questão é oferecer serviço escravo alternativo em vez de prisão para recrutas refugiados que decidissem voltar do Canadá.

Pois, em última análise, o Senador McCarthy não é um libertário em qualquer medida, mas um liberal, embora um membro da ala do liberalismo que seja muito mais inteligente e sofisticado do que a ala bruta liderada pelo Presidente Johnson. McCarthy viu que a guerra do Vietnã era inútil para o imperialismo americano, e favoreceu a sua eliminação, *não* porque ele se opõe ao imperialismo, mas porque ele vê realisticamente que sua causa lá é desesperadora e não vale a pena continuar a guerra.

Esta é uma visão mais inteligente e fundamentada do que a de Johnson-Humphrey-Rostow, e pode muito bem ser melhor ter McCarthy na Casa Branca do que Johnson, mas dificilmente é uma visão que deve enviar libertários para vendavais de entusiasmo. Vamos reservar nosso entusiasmo para causas melhores.

## Capítulo 50

### *Columbia: A Noite de Infâmia*

Em 9 de abril de 1968, na calada de uma noite que viverá na infâmia nos anais da educação neste país, o presidente da Universidade de Columbia Grayson Kirk e o vice-presidente David Truman ordenaram sobre o campus 1.000 policiais, que passaram a bater, esmurrar, e arrastar até o camburão 720 estudantes e professores, bem como brutalizar milhares de espectadores inocentes.

Os estudantes haviam ocupado e sentado em vários edifícios de Columbia por uma semana, um ato de desobediência não violenta para dramatizar suas exigências para que a Columbia terminasse sua conexão com a Guerra do Vietnã através do Instituto governamental de Análise de Defesa, para que parasse a construção de um ginásio em um parque público contra os protestos da comunidade local, e para que instituísse mais poder aos alunos e professores nas decisões da universidade que é, afinal, uma comunidade acadêmica de professores e alunos.

Os membros do corpo docente estavam alinhados em frente aos prédios atingidos para proteger os estudantes de qualquer intrusão de violência policial, por isso foram espancados pela polícia para chegar aos manifestantes. Apesar da brutalidade frenética da polícia, os manifestantes nunca resistiram ativamente à prisão; eles simplesmente não foram muito cooperativos no processo de prisão.

Mesmo podendo concordar ou discordar das táticas dos manifestantes, não há desculpa, nenhuma justificativa, para a administração de Columbia chamar mil policiais para usar a violência contra estudantes desarmados. É o auge da ironia que, pouco antes de sua ação monstruosa, Kirk e Truman, em uma

conferência de imprensa, tenham criticado duramente estudantes distintos por "recorrerem à força"; em contraste, Kirk e Truman invocaram as antigas verdades acadêmicas da razão, da paz e da livre busca pela verdade. Então, boom! veio a *polizei*, ordenada por esses mesmos homens, que pareciam não ver nenhuma inconsistência com seus pronunciamentos anteriores.

O corpo discente e docente da Columbia, e de fato em outros lugares, aprenderam muitas lições duramente conquistadas naquela noite. Eles aprenderam que sob os sentimentos de alto nível sobre razão e inquérito livre na comunidade acadêmica há o punho de ferro. Eles aprenderam que esses mesmos líderes acadêmicos de alto nível se recusam a negociar uma polegada quando um "princípio" supostamente crucial (não dar anistia aos transgressores) está em perigo.

E assim, embora universidades menos eminentes, mas muito mais sensatas como a Universidade de Boston e a Universidade de Long Island tenham rapidamente concedido anistia completa aos seus alunos sentados na semana anterior, e tiveram todo o episódio sob controle e esquecido dentro de 24 horas, os governantes da poderosa Columbia se recusaram a fazer o mesmo e chamaram seus policiais-hooligans em vez disso. Os alunos e o corpo docente aprenderam que uma instituição que está feliz em cooperar na pesquisa para a napalmização de camponeses inocentes dificilmente vai deixar de bater em mil ou mais estudantes.

Este processo de aprendizagem custará muito caro à Columbia. Os manifestantes martirizados, emergindo sangrentos, mas sem se curvar dos edifícios sob a acusação da polícia, seguraram o sinal de V para a vitória. Pois eles sabiam que ao perder essa batalha eles tinham vencido a guerra; em todo o campus, a maioria dos estudantes e muitos dos professores, antes apáticos ou contrários à greve, estão agora tão profundamente irritados com a polícia (a maioria deles aprendeu sobre "brutalidade policial" pela primeira vez) e com a administração,

que eles estão determinados a expulsar a administração e atacar até que sua demanda seja atendida.

É assim que as revoluções começam: um pequeno, mas determinado grupo embarca em uma ação dramática para divulgar suas demandas; eles são recebidos com violência bruta pela estrutura de poder; isso traz o resto da população sujeito para o lado revolucionário. Na Columbia, a revolução começou.





## Capítulo 51

### *A Revolução Estudantil*

Recentemente eu escrevi nestas colunas do humor revolucionário tendo se acelerado nos campi da nação. Agora está claro que subestimei o escopo e a profundidade da iminente rebelião estudantil: pois essa rebelião não está ocorrendo agora apenas nos campi americanos, mas em todo o mundo. Nos EUA, houve incontáveis reuniões estudantis, sendo a mais poderosa, é claro, a crise da Columbia, que conseguiu fechar o Columbia College pelo resto do semestre: mas ainda mais importante, rebeliões estudantis estão chegando perto de derrubar governos na Europa, especialmente na Polônia, Alemanha Ocidental e França.

Os incríveis eventos na França destacam o processo revolucionário em curso. Assim tem sido a França, irritada por mais de uma década de quase-ditadura por De Gaulle. Soma-se a isso o sistema educacional arcaico, burocrático, estatal e dirigido pelo estado, e os ingredientes foram preparados para a rebelião estudantil. Assim como no modelo menor em Columbia, a rebelião estudantil começou como uma reunião e uma manifestação por um grupo relativamente pequeno de militantes estudantes rebeldes.

Assim como em Columbia, a polícia foi chamada para forçar os manifestantes a entrar na fila, batendo e esmurrando em seu caminho através dos manifestantes estudantis. A brutalidade selvagem infligida aos estudantes balançou a classe trabalhadora francesa para apoiar os estudantes, assim como na Columbia a brutalidade balançou a convicção em favor dos estudantes moderados por trás da greve. Por toda a França, o grito surgiu: “De Gaulle! Assassín!”, o analogo a “Kirk Must Go” da Columbia!

O que os alunos querem? Obviamente seus objetivos são vagos e mal definidos. Mas é assim que sempre é na revolução; ninguém se senta e elabora um projeto de como a revolução deve ser ou de como ela vai acabar. Pelo contrário, uma vez lançada, a revolução prossegue em sua própria dinâmica interior, e os revolucionários se educam no curso da própria luta. Mas os alunos sabem, e claramente, o que é *que são contra*; eles são contra o sistema atual, e especificamente contra a burocracia educacional endêmica do estado no mundo de hoje.

Eles são, por assim dizer, libertários instintivos, atacando com fúria as instituições que eles percebem que estão oprimindo e manipulando-os. Uma coisa é certa: essas crianças não são "comunistas". Tome-se, por exemplo, o caso de "Red Rudi" Dutschke, o famoso jovem líder dos rebeldes estudantis de Berlim Ocidental. Apesar de seu apelido, Rudi descobriu que tinha de deixar a Alemanha Oriental, onde nasceu, porque não podia lidar com o sistema comunista opressivo de sua terra natal.

Além disso, como um líder jovem cristão, Dutschke descobriu que ele era particularmente detestado pelo regime da Alemanha Oriental. O Partido Comunista invariavelmente estava muito atrasado para endossar as atuais rebeliões estudantis — o Partido Francês os submeteu pela primeira vez a um ataque amargo — e só acenou em prol das manifestações quando ficou muito claro que se os comunistas *não* apoiassem os estudantes perderiam toda a esperança de apoio da próxima geração.

É verdade que os ídolos da juventude da Alemanha Ocidental e da Juventude Francesa, e os rebeldes americanos também, são líderes comunistas como Mao, Che Guevara e Ho Chi Minh. Mas eles não são reverenciados como comunistas; ninguém, afinal, gosta muito, muito menos adora, os líderes comunistas atuais em Brezhnev, Gomulka ou Gus Hall; a razão é que os líderes acima são admirados não como comunistas, mas como revolucionários bem-sucedidos. Neste mundo moderno, complexo e militarizado, Ho, Che e Mao foram capazes de fazer

revolução; é essa conquista, não o comunismo, que leva os jovens a idolatrá-los.

De qualquer forma, eu, por exemplo, não chorarei por qualquer coisa que possa ser varrida das antigas estruturas universitárias burocráticas dominadas pelo Estado. Mas, gostando ou não, se torcemos ou lamentamos, segurem seus chapéus: a revolução estudantil internacional começou.



## Capítulo 52

### *Assassinato*

### *Esquerda e Direita*

O trágico assassinato do senador Robert Kennedy aponta um fato interessante sobre todos os assassinatos recentes e tentativas de assassinato que passaram despercebidos: que cada assassinato ou tentativa de assassinato foi de um líder do que pode ser amplamente chamado de "Esquerda" — John Kennedy, Senador Kennedy, Malcolm X, "Red Rudi" Dutschke, o líder estudantil da Alemanha Ocidental, Medgar Evers e o Reverendo Martin Luther King. Como é que, entre essa onda de assassinatos, nenhum líder de direita foi assassinado? Nenhum dos clichês, embora possam ser verdadeiros, sobre a América ser uma "sociedade violenta" resolve este problema peculiar.

Na minha opinião, a resposta está em um grave mal-entendido da situação, tanto da esquerda quanto da direita, cada um em seu próprio acampamento. Em suma, o que temos no mundo é um aparato estatal, executado mais ou menos "pacificamente" e silenciosamente, com mais ou menos estabilidade por uma elite dominante ou establishment, com as massas exploradas, mas iludidas, pagando a conta.

Derrubar esta Velha Ordem, ou regime estatista existente, que é amplamente tarefa da esquerda, requer líderes carismáticos e dinâmicos para despertar as massas para fora de seu torpor, para expor sua exploração pelas classes dominantes, e depois mover-se para derrubar essa regra.

Portanto, a esquerda, em um ou outro sentido revolucionária, requer líderes individuais dinâmicos para promover essa revolução. Assim, alguns membros inteligentes da Direita, aqueles dedicados ao status quo, percebendo a grande

dependência da esquerda sobre seus líderes, particularmente nos estágios críticos iniciais da revolução, se movem para assassinar esses líderes e para cortar a situação pela raiz.

A ironia é que a Esquerda não percebe a importância de tais líderes dinâmicos e, portanto, não se move, de uma forma ou de outra, para protegê-los. Pois a esquerda, acreditando que toda a história é determinada por amplas forças sociais e classes de pessoas, subestima gravemente a importância da liderança individual — sua própria liderança — em tal luta.

Embora seja verdade que os líderes individuais não podem fazer uma revolução se o solo fértil não estiver lá, a liderança inspirada para cultivar esse solo é tão importante quanto. A esquerda, prisioneira de sua própria visão ingênua da história, não percebe isso.

Por outro lado, a esquerda não assassina líderes de direita pela mesma razão: uma vez que são forças sociais amplas e não líderes individuais que importam, qual seria o ponto de matar o Sr. X se o Sr. Y, colocado pelo mesmo sistema existente para substituí-lo, é tão ruim quanto? Ironicamente, *neste* caso, a esquerda está mais próxima de estar correta, pois o trabalho de administrar um Establishment existente — em contraste com a tarefa de despertar as massas para derrubá-lo — é quase o mesmo de um governante do Establishment para o outro. Portanto, no caso da ala direita, um líder é quase o mesmo que o próximo.

Assim: ambos os lados, esquerda e direita, estão muito mais corretos em analisar o papel da liderança na oposição do que em seu próprio campo.

## Capítulo 53

### *Revolução Francesa— 1968*

Ainda que ele esfrie, como parece finalmente estar fazendo, ou triunfe, há muitas lições a serem aprendidas com a fenomenal Revolução Francesa de 1968. Em primeiro lugar, demonstra a mentira, de uma vez por todas, do mito generalizado de que as revoluções, desejáveis ou não, são simplesmente impossíveis no mundo moderno, complexo e altamente tecnológico.

Quando os mitólogos foram confrontados com as revoluções chinesas, vietnamitas, argelinas e cubanas, todas claramente triunfantes, eles disseram: Oh, bem, talvez ainda possa haver revolução nos países subdesenvolvidos, mas *não* no mundo ocidental. Depois veio a bem-sucedida Revolução Húngara de 1956 — bem-sucedida até a insurreição soviética. A desculpa então era que a Hungria ainda era um país em grande parte rural e não desenvolvido.

Mas agora a França, a poderosa França — berço do mundo ocidental, e berço de revoluções. A França, uma possesora da bomba H, travou os pés e quase tombou por aquela famosa arma revolucionária nunca até agora usada com sucesso: a greve geral. Tecnologia moderna e complexa requer pessoas qualificadas para trabalhar nisso, e se essas pessoas se recusam a trabalhar, bingo, você tem uma situação revolucionária. Então agora sabemos e saberemos para sempre que a revolução *é* possível no mundo ocidental desenvolvido.

Um segundo item interessante foi o que provocou a enorme greve geral — foi a mesma faísca que desencadeou toda e qualquer rebelião de gueto nas cidades dos EUA no verão passado: brutalidade policial maciça. Como na Universidade de

Columbia, a brutalidade policial foi dirigida contra estudantes, que foram espancados, esmurrados, gaseados e granadeados pela polícia francesa. A pergunta: Por que nos EUA a maioria das pessoas estava com raiva dos estudantes e apoiava a polícia, enquanto o inverso acontecia na França?

Uma resposta para este quebra-cabeça é a atitude muito diferente em relação aos policiais na França. Todo francês, independentemente da renda e da classe social, tem um profundo e permanente ódio em seu peito pela polícia. Por uma razão, os franceses tendem a ser dedicados à liberdade de expressão e manifestação, e entendem que são sempre os policiais que invadem essa liberdade; em segundo lugar, todo francês teve problemas em sua adolescência com a polícia.

Pois é uma tradição francesa que quando um francês recebe seu cobiçado diploma de ensino médio, ele se envolve com a tradicional rebeldia chamado "grupo *monomial*"; e também é tradicional que o "*monomial*" seja sempre interrompido com grande brutalidade pela polícia. Assim, todo francês tem um ódio aguçado da força policial nutrida dentro dele; daí o apelido francês comum para a polícia: não tanto a expressão conhecida *flics*, ou "policiais", mas *les cognes* (aqueles que batem nas pessoas).

Policiais, para os franceses, são aqueles que vão bater nas pessoas, e quando o fizeram em violação de uma tradição centenária de não haver nenhum policial no campus universitário, toda a França explodiu. Outra lição importante é o papel contrarrevolucionário, provavelmente a principal razão para a derrota final da revolução, desempenhada pelo Partido Comunista Francês. Os rebeldes estudantis, que tendem a ser anarquistas, consideram corretamente o Partido Comunista como um pilar do Establishment existente.

Os comunistas se opuseram aos estudantes desde o início, e finalmente se juntaram ao grupo, e então induziram os



trabalhadores a cederem em suas exigências. Toda a França agora sabe o que a Nova Esquerda vem dizendo há anos: que o Partido Comunista é um pilar do Establishment "conservador". Se os americanos comessem a absorver esse fato, sua visão do mundo seria muito diferente do que é hoje.



## Capítulo 54

### *Conselhos de Alistamento*

Uma das forças mais poderosas no sistema de escravidão de alistamento neste país também é uma das mais secretas e menos conhecidas: seu amigável conselho local. Até muito recentemente, a adesão a cada conselho local estava envolta em total sigilo. Mesmo agora, quando a política oficial é finalmente para tornar os nomes públicos, é praticamente impossível receber os nomes da burocracia do Sistema de Serviço Seletivo, e responder a perguntas vitais como:

Como os quadros de alistamento são selecionados? Quem os seleciona? E sob que critérios? Milhões de crianças foram recrutadas ao longo dos anos, sem ter a menor ideia de *quem* esses membros do conselho, com um poder praticamente de vida e morte sobre eles, realmente são.

Tudo isso vai totalmente contra a teoria oficial de que os membros do conselho são escolhidos entre as comunidades locais, entre as pessoas que conhecerão as circunstâncias especiais das crianças que estão sendo convocadas, e que poderiam, portanto, agir de acordo com seu conhecimento único. A própria literatura do Serviço Seletivo diz:

*A organização descentralizada do Sistema de Atendimento Seletivo é (...) projetada como uma conveniência para todos os inscritos, proporcionando-lhes acesso imediato a uma unidade personalizada do Sistema. (...) Os conselheiros não pagos são frequentemente vizinhos dos inscritos. As decisões baseiam-se no conhecimento das condições locais e nas circunstâncias que cercam cada indivíduo.*

Tudo parece muito aconchegante; no entanto, naqueles casos que foram relevados por jornalistas empreendedores, é o inverso da verdade. Depois de uma longa corrida, dois jornais "subterrâneos" da Nova Esquerda, a *Imprensa Livre* de Nova York e o *Mid-Peninsula Observer* na Califórnia, foram capazes de se apossarem e divulgarem os nomes dos membros do conselho em suas áreas.

Quase uniformemente, eles descobriram (1) que os membros do conselho não viviam nas comunidades sobre as quais governam; e (2) que jovens de grupos minoritários de baixa renda estavam sendo recrutados por brancos de alta renda que viviam longe de suas comunidades. Assim, em Manhattan, mais de 88% dos membros do conselho *não* vivem nas comunidades que governam e o presidente do conselho do Harlem central, que recruta jovens negros de baixa renda, vive na rica comunidade branca de Great Neck, a muitos quilômetros de Manhattan, em Long Island.

Pouco se sabe até agora sobre esses membros do conselho, embora já esteja claro que há uma alta porcentagem de advogados com conexões políticas, e de funcionários do distrito escolar local; em suma, as chamadas pessoas de base estão, na realidade, ligadas ao aparato governamental. Parece também que as vagas nos conselhos são, de fato, preenchidas pelos próprios membros restantes, tornando-os uma pequena oligarquia auto-perpetuante.

Uma coisa é notavelmente clara: os membros do conselho são o pilar de apoio de todo o Sistema de Serviço Seletivo; eles não só emprestam sua sanção ao mal e à escravidão, eles são o braço operacional chefe dessa escravidão. Eles têm muito sangue para responder. Não é à toa que eles querem operar em sigilo e anonimato! Em sua literatura ameaçadora, o Sistema de Serviços Seletivos afirma que "os membros do conselho são frequentemente indagados (por potenciais recrutas) em suas casas ou local de trabalho".

Esperemos que essa piedosa esperança em breve seja uma realidade e que esses membros comecem a serem indagados por sua "clientela".



## Capítulo 55

### ***Humphrey ou Nixon: Tem alguma diferença?***

O ano de campanha, 1968, está rapidamente educando o povo americano para a futilidade e a natureza antidemocrática do processo eleitoral. Pois diante de todas as pesquisas e outras expressões da opinião pública que revelam McCarthy e Rockefeller como de longe os mais populares de seus respectivos partidos, os partidaristas que comandam as convenções democratas e republicanas estão determinados a nomear *suas* escolhas: [Hubert H.] Humphrey e Nixon. Este flagrante ostentação da vontade da oligarquia em face da escolha popular não deve ser esquecida desta vez; e muitos milhões ficarão permanentemente desencantados com todo o processo político americano.

Também é mais evidente do que nunca que não há quase diferença entre os dois principais candidatos do partido. Tanto Humphrey quanto Nixon são preeminentemente porta-vozes da falcatrua e agressão no exterior e do estado corporativo de guerra fora e de bem-estar em casa: ambos querem continuar o New Deal-Fair Deal e ambos querem combinar a cenoura dos fundos federais com a vara de supressão armada para lidar com os guetos urbanos. O fato de que a retórica de Humphrey é um pouco mais progressista-estatista do que a mais conservadora-estatista de Nixon é puramente uma função de seus respectivos círculos eleitorais dentro do amplo consenso do Estado Corporativo. A diferença é puramente essa: uma questão apenas de retórica.

No entanto, o mais inquietante é que Nixon, ao longo dos anos, mostrou a capacidade de atrair um número de pessoas que até se autodenominam "libertários". Lembro-me bem da campanha de 1960, quando um monte de meus amigos e

conhecidos, muitos autointitulados "libertários", começaram a aparecer no lado de Nixon, alguns ocupando cargos altos entre sua equipe de conselheiros. Sua história sempre foi a mesma:

"Em particular, Dick realmente concorda conosco; ele me disse isso muitas vezes. (...)" Etc. Que nonsense! Por que esses tolos não perceberam que ser tudo para todos os homens, que concordar com quem quer que seja o último em seu escritório, é o produto principal do político no mercado? Não confie nos príncipes: considere apenas suas performances públicas, e não suas promessas privadas. Pode-se pensar que os libertários, pelo menos, seriam sensíveis a essa verdade.

E agora toda a farsa está sendo repetida mais uma vez; novamente, autodenominados libertários estão no topo da campanha de Nixon e, novamente, proclamam sua devoção à liberdade, em particular e lá no fundo. Homens que têm alardeado em voz alta sua recusa em trabalhar com qualquer um que desvie um centímetro da causa libertária pura são agora alegremente conselheiros pagos de Nixon; o cheiro mortal do poder está fazendo seu trabalho. É quase uma boa razão para tomar partido nesta campanha repulsiva: para frustrar as ambições corrompidas dos "libertários" que se renderam ao canto da sereia do poder.



## Capítulo 56

### *A Nova Anarquia*

Por vários anos alguns de nós vêm proclamando, sem que se preste atenção, que a Nova Esquerda era muito diferente da Velha; que esta não era apenas mais uma personificação das velhas atitudes e coalizões liberal-socialistas-comunistas.

Agora a imprensa está começando a entender; todos sabem que o líder ardente da revolução estudantil francesa, Daniel (Danny, o Vermelho) Cohn-Bendit, é um anarquista e não um socialista, que Red Rudi Dutschke, o líder estudantil alemão, tem pelo menos tendências anarquistas, e que as visões anarquistas permeiam a Nova Esquerda nos Estados Unidos. C.L. Sulzberger, do *New York Times*, escreve que "a nova geração parece nostalgicamente estar tateando em direção ao anarquismo à moda antiga". E agora até J. Edgar Hoover admite que a Nova Esquerda é anarquista e não comunista.

Curiosamente, a atitude de Hoover e outros observadores parece sustentar que os anarquistas são pelo menos tão maus quanto os comunistas. Depois de um quarto de século sendo bombardeados com propaganda sobre a ameaça do comunismo, que nos ensinaram a odiar porque era estatismo tirânico, agora devemos nos virar e considerar o anarquismo como talvez um perigo ainda *maior* porque é totalmente *contra* o Estado!

Há certamente algo muito peculiar acontecendo aqui. Como espera-se mudar nossos ódios do arqui-estatismo para o ultra-anti-estatismo tão rapidamente? E, no entanto, presumivelmente, o público está preparado para fazer isso, tão prontos para mudar seus ódios na deixa (por exemplo, da Alemanha para a Rússia, do Japão para a China) de seus governantes.

A resposta para essa inconsistência é evidentemente que o governo dos EUA e a máquina de propaganda de seu establishment não são nem um pouco antiestatistas. Sua queixa contra o comunismo *não* é que seja estatista, mas que o Partido Comunista assuma o controle exclusivo do Estado, sem tomar nenhuma provisão para deixar para nossas classes dominantes um pedaço do saque. É essa exclusão dos governantes imperiais americanos das suas participações no saque de países comunistas que os colocou implacavelmente contra o comunismo.

A política externa imperial americana sempre foi a de "Portas Abertas" — uma participação aberta no saque de países não desenvolvidos. O anticomunismo é em função do firme fechamento comunista daquela porta imperial.

E assim, embora ainda haja muito poucos anarquistas no mundo, a inimizade ideológica das classes dominantes americanas em relação ao anarquismo é muito maior do que em relação ao comunismo. Pois o anarquismo se livraria do Estado - todos os estados - completamente. É instrutivo, a propósito, que o imperialismo americano se de bem com os países comunistas que mais ou menos abandonaram o lado revolucionário e antiestatista do comunismo: a Rússia soviética é excelente exemplo.

## Capítulo 57

### *Nixon-Agnew*

Ao terminarem de nomear Dick Nixon em Miami Beach, os delegados republicanos estavam longe de estarem felizes pelo trabalho bem feito; em vez disso, eles estavam sombrios, tristes e desanimados. E por que não? Eles tinham acabado de nomear um duas vezes perdedor, um homem que não ganhava nenhuma eleição há dezoito anos, um homem que não inspira entusiasmo em nenhum lugar do país, um homem consistentemente atrás de Nelson Rockefeller nas pesquisas de opinião pública.

Isso já foi ruim o suficiente. Mas pelo menos os delegados esperavam um rosto novo, atraente e popular para animar a votação, para conseguir a vitória em uma campanha muito difícil. O que eles conseguiram foi uma cara cheia de tapas de desprezo. Pois eles descobriram com caras pálidas de espanto que eles deveriam nomear um homem que quase ninguém, fora do estado de Maryland, já tinha ouvido falar: Spiro T. Agnew.

Além de algumas das delegações mais honestas, os delegados engoliram seu orgulho e expressaram sua lealdade a votação; mas eles deixaram essa convenção em humores que vão de desespero entorpecido ao ódio amargo. Eles tinham desesperadamente querido e esperado obter um ganhador de votos para empolgar a votação; o que eles conseguiram foi uma das bombas mais catastróficas da história política americana: um homem que não podia atrair votos, mas que perderia muitos por causa do próprio cinismo de toda a operação.

Por que Agnew foi escolhido? Três razões: o que era procurado era um homem que estava familiarizado com as cidades. Agnew é, mas ele não é popular entre aqueles poucos

que o conhecem, já que toma uma linha dura de "atirar nos saqueadores", uma linha que, em vez disso, o torna popular no sul rural. Segundo, ele não poderia ser vetado por qualquer seção do país, certamente, uma vez que poucos tinham ouvido falar dele. Três, ele concorda com as opiniões conservadoras de Nixon sobre o Vietnã e saqueadores, enquanto é tão sem graça que ele não poderia ofuscar o cabeça não muito brilhante da chapa.

Nixon, em suma, queria alguém para correr com ele que era uma opção segura e sem graça, para ir junto com uma campanha branda que repousará em reverência pueril para a bandeira, para a maternidade, e para a oposição ao crime (como se alguém *favorecesse* o crime!). Nixon tem essa figura em Spiro T. Agnew.

Nixon conseguiu seu cara, mas ao fazê-lo o Tricky Dicky pode ter enganado a si mesmo. Ele ofendeu não só o Partido Republicano, mas o povo americano, ao escolher uma escolha tão distante da vontade popular ou entusiasmo. Dick Nixon, como Tom Dewey há 20 anos, conseguiu arrancar a derrota das garras da vitória. Perder parecia uma coisa difícil para os republicanos este ano, mas o G.O.P. mais uma vez conseguiu este feito. em novembro, ele será um perdedor três vezes, e isso não poderia acontecer com um sujeito mais merecedor, ou com um partido mais merecedor.

## Capítulo 58

### *Falando a Verdade para o Poder*

Em todo o estupefato tédio, a hipocrisia e vaidade da Convenção Nacional Republicana, houve apenas um momento refrescante de verdade e franqueza: quando o delegado mais jovem da convenção se levantou para falar, Paul W. Walter Jr., 21 anos, que tinha inesperadamente vencido suas primárias em Cleveland em uma plataforma anti-Vietnã. Agora ele surgiu para apoiar a claramente fútil, triste, mas de alguma forma nobre, candidatura de Harold E. Stassen para presidente. Para um público entediado e desatado, Paul Walter despejou estas palavras:

*A 13ª Emenda da Constituição dos Estados Unidos proíbe especificamente a servidão involuntária, e o governo deveria ser o servo do povo. E ainda assim, jovens que não podem sequer votar são convocados para matar e morrer em uma guerra que nunca é explicada.*

*Somos ensinado: não matarás, faça aos outros como você faria com você, e ame o próximo. E ainda assim 10% do nosso Produto Interno Bruto é gasto em guerra todos os anos. (...) E aqueles poucos que não colocam os princípios acima da ambição pessoal estão ameaçados de prisão, como o Dr. Spock, o Sir Thomas More do século 20. Ou ridicularizado como governador Stassen, o moderno Dom Quixote. (...)*

*Estes homens ajudaram a construir a base para uma paz duradoura. Da próxima vez que*

*os ridicularizarmos, devemos perguntar se fizemos o mesmo. (...)*

*Obrigado por sua desatenção.*

O repórter observou, como um símbolo supostamente clássico da "lacuna geracional", que Paul Walter, Sr., tinha sido um gerente de chão de fábrica para o senador Robert Taft na convenção republicana de 1952. Mas o repórter estava apenas seguindo clichês e rótulos, e tinha esquecido até mesmo sua história recente. Pois o Senador Taft teria o entendido bem e, acredito, calorosamente aprovado, como um veterano na batalha contra a guerra e o militarismo.

Em certo sentido, porém, o repórter estava certo. Pois poucas pessoas com mais de 21 anos hoje foram capazes de entender o que o jovem Walter e o resto de sua geração estão falando. Pois o jovem Walter era, em um sentido real, o porta-voz de sua geração naquela convenção, e nós o ignoramos por nossa conta e risco.

## Capítulo 59

### ***Mao como um Livre Mercadista; Ou, Halbhook no País das Maravilhas?*<sup>1</sup>**

O artigo do senhor [Stephen P.] Halbhook no *Outlook* de maio é verdadeiramente curioso, semelhante ao cão falante ou ao homem de duas cabeças. O retrato feito por Halbhook de Mao Tsetung como libertário e em prol da liberdade das empresas é certamente original. O tom de sua tese, no entanto, tem uma qualidade muito familiar; é-se lembrado da nada mais do que a ingênua visão dos tratos stalinistas da década de 1930: quando fomos deixados com uma imagem da feliz e produtiva sociedade soviética.

Sob o olhar atento e benigno do camarada Stalin, os camponeses felizes e os trabalhadores industriais cumpriam atarefadamente suas tarefas de construir o socialismo e criar o Novo Homem Socialista, com balalaikas dedilhadas ao fundo. Camarada Stalin está, naturalmente, agora decididamente fora de moda, e até mesmo o Sr. Halbhook se junta em sua denúncia; curiosamente, uma das poucas pessoas que ainda citam Stalin com reverência é ninguém menos que o camarada Mao, a quem Halbhook nos ofereceria como o grande antistalinista de nossa época.

Mas o mesmo *leitmotif* está lá; observe, por exemplo, como os defeitos e males que o Sr. Halbhook às vezes admite existir na China comunista são *sempre* e infalivelmente atribuídos a bandidos que trabalharam contra ou traíram o grande presidente, da mesma forma, na década de 1930, quaisquer falhas que foram

---

<sup>1</sup> Republicado no *Outlook*, July 8, 1972.

admitidas estarem na sociedade soviética eram invariavelmente devido a bandidos (Trotsky, Bukharin, et al.) que tinham traído a visão stalinista. Eventualmente, começa-se a se perguntar como um líder de tamanha grandeza e infalibilidade poderia sempre cercar-se de camaradas escolhidos a dedo que invariavelmente traem a ele e a suas políticas.

Quanto ao curioso retrato de Halbrook sobre Mao e sua Revolução Cultural como livre-mercadistas, basta apontar para a recente revisão feita pelo professor Walter Galenson acerca do tratado maoísta de Wheelwright e McFarlane,<sup>2</sup> na qual Halbrook baseia grande parte de sua tese. Galenson aponta o que todos os estudantes da China sabem: que esses autores maoístas retratam os objetivos do maoísmo como: dedicação universal por cada indivíduo para "servir o povo"; a abolição dos incentivos materiais "e sua substituição por impulsos morais e ideológicos"; "a rejeição do lucro como critério de eficiência"; e, por último, mas não menos importante, "a rejeição do consumo em massa como objetivo social".

Wheelwright e McFarlane se juntam a Mao para condenar Liu Shao-chi pelo crime de "elevar a produção e a produtividade pelos expedientes não-maoístas de 'colocar os lucros no comando', de enfatizar a expertise em vez da 'vermelhidão' como qualificação para trabalhos gerenciais, de diferenciar salários e de usar o mercado para distribuir mercadorias."

Mas chega: não há necessidade de um libertário se engajar em uma refutação sóbria e silenciosa da tese de que o criador da nação mais totalitária da história da humanidade tenha realmente liderado seu povo para uma Utopia libertária e até mesmo – oh

---

<sup>2</sup> Walter Galenson, "Review of E.L. Wheelwright and Bruce McFarlane, *The Chinese Road to Socialism*," *Journal of Economic Literature* (Março de 1972), p. 80.



deuses! — uma Utopia de "livre mercado". Lembro-me de um incidente instrutivo de alguns anos atrás, quando um jovem maoísta do meu conhecimento pegou um voo para fora de Hanói em uma companhia aérea comunista chinesa.

Foi um voo em que o "individualismo burguês" foi sutil, mas firmemente transcendente. Enquanto o alto-falante tocava incessantemente o hino vermelho chinês, "East is Red", a aeromoça foi até o jovem americano, pressionou um livro de músicas em sua mão, e silenciosamente, mas firmemente insistiu que ele cantasse junto; pois a recusa em cantar seria, naturalmente, tomada como uma indicação de hostilidade à "linha de massa" e ao povo chinês.

Foi um voo curto; mas quando ele emergiu, abalado e suando um pouco, a flor da Utopia maoísta tinha desaparecido para sempre. Começa-se a pensar que é muito, muito mais fácil idolatrar o presidente Mao em meio ao conforto de um campus da Flórida do que seria em Pequim ou, pior ainda, em alguma comuna agrícola em Sinkiang.

É muito mais interessante ponderar a questão: como Stephen Halbrook conseguiu este caminho? Como no mundo ele poderia começar como um libertário pleno e ardente, e então rapidamente proceder ao ponto de ser um maoísta adorador e adador sobreposto com uma patina de retórica libertária?

Halbrook está correto no ponto em que Liu Shao-chi era um burocrata e centralista, e que a "Revolução Cultural" de Mao era de fato um incentivo de massas para destruir o Partido Comunista e o (então existente) aparato estatal. Mesmo aqui, no entanto, sua implicação de que o Estado *em si* foi esmagado na China é grotesca: o que aconteceu foi que o Exército assumiu as funções do Estado.

Além disso, Halbrook não menciona o fato de que seus heróis na "ala esquerda" da Revolução Cultural, notadamente Lin Piao, foram então repudiados e expurgados por Mao, e que um aparato estatal funcional foi reconstituído sob Chou En-lai. Mas vamos omitir isso e nos concentrar nos objetivos dos Revolucionários Culturais "de esquerda". Sim, eles eram contra o planejamento central; Sim, eles se opuseram à burocracia; mas isso os torna libertários e partidários do livre mercado?

O problema é que Halbrook foi enganado pela retórica e políticas anticoncentralizadoras e antiburocráticas. Ele poderia realmente ter reforçado seu caso no momento, apontando que Mao, em seus primeiros dias, era um anarquista declarado antes de se tornar marxista. Mas o núcleo do problema é que o "anarquismo", o anti-centralismo para o qual os Revolucionários Culturais apontavam, *não* era o anarquismo individualista, ou o capitalismo de livre mercado. Era, sim, anarquismo de esquerda, ou "anarco-comunismo".

O impulso para estabelecer comunas descentralizadas, o impulso para a autossuficiência dessas comunas, todas essas foram tentativas de chegar ao objetivo anarco-comunista por meios coercitivos e estatistas. A lição que isso deve levar para casa de todos os libertários é que não temos nada em comum com os anarquistas comunistas; que seus objetivos significariam morte para o indivíduo, morte de sua felicidade e produtividade, e morte, também, para a raça humana, como resultado da eliminação da divisão do trabalho que é o objetivo de todo verdadeiro comunista, seja ele anarquista ou não.

No centro da questão está a adulação de Halbrook do Grande Salto Adiante do final dos anos 1950. Pois o Grande Salto foi uma tentativa desesperada de Mao — um dos últimos comunistas "fundamentalistas" no cenário mundial — de saltar para o comunismo com um só golpe. Os soviéticos, por toda a sua burocracia e estatismo, tiveram o grande bom senso de abandonar há muito tempo o sonho comunista, e empurrá-lo para

um futuro remoto, depois que a produtividade tivesse sido enormemente aumentada.

Mas os maoístas, descuidados da economia, descuidados dos efeitos terrivelmente destrutivos na produção de abolir a divisão do trabalho — a essência do "estágio comunista" — tentaram lançar-se na Utopia. Halbrook é certamente uma das poucas pessoas no mundo que pensam no Grande Salto Adiante como um sucesso; até os próprios comunistas chineses foram relutantemente forçados a abandonar aquele Salto, por causa do colapso econômico que surgiu através das tentativas, por exemplo, de construir usinas siderúrgicas em cada quintal.

Assim como Lênin prudentemente se retirou do "Comunismo de Guerra" quando viu o desastre econômico que havia trazido, Mao também se retirou do Grande Salto Adiante quando *seu* desastre se tornou evidente para todos, menos Steve Halbrook. A Revolução Cultural foi mais uma tentativa de alcançar um objetivo semelhante; e também foi abandonada.

Mas os custos dessas tentativas — em termos humanos e econômicos — eram enormes. Em cada tentativa, a tentativa chave era a tentativa de abolir a divisão do trabalho; para eliminar o que os marxistas chamam idiotamente de "contradição entre trabalho intelectual e físico" e a "contradição entre a indústria e o campo". (Por "contradição", leia especialização e divisão do trabalho.)

É por isso que cada comunidade rural tinha que ter sua própria usina siderúrgica; e é por isso que, durante a Revolução Cultural, todas as escolas foram fechadas por vários anos, e milhões de estudantes enviados permanentemente para fronteiras rurais como Sinkiang, de modo a "eliminar sua contradição entre o trabalho intelectual e físico".

E é isso que *todos* os tipos de comunismo, seja "anarquista" ou maoísta, significam no final: uma sociedade maléfica, cheia de formigueiros autômatos sem rosto, com toda a individualidade, e todo o desenvolvimento individual retirados pelos ideólogos fanáticos do igualitarismo.

Dizer que o rebanho de milhões de estudantes, por exemplo, em comunas fronteiriças foi "voluntário" é certamente uma perversão grotesca do termo. Mas há algo mais em jogo aqui, pois o Estado centralizador não é o *único* inimigo da liberdade individual; pois o ideal comunista (anarquista ou maoísta) envolve uma tirania total sobre cada pessoa por sua amada comuna descentralizada.

E é por isso que é a China, não a Rússia, que mobilizou cada bloco, cada acre de terra, para os comitês locais nos quais a alma de cada membro é colocada nua e tiranizada por seus vizinhos. Cada membro é forçado ou induzido a confessar seus pecados em sessões públicas de "autocrítica": os pecados, é claro, sendo qualquer desvio da opinião em relação aos seus vizinhos "descentralizados". E os incentivos "materiais" à produção devem ser eliminados em favor de um incentivo "moral" igualitário no qual o "bem da massa" é supostamente o único incentivo do indivíduo para o trabalho e a ação.

Não senhor; se eu fosse forçado a escolher entre as sociedades russa e chinesa, eu pegaria os russos toda vez. Por toda a sua burocracia e estatismo, a Rússia tem uma divisão desenvolvida de mão-de-obra e, pelo menos, os rudimentos de um mercado e, portanto, uma economia bastante produtiva; e, ao abandonar seu objetivo absurdo de comunismo, a sociedade russa fornece pelo menos uma parte do espaço para a individualidade e para a liberdade pessoal.

Para o libertário, o triunfo de Mao sobre Liu era algo para deplorar e não para torcer; a principal esperança para o futuro da China, de fato, é que Mao e seus companheiros fanáticos estão

envelhecendo rapidamente; que a geração mais jovem não pode, afinal, ser imbuída do mesmo fervor revolucionário; e que, portanto, a adoção dos modos russos — e talvez eventualmente os iugoslavos infinitamente mais livres — é o prognóstico mais provável para o futuro chinês.

Mas novamente: como Steve Halbrook conseguiu isso? A devolução do Sr. Halbrook deve ser objeto de lição para todos os libertários, uma lição na busca destrutiva de uma lógica unilateral. Há alguns anos, vários libertários militantes iniciaram o processo instrutivo de cortar o excesso da ala direita, de corrigir os erros de um anticomunismo simplista que havia desviado a direita da oposição ao próprio Estado. Perseguindo este corretivo além dos limites sensatos, o Sr. Halbrook lamentavelmente acabou como um apologista do totalitarismo desenfreado.



## Capítulo 60

### *Desarmando a Baby-Boom*

Um dos aspectos mais duradouros do Grande Susto Ecológico da temporada intelectual de 1969-70 (uma mania que parece ter desaparecido após os exercícios orgiásticos do "Dia da Terra"), é a Histeria Populacional. A esquerda apertou em seu seio coletivo a ideia de que o crescimento populacional é a causa principal da nossa crise ambiental, e clubes de crescimento populacional zero brotaram sobre as faculdades do país.

Homens e mulheres jovens solenemente assumem a promessa de nunca ter mais de dois filhos e, assim, causar crescimento populacional. O que é muito pior, as mesmas pessoas estão tão convencidas de que ninguém *pode* ter mais do que sua cota de dois filhos. Finalmente começamos a ser libertados da tirania da *antinatalidade*, quando, eis que o controle de natalidade agora deve ser obrigatório.<sup>1</sup>[\[1\]](#)

Não há necessidade de detalhar aqui a tirania monstruosa implicada por esta proposta fascista. Precisamos apenas observar que é curioso que os mesmos esquerdistas que afirmam adequadamente o direito absoluto de cada mulher sobre seu

---

<sup>1</sup> Particularmente grotesca é a variante de "livre mercado" dessa medida escrava proposta pelo ilustre economista Kenneth Boulding. Boulding maximizaria a liberdade individual dentro do quadro de Crescimento Populacional Zero, concedendo a cada mulher (ou é esposa?) dois direitos de bebê, e, em seguida, permitindo que as mulheres vendessem esses direitos de bebê uns aos outros. Para que se uma mulher quisesse ter quatro filhos ela poderia fazê-lo, mas apenas se duas outras mulheres limitassem seu número a um cada, ou uma decidisse ficar sem. O que faz tanto sentido como "livre" quanto permitir um mercado de escravos.

próprio corpo ao denunciar as leis de aborto, são grosseiramente inconsistentes em não aplicar essa mesma visão ao direito de cada mulher de ter filhos.

Esperançosamente, a notável decisão histórica do juiz [Arthur] Goldberg, no caso de controle de natalidade de Connecticut, que derrubou essa lei pela sua invasão a Nona Emenda e ao direito natural de privacidade, será suficiente para bloquear qualquer lei de controle de natalidade compulsória.<sup>2</sup> Mesmo naquela época, os antinatalistas, enquanto saudavam a decisão, resmungavam que a vinda da Nona Emenda poderia destruir seu querido objetivo de controle de natalidade compulsório.<sup>3</sup>

Além da questão da compulsão, e o problema populacional? Estamos sofrendo de "muita" população? A primeira pergunta a fazer é simplesmente: quanto é "demais?" Por que de repente tornou-se imperativo congelar a população dos EUA em seu nível atual de aproximadamente 200 milhões? Além disso, por que parar em 200 milhões? É um número divinamente imposto? Por que não continuar a permitir apenas uma criança por família,

---

<sup>2</sup> *Griswold v. Connecticut* (1965). Antes deste caso, a Suprema Corte, reconhecendo as enormes implicações libertárias da Nona Emenda, nunca se atreveu a aplicá-la. A Nona Emenda diz: "A enumeração na Constituição de certos direitos, não deve ser interpretada para negar ou depreciar outros retidos pelo povo." Assim, a Emenda afirma categoricamente que o povo retém outros direitos, e o que são eles? Qualquer um que entenda a terminologia da época sabe que isso significa direitos naturais, e entre eles está o agora proclamado direito à privacidade. Na Nona Emenda e seu significado ver Bennett B. Patterson, *A Nona Emenda Esquecida* (Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1955); "Descobrimo a Nona Emenda", *Esquerda e Direita* (Outono de 1965), pp. 8-12.

<sup>3</sup> Veja James D. Carroll, "A Emenda Esquecida", *A Nação* (6 de setembro de 1965), pp. 8-12.



cortando assim a população pela metade? Ou permitir apenas uma criança por dez famílias? Ou, de fato, ir até o fim matando arbitrariamente cada décimo, ou cada quinto, ou qualquer pessoa?

Resumindo, quanto é demais? Antes da colonização europeia, o continente norte-americano suportava menos de um milhão de índios, e estes em níveis de quase fome. Esse continente agora suporta quase trezentos milhões de pessoas, em enormemente maior e, além disso, crescente abundância. Deve-se deixar claro, então, que o nível populacional "adequado" deve ser relativo aos equipamentos de capital e ao desenvolvimento industrial da área. Uma área de terra que mal suportava um milhão de pessoas há 500 anos agora suporta 300 vezes esse número.

A pergunta: quanto é demais, então, só pode ser respondida no contexto do capital e da extensão de mercado desfrutada pelo sistema econômico. O único critério coerente, que tem sido trabalhado pelos economistas, e que nunca é mencionado pela Histeria Populacional, é o conceito do ponto "ótimo de população".

Deixando de lado a infeliz conotação moralista do termo, de que este é o nível populacional moralmente adequado ou melhor, o conceito populacional ótimo se concentra no ponto que, dado qualquer nível particular de capital e tecnologia, à medida que aumentamos a população hipoteticamente de zero, a produção total da economia por cabeça aumentará, acabará por nivelar, e finalmente declinar. Esse nível populacional que, para qualquer capital e tecnologia, produz a produção máxima por pessoa — o mais alto padrão de vida por pessoa — é o nível "ótimo".

Tome, por exemplo, a atual economia dos Estados Unidos. Suponha que um desastre natural de repente acabe com três

quartos da população dos EUA. É óbvio que a produção total por cabeça cairá drasticamente, simplesmente porque uma enorme quantidade de equipamentos e empregos ficará ocioso por falta de trabalhadores. Por outro lado, se a população dos EUA triplicar magicamente esta noite, obviamente a produção total por cabeça também cairia, uma vez que o equipamento dado dificilmente absorveria, ou bastaria, para a força de trabalho adicional. Em algum lugar entre eles está o ponto populacional ótimo.

Empiricamente, é impossível dizer, com certeza, onde está esse ponto populacional, se estamos atualmente abaixo ou acima dele. Mas uma coisa é certa: a produção por pessoa continuou a aumentar constantemente nos Estados Unidos, apesar de todas as algemas da economia de mercado e apesar (ou ajudado por?) do crescimento populacional contínuo.

Enquanto o padrão de vida continuar a subir, certamente não podemos estar muito acima do nível populacional ótimo, isso se estamos acima, e certamente temos pouco ou nada para nos preocuparmos com o tamanho da população. Além disso, enquanto a economia cresce, enquanto o capital aumenta e a tecnologia melhora, como eles continuam a fazer, o nível populacional ótimo continua a aumentar, assim como já aumentou de muito abaixo de um milhão para cerca de duzentos milhões. O Susto Populacional é exatamente isso: mais um bicho-papão projetado para assustar o público americano em direção a uma ditação mais estatista.

Além disso, a taxa de crescimento populacional não é simplesmente arbitrariamente dada; sempre foi altamente responsiva às condições sociais e econômicas. Antes do advento do capitalismo e da Revolução Industrial, a população era de fato um enorme problema; pois a população nas famosas palavras de Malthus, continuou "pressionando os meios de subsistência".

O crescimento populacional é o espectro que assombra todas as sociedades congeladas, de castas e pré-industriais; pois um sistema de castas pode atribuir o filho de um carpinteiro para ser um carpinteiro também, mas o que deve ser feito com o segundo filho? Foi o espectro do crescimento populacional, e não algum tipo de traço extraordinariamente bárbaro em seu caráter, que fez com que os espartanos colocassem seus bebês recém-nascidos na floresta durante a noite; era sua forma de "controle populacional".

Mas tudo isso mudou com o capitalismo moderno e a Revolução Industrial. Pois agora, uma economia em rápido crescimento e desenvolvimento finalmente substituiu os sistemas congelados de status. O enorme crescimento do capital e da produção possibilitou um grande crescimento populacional, em grande parte pela redução da taxa de mortalidade. Mas, como em todos os casos subsequentes de um padrão de vida crescente, esse corte na taxa de mortalidade foi logo seguido por um corte na taxa de natalidade de pessoas que queriam preservar sua nova melhora nas condições de vida.

São precisamente as nações não desenvolvidas da Ásia, por exemplo, que não desfrutaram dos benefícios do desenvolvimento capitalista, cuja taxa de natalidade permanece alta, e que podem ser ditas sofrer de "superpopulação". Mas, os Estados Unidos e a Europa, que têm desfrutado do aumento dos padrões de vida, têm taxas de natalidade muito menores; em suma, as pessoas se sintonizam com padrões de vida mais altos e, em seguida, certificam-se de que esses serão preservados, reduzindo voluntariamente suas taxas de natalidade.

Mais uma vez, então "superpopulação" não é absoluta, mas estritamente relativa ao capital e à tecnologia das áreas terrestres em causa. A Índia está agora "superpovoada" pela mesma razão que os Estados Unidos também seriam superpovoados se

tivéssemos apenas o equipamento de capital e o desenvolvimento do mercado de um século atrás para atender nossa população de 200 milhões.

Tudo isso é bem ilustrado pelo caso do Japão. Ansioso para se desenvolver e se industrializar rapidamente após a Segunda Guerra Mundial, o Japão encorajou o controle de natalidade entre seu público a reduzir sua aparente "superpopulação". Agora, no entanto, com a mesma escassa área de terra e a virtual ausência de recursos naturais, mas com uma economia industrial florescente e uma taxa de crescimento muito rápida, o Japão descobre, pelo contrário, que está começando a sofrer com uma escassez de mão-de-obra — que não pode preencher os postos de trabalho disponíveis. Como resultado, está sabiamente começando a abandonar seus incentivos artificiais ao controle de natalidade.

Essas populações "excessivas" ou "abaixo" são estritamente relativas ao tempo e lugar, também é visto pelo fato de que, de modo algum, todas as áreas subdesenvolvidas são, em qualquer sentido, densamente povoadas. Assim como os índios da América do Norte foram apenas "superpovoados" em relação ao seu capital e tecnologia, a maioria das áreas da África e da América do Sul — em contraste com a Ásia — são bastante escassamente povoadas, especialmente em relação aos seus recursos naturais. O que falta é capital — e capitalismo; dado isso, eles exigiriam uma população muito maior do que têm hoje.

Quanto aos Estados Unidos, sua taxa de natalidade tem, a longo prazo e nos últimos anos, tendido a cair. De fato, durante a década de 1930, a taxa de natalidade era tão baixa nos Estados Unidos e particularmente na França, que surgiram gritos de "suicídio racial" iminente. O que aconteceu foi que após a Segunda Guerra Mundial, o desejo de raízes entre os soldados que retornaram, juntamente com um aumento repentino (que agora já se foi) nos valores pró-maternidade em nossa cultura,

levou ao famoso "baby boom", e a uma conseqüente aceleração do crescimento populacional.

Mas esse boom de bebês acabou, e a taxa de natalidade dos EUA começou a tender para baixo em 1957. A taxa de crescimento populacional dos EUA na década dos anos 60 foi de apenas 14%, o segundo menor aumento por decênio registrado. Em 1969, na verdade, o aumento médio da população dos EUA era de apenas 1% ao ano, menos da metade da taxa mundial, e a taxa de natalidade americana foi a mais baixa já registrada neste país.<sup>4</sup> Os Estados Unidos, além disso, permanecem menores em densidade populacional (número médio de pessoas por milha quadrada), do que países relativamente despovoados como Grã-Bretanha, México ou Suíça.

Não só isso, mas dentro dos Estados Unidos, longe de um crescimento populacional preenchendo todos os espaços abertos, há, na verdade, como o Professor Wrong aponta, "existe mais espaço aberto nos Estados Unidos hoje do que houve uma geração atrás, e (...) muito disso é terra agrícola real ou potencial no meio do país."<sup>5</sup> Na década dos anos sessenta, um terço do total de todos os condados dos EUA realmente perderam população (Crescimento Populacional Zero realizado como vingança!), a maioria deles no Sul e Centro-Oeste. De fato, desde 1966, as cidades centrais dos Estados Unidos também têm perdido população constantemente.

Sob o crescente capitalismo, então, o Susto Populacional é uma faca de dois gumes: o ponto populacional ótimo tende a

---

<sup>4</sup> Veja Dennis H. Wrong, "Portrait of a Decade", *New York Sunday Times Magazine* (2 de agosto de 1970), pp. 22ff.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 27.

umentar continuamente; e a taxa de natalidade tende a nivelar naturalmente para preservar os padrões de vida mais altos.

Vimos que o problema populacional é estritamente relativo às condições econômicas de um tempo e lugar; A "superpopulação" de um país ou de uma era pode facilmente se tornar o oposto, e vice-versa se o crescimento econômico for acorrentado ou revertido. Na verdade, os Históricos Populacionais estão, presumivelmente inconscientemente, tentando desesperadamente criar o mesmo problema que eles estão causando.

Pois vimos que o crescimento populacional não é problema com o crescimento e desenvolvimento do capitalismo. Mas torna-se um problema real quando a economia é impedida de crescer, quando o progresso sob o capitalismo é substituído pelo status congelado. E como os anti-natalistas também se opõem ao crescimento econômico para "salvar" recursos naturais escassos, isso significa que os ambientalistas, se forem permitidos à sua maneira, criarão a ameaça superpopulacional que até agora tem sido apenas um fantasma de sua própria criação. Permita que esses oponentes progridam suas ideias, e nós também podemos nos tornar outra Esparta.

Se a questão da população é relativa ao capital e à tecnologia, também é relativa a outra coisa que é muito importante, mas que as pessoas "legais" não gostam de falar: a qualidade da população. Em suma, lidamos apenas com quantidades, com o número de pessoas em diferentes faixas etárias, etc., corremos o risco de esquecer que uma pessoa não é equivalente a outra.

Um país ou uma região pode ser "superpovoado" se a cidadania não tiver as qualidades do trabalho duro, de poupança e da previsão empreendedora; deixe as pessoas entrarem no país com essas mesmas qualidades, e tanto elas quanto os cidadãos originais serão beneficiados. Mesmo dado o capital existente,

então, o país não seria "superpovoado" em relação a esses grupos mais produtivos e mais empreendedores. Na verdade, poucos países em poucos momentos estão qualquer coisa que não carentes de cidadãos tão produtivos.

Para ilustrar a importância da qualidade da população, considere os chineses — em geral um grupo altamente produtivo e empreendedor. Eles migraram para outras partes "superpovoadas" da Ásia, chegando, deve-se notar, com pouco ou nenhum capital, e tão pobres — se não mais — do que a população indígena. E ainda assim, dentro de alguns anos, esses chineses terão subido, se tornado ricos, criado empregos e prosperidade para si mesmos e grande parte da população nativa. O mesmo acontece com os libaneses que migraram para as Índias Ocidentais "superpovoadas".<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Assim, escreve o principal economista dos países "subdesenvolvidos":

*"Os chineses na Malásia, os índios na África Oriental e os libaneses na África Ocidental — geralmente migrantes sem capital e sem muita educação formal — superaram muito em breve o desempenho econômico da população indígena. (...) Essas diferenças na qualidade e no desempenho econômico também são relevantes para a superpopulação e a pressão populacional.*

*Há uma grande emigração das Índias Ocidentais, que dizem estar severamente superpovoadas. No entanto, os libaneses estão ansiosos para migrar para as Índias Ocidentais, e aqueles poucos que são admitidos geralmente prosperam e acumulam capital. Assim, mesmo nos níveis atuais de técnica, as Índias Ocidentais não são superpovoadas em*

Embora tenhamos usado o conceito de população ótima para explodir a Bomba Populacional, devemos reconhecer que mesmo este conceito faz muitas concessões aos antinatalistas. Primeiro, devido à sua negligência com as diferenças na qualidade populacional; e segundo, por causa da suposição implícita de que o "ótimo" é o moralmente correto. Mas as pessoas obviamente têm filhos porque querem e gostam de tê-los, e, portanto, as pessoas podem muito bem decidir aceitar uma produção menor do que a ótima por homem, a fim de se beneficiar do prazer de ter mais filhos.

Uma família pode ter quatro filhos em vez de dois, mesmo sabendo que terá um padrão de vida mais baixo por membro da família. E certamente essa decisão, qual seja a escolha entre os benefícios concorrentes de ter mais ou menos filhos, em padrões de vida mais baixos ou mais altos, depende estritamente de cada pessoa, para cada família fazer. Sua própria livre escolha é o "ótimo" moral, e não o padrão ético imposto de algum observador externo.

Há algo mais importante que podemos dizer sobre os antinatalistas. Pode parecer extremo dizer isso, mas eles não são simplesmente antinatalistas, eles também são antipessoas. Libertários e opositores do estado de bem-estar social estão acostumados a serem denunciados como "desumanos"; mas são

---

*termos de libaneses, embora sejam em termos de índios ocidentais."*

*Peter T. Bauer, Análise Econômica e Política em Países Subdesenvolvidos (Durham, N.C.: Duke University Press, 1957), pp. 74-76. Sobre os efeitos incapacitantes das restrições à imigração sobre os libaneses na África Ocidental, veja P.T. Bauer e B.S. Yamey, "Aspectos Econômicos da Política de Imigração na Nigéria e na Costa do Ouro", South African Journal of Economics (1954), 223-232.*



os ambientalistas que são profundamente e profundamente anti-humanos.

Considere sua filosofia social básica. Antes do advento do homem, afirmam que tudo era maravilhoso. A natureza estava em perfeita harmonia consigo mesma, e cada espécie de vida vivia em equilíbrio ecológico harmonioso uns com os outros. Eles dizem que, cada espécie era passivamente determinada pelo seu ambiente dado, pela "natureza" em que se encontrava. Então, no meio deste perfeito idílio harmonioso, veio o grande perturbador, o grande dor no pescoço: o homem.

O homem, por sua natureza, não é passivamente determinado por seu ambiente; e assim o homem começou a sobreviver e florescer transformando seu ambiente, mudando as coisas, "conquistando a natureza" em vez de ser determinado por seus "ritmos". Enquanto o resto da natureza é determinada e "circular", o homem persiste em ser proposital e "linear", mudando sem parar seu ambiente para melhorar seu lote. O objetivo básico dos ambientalistas é erradicar essa finalidade do homem, algemar sua linearidade e propósito, reduzi-lo ao status primitivo e animal de uma espécie "em harmonia com a natureza" em vez de seu mestre.

Mas isso significa, em essência, que os ambientalistas estão empenhados em erradicar a humanidade do homem e, portanto, em destruir a própria raça humana. Jack Bulloff, professor de história da ciência na SUNY, Albany, não exagera quando escreve:

*A primeira ideia [dos ambientalistas] é que o ambiente natural é benigno. Deixá-lo em paz, ou restaurá-lo, resolveria todos os problemas ambientais. Mas o registro de dois bilhões de anos é diretamente contrário a isso. A*

*Paleontologia é um registro dos mortos. (...) A natureza é inevitavelmente letal. (...)*

*Certamente o homem polui. Mas ele não pode sobreviver de outra forma. O homem salvou-se e avançou do animal para o civilizado apenas ao superar o letal ambiente natural. Ao impor evolução social à evolução biológica, o homem criou um ambiente muito mais adequado à vida humana do que a felicidade mítica do homem pré-social.*

*É estranho que [os ambientalistas] (...) anseiem por uma vida insegura, não preocupada, não estética do selvagem. A ideia de que um mundo seguro para rinocerontes — ou cobras ou elefantes — é melhor para os apelos do homem, é uma ideia que existe apenas em suas inocências. Seus defensores estão realmente defendendo o genocídio.<sup>7</sup>*

Não há nada que possamos fazer, então, sobre o problema populacional? Não há medidas que possamos defender? Pelo contrário, há várias coisas que podemos fazer, nenhuma das quais, curiosamente, eu já vi proposta por nossos Históricos Populacionais.

Podemos voltar (ou melhor, avançar em direção) ao *laissez-faire*, removendo a série de subsídios governamentais ao crescimento populacional. Podemos remover os inúmeros incentivos governamentais para ter mais filhos. Por exemplo, podemos parar de cobrar impostos de renda mais altos sobre

---

<sup>7</sup> Jack Bulloff, "Um mundo seguro para rinocerontes não é o melhor para os homens", *University Review* (State University of New York), Verão de 1970

solteiros ou em casais sem filhos do que em casais com filhos. O sistema de imposto de renda agora subsidia grandes famílias cobrando impostos em proporção inversa ao número de crianças.

Também podemos acabar com a política do sistema previdenciário de pagar mães de bem-estar por criança, subsidiando mais uma vez famílias maiores e maiores, desta vez entre mães que nem ao menos podem se dar ao luxo de criá-las. E, finalmente, podemos acabar com a rede pública gratuita de ensino, que tributa solteiros e casais sem filhos em benefício de famílias com filhos e quanto mais numerosas as crianças, maior o subsídio.

Quando as famílias tiverem que pagar por sua própria educação, então esse subsídio artificial e coagido às grandes famílias será removido. Pensemos em termos de alcançar a liberdade removendo subsídios para famílias maiores, em vez de agitar para impor um despotismo coercitivo a todos nós em nome de um Mito Populacional que reflete uma hostilidade profunda à própria raça humana.

Reimpresso de *The Individualist*, janeiro de 1971.



## Capítulo 61

### *O Novo Credo Libertário*

Recentemente uma grande quantidade de publicidade foi dada a uma divisão crescente na ala direita, uma divisão entre os conservadores dominantes da Buckley-National *Review* e os novos libertários.

Em sua fuga, os libertários, que são fortes nos campi universitários e geralmente entre os jovens, remontam a uma tradição mais antiga e quase esquecida de individualismo que caracterizou a ala direita nas décadas de 1930 e 1940. Liderada por intelectuais notáveis como Albert Jay Nock e H.L. Mencken, e pela ala Taft do partido republicano entre os políticos, a ala direita mais antiga era dedicada à liberdade do indivíduo.

Por isso, liderou a oposição ao crescimento do Grande Governo na América, um crescimento presidido pelo liberalismo do New Deal-Fair Deal. Esta antiga direita defendeu a liberdade civil e a liberdade econômica da economia de mercado enquanto se opunha à intervenção do governo, à conscrição, ao militarismo e à intervenção americana e ao imperialismo no exterior.

Desde meados da década de 1950, no entanto, a *National Review* tem liderado a direita em sua atual postura conservadora. Na retórica, a *National Review* defende uma "fusão" de liberdade e ordem: na qual a liberdade do indivíduo está criteriosamente contida dentro de uma matriz de ordem fornecida pelo Estado.

Em seus primeiros dias, William Buckley se autoproclamou um libertário, com a única exceção da necessidade de travar uma luta contra a "conspiração comunista", no país e no exterior. Esta concessão já era ruim o suficiente, já que todo o impulso da

política externa conservadora foi redirecionado para o militarismo e o império.

Mas desde meados dos anos 50, à medida que o movimento conservador se aproximava cada vez mais dos assentos do poder, quaisquer elementos libertários que estavam nessa "fusão" desapareceram um a um. E assim a *National Review* agora apoia, com pouco ou nenhum escrúpulo, o gigantesco desinvestimento do SST [transporte supersônico] e programas espaciais, a nacionalização do serviço ferroviário de passageiros, restrições às importações e praticamente todo o programa Nixon.

Apoia calorosamente leis que aplicam códigos morais, e se opõe às liberdades civis, bem como à tradição americana de separação da igreja e do Estado. Foi em resposta a esse derramamento sistemático de suas vertentes libertárias que tantos jovens de direita se rebelaram e saíram por conta própria. As tensões da tentativa de fundir liberdade e ordem finalmente separaram a coalizão conservadora.

A doutrina libertária começa, não com a comunidade conservadora ou o Estado, mas com o indivíduo. Cada indivíduo como uma entidade de atuação independente possui o direito absoluto de "autopropriedade"; ou seja, possuir sua pessoa sem abuso por outros. A partir deste axioma, derivamos total oposição às leis de recrutamento e aborto.

Em segundo lugar, cada indivíduo tem o direito de possuir quaisquer recursos anteriormente não possuídos (como a terra virgem) que ele encontra e coloca em uso, exercendo sua energia pessoal sobre o recurso. A partir disso é derivado o direito de "apropriação original da propriedade", e, como consequência, todos os outros direitos de propriedade privada.

Pois se um homem possui a si mesmo e sua terra apropriada, ele também tem o direito de possuir sem moléstias a terra que ele transformou em capital, bem como o direito de dar sua

propriedade a qualquer um que ele deseja (daí o direito de herança) e trocar seus títulos por propriedade pelos títulos de qualquer outra pessoa (daí o direito de livre contrato e da economia de mercado livre *laissez-faire*).

O conservador detém como um de seus maiores objetivos a preservação da "lei e da ordem", mas sua "ordem" e sua "lei" são a dita coercitiva do Estado. Ao longo dos tempos, e também nos dias atuais, o Estado tem vivido a profunda desordem de continuar a agressão contra a pessoa e a propriedade de inúmeros indivíduos. Rouba impostos, escraviza através de recrutamento e assassinatos por meio de bastão, baioneta, napalm e bombas H. O libertário afirma que o Estado é permanente agressão e desordem, e que os conservadores da *National Review* constituem alguns dos mais articulados campeões e apologistas do Estado.

Os jovens libertários não estão simplesmente voltando ao individualismo da era Taft. Ao se afirmarem como libertários, eles estão retornando também à tradição que uma vez estabeleceu a América como o orgulhoso farol-luz da liberdade, a tradição de Jefferson, Paine, Jackson e Garrison.

E ao fazê-lo, eles estão repudiando teóricos conservadores como James Burnham, editor da *National Review*, que admitiu que não há base racional para o governo, e afirmou, em uma reversão às antigas teorias despóticas do direito divino, que "nos tempos antigos, antes das ilusões da ciência terem corrompido a sabedoria tradicional, os fundadores das cidades (estados) eram conhecidos por serem deuses ou semideuses."

O recente apelo de Burnham na *National Review* para um novo Bismarck para a América e de uma reavaliação do fascismo é o culminar lógico do estatismo conservador e do

*Nem um Momento de Tédio*

*Murray Rothbard*

obscurantismo. Os libertários, em contraste, estão elevando os padrões de liberdade e razão sobre os quais este país foi fundado.

Reimpresso do *New York Times*, 9 de fevereiro de 1971.



## Capítulo 62

### *Confissões de um Liberal de Direita*

Há anos atrás eu era um republicano de extrema direita, um jovem e solitário "Neandertal" (como os liberais costumavam nos chamar) que acreditava, como um amigo pungentemente disse, que "o senador Taft tinha se vendido para os socialistas". Hoje, é mais provável que eu seja chamado de esquerdista extremo, uma vez que sou a favor da retirada imediata do Vietnã, denuncio o imperialismo dos EUA, advoco pelo Black Power e acabei de me juntar ao novo Peace and Freedom Party. E ainda assim, minhas visões políticas básicas não mudaram um única polegada nestas duas décadas!

É óbvio que algo está muito errado com os rótulos antigos, com as categorias de "esquerda" e "direita", e com as maneiras pelas quais costumamos aplicar essas categorias à vida política americana. Minha odisséia pessoal não tem importância; o ponto importante é que se eu passei da "extrema direita" para a "extrema esquerda" meramente por permanecer em um lugar, mudanças drásticas, embora não reconhecidas, devem ter ocorrido em todo o espectro político americano ao longo da última geração.

Entrei para o movimento de direita — para dar um nome formal a um conjunto muito frouxo e informal de associações — como um jovem estudante de pós-graduação logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Não havia dúvida de onde estava a direita intelectual naquele dia quando o assunto era militarismo e conscrição: ele se opôs a eles como instrumentos de escravidão em massa e assassinato em massa.

A conscrição, de fato, foi considerada muito pior do que outras formas de controles e incursões estatistas, pois enquanto

estas só se apropriavam de parte da propriedade do indivíduo, o alistamento obrigatório, como a escravidão, tomou sua posse mais preciosa: sua própria pessoa. Dia após dia, o veterano publicitário John T. Flynn — uma vez elogiado como liberal e depois condenado como reacionário, com pouca ou nenhuma mudança em suas opiniões — ergueu-se implacavelmente nos jornais e no rádio contra o militarismo e a conscrição. Até o jornal de Wall Street, o *Commercial and Financial Chronicle*, publicou um longo ataque à ideia de recrutamento.

Todas as nossas posições políticas, desde o livre mercado na economia até a oposição à guerra e ao militarismo, decorreram de nossa crença raiz na liberdade individual e nossa oposição ao Estado. Simplisticamente, adotamos a visão padrão do espectro político: "esquerda" significava socialismo, ou poder total do Estado; a "direita" favorecia a ideia de menos governo. Por isso, nos chamávamos de "extrema direita".

Originalmente, nossos heróis históricos eram homens como Jefferson, Paine, [Richard] Cobden, [John] Bright e [Herbert] Spencer; mas à medida que nossas opiniões se tornaram mais puras e consistentes, nós ansiosamente abraçamos quase anarquistas como o voluntário, Auberon Herbert, e os individualistas-anarquistas americanos, Lysander Spooner e Benjamin R. Tucker.

Um dos nossos grandes heróis intelectuais foi Henry David Thoreau, e seu ensaio, "Desobediência Civil", foi uma de nossas estrelas guia. O teórico de direita Frank Chodorov dedicou o tema de uma edição inteira de sua mensal, *Análise*, a uma apreciação de Thoreau.

Em nossa relação com o restante da cena política americana, nós, naturalmente, reconhecemos que a extrema direita do Partido Republicano não era composta de antiestatistas individualistas, mas eles estavam perto o suficiente de nossa

posição para nos fazer sentir parte de uma frente unida quase libertária.

O suficiente de nossas opiniões estava presente entre os membros extremos da ala Taft do Partido Republicano (muito mais do que no próprio Taft, que estava entre os mais liberais dessa ala), e em órgãos como o *Chicago Tribune*, para nos fazer sentir bastante confortáveis com esse tipo de aliança.

Além disso, os republicanos de direita eram os principais opositores da Guerra Fria. Valentemente, os republicanos de extrema direita, que eram particularmente fortes na Câmara, lutaram contra a adesão a OTAN e a Doutrina Truman. Considere, por exemplo, o representante de Omaha, Howard Buffett, gerente de campanha do senador Taft em 1952. Ele foi um extremista entre extremistas, uma vez descrito pelo *A Nação* como "um jovem capaz cujas ideias tragicamente fossilizaram".

Conheci Buffett como um libertário genuíno e atencioso. Atacando a Doutrina Truman nos corredores do Congresso, ele declarou: "Mesmo que fosse desejável, a América não é forte o suficiente para policiar o mundo pela força militar. Se essa tentativa for feita, as bênçãos da liberdade serão substituídas por coerção e tirania em casa. Nossos ideais cristãos não podem ser exportados para outras terras por dólares e armas."

Quando a Guerra da Coreia chegou, quase toda a velha esquerda, com exceção do Partido Comunista, rendeu-se à mística global das Nações Unidas e à "segurança coletiva contra a agressão", e apoiou a agressão imperialista de Truman naquela guerra. Até Corliss Lamont apoiou a posição americana na Coreia. Apenas os republicanos de extrema direita continuaram a lutar contra o imperialismo dos EUA. Foi a última grande explosão política da Velha Direita de minha juventude.

Howard Buffett estava convencido de que os Estados Unidos eram em grande parte responsáveis pela erupção do conflito na Coreia; pelo resto de sua vida, ele tentou, sem sucesso, fazer com que o Comitê de Serviços Armados do Senado desclassificasse o testemunho do chefe da CIA, almirante [Roscoe H.] Hillenkoeter, que Buffett me disse que estabeleceu a responsabilidade americana pelo surto coreano.

O último movimento isolacionista famoso ocorreu no final de dezembro de 1950, depois que as forças chinesas derrotaram os americanos da Coreia do Norte. Joseph P. Kennedy e Herbert Hoover proferiram dois discursos consecutivos pedindo a evacuação americana da Coreia.

Como Hoover disse: "Comprometer as forças terrestres esparsas das nações não comunistas em uma guerra terrestre contra esta massa de terra comunista [na Ásia] seria uma guerra sem vitória, uma guerra sem um termômetro político bem sucedido (...) que seria o cemitério de milhões de meninos americanos" e o esgotamento dos Estados Unidos. Joe Kennedy declarou que "se partes da Europa ou da Ásia desejam ser comunistas ou mesmo ter o comunismo sobre elas, não podemos pará-las".

A isso *A Nação* respondeu com a típica isca liberal: "A linha que eles estão estabelecendo para o seu país deve colocar os sinos a tocar no Kremlin como nada tem desde o triunfo de Stalingrado"; e a *Nova República* realmente viu Stalin investindo em seguida "até que a bancada stalinista na Torre Tribune trouxesse em triunfo a primeira edição comunista do *Chicago Tribune*".

O principal catalisador para transformar a base de massa da ala direita de um movimento isolacionista e quase libertário para um anticomunista foi provavelmente o "Macarthismo". Antes do senador Joe McCarthy lançar sua cruzada anticomunista em fevereiro de 1950, ele não tinha sido particularmente associado à

ala direita do Partido Republicano; pelo contrário, seu registro era liberal e centrista, estatista ao invés de libertário.

Além disso, a isca vermelha e a caça às bruxas anticomunistas foi originalmente lançada pelos liberais, e mesmo depois de McCarthy os liberais foram os mais eficazes neste jogo. Foi, afinal, a administração liberal Roosevelt que aprovou a Lei Smith, usada pela primeira vez contra trotskistas e isolacionistas durante a Segunda Guerra Mundial e depois contra os comunistas após a guerra; foi a Administração liberal de Truman que instituiu cheques de lealdade; foi o eminentemente liberal Hubert Humphrey que foi um patrocinador da cláusula na Lei McCarran de 1950 ameaçando campos de concentração para "subversivos".

McCarthy não só mudou o foco da direita para a caça comunista, no entanto. Sua cruzada também trouxe para a ala direita uma nova base de massa. Antes de McCarthy, o soldado raso da ala direita era de pequenas cidades isolacionistas do meio-oeste. Macarthismo trouxe para o movimento uma massa de católicos urbanos da costa leste, pessoas cuja perspectiva sobre a liberdade individual era, se é que era alguma coisa, negativa.

Se McCarthy foi o principal catalisador para mobilizar a base de massa da nova direita, o principal instrumento ideológico da transformação foi a praga do anticomunismo, e os principais portadores foram Bill Buckley e *National Review*.

Nos primeiros dias, o jovem Bill Buckley gostava de se referir a si mesmo como um "individualista", às vezes até como um "anarquista". Mas todos esses ideais libertários, segundo ele, tinham de permanecer em total sigilo, aptos apenas para discussão de salão, até que a grande cruzada contra a "conspiração comunista internacional" tivesse sido levada a uma conclusão bem sucedida. Assim, já em janeiro de 1952, notei com

inquietação um artigo que Buckley escreveu para a *Commonweal*, "A Young Republican's View".

Ele começou o artigo de uma maneira libertária esplêndida: nosso inimigo, afirmou, era o Estado, que, ele citou Spencer, era "gerado da agressão e pela agressão". Mas então veio o verme na maçã: a cruzada anticomunista tinha que ser travada.

Buckley passou a endossar "as extensas e produtivas leis fiscais necessárias para apoiar uma vigorosa política externa anticomunista"; ele declarou que a "até agora invencível agressividade da União Soviética" ameaçava iminentemente a segurança americana, e que, portanto, "temos que aceitar o Grande Governo durante toda sua duração — nem uma ofensiva nem uma guerra defensiva pode ser travada (...) exceto através do instrumento de uma burocracia totalitária dentro de nossas costas.

Portanto, ele concluiu — no meio da Guerra da Coreia — que todos devíamos apoiar "grandes exércitos e forças aéreas, energia atômica, inteligência central, placas de produção de guerra e a centralização do poder em Washington".

A ala direita, que nunca foi articulada, não tinha muitos órgãos de opinião. Portanto, quando Buckley fundou a *National Review* no final de 1955, seus editoriais e artigos eruditos, espirituosos e desajeitados rapidamente fizeram dela a única revista politicamente relevante para a direita americana. Imediatamente, a linha ideológica da direita começou a mudar bruscamente.

Um elemento que deu especial fervor e experiência à cruzada das iscas vermelhas foi a prevalência de ex-comunistas, ex-companheiros de viagem e ex-trotskistas entre os escritores que a *National Review* trouxe em destaque na cena de direita. Esses ex-esquerdistas foram consumidos por um ódio eterno por seu amor anterior, juntamente com uma paixão por dar enorme importância aos seus anos aparentemente desperdiçados.

Quase toda a geração mais antiga de escritores e editores da *National Review* tinha sido proeminente na velha esquerda. Alguns nomes que vêm à mente são: Jim Burnham, John Chamberlain, Whittaker Chambers, Ralph de Toledano, Will Herberg, Eugene Lyons, J.B. Matthews, Frank S. Meyer, William S. Schlamme e Karl Wittfogel.

Uma visão do estado mental de muitas dessas pessoas veio em uma carta recente para mim de um dos mais libertários deste grupo; ele admitiu que minha posição em oposição ao projeto era a única consistente com princípios libertários, mas, ele disse, ele não pode esquecer o quão desagradável a célula comunista na revista *Time* era na década de 1930. O mundo está desmoronando e ainda assim essas pessoas ainda estão atoladas nas queixas mesquinhas de lutas de facções de muito tempo atrás!

O anticomunismo era a raiz central da decadência da velha direita libertária, mas não era a única. Em 1953, um grande splash foi feito pela publicação de *The Conservative Mind*, de Russell Kirk. Antes disso, ninguém da direita se considerava um "conservador"; "conservador" era considerado uma palavra de difamação de esquerda. Agora, de repente, a direita começou a glória no termo "conservador", e Kirk começou a fazer aparições, muitas vezes em uma espécie de "centro vital" amigável em conjunto com Arthur Schlesinger Jr.

Este era para ser o início do fenômeno crescente do diálogo amigável-embora-crítico entre as alas liberal e conservadora do Grande Consenso Patriótico Americano. Uma nova geração mais jovem de direitistas, de "conservadores", começou a emergir, que pensava que o verdadeiro problema do mundo moderno não era nada tão ideológico quanto o Estado vs. liberdade individual ou intervenção governamental versus o livre mercado; o verdadeiro problema, eles declararam, era a preservação da tradição, da

ordem, do cristianismo e das boas maneiras contra os pecados modernos da razão, permissibilidade, ateísmo e grosseria.

Um dos primeiros pensadores dominantes desta nova direita foi o cunhado de Buckley, L. Brent Bozell, que escreveu artigos inflamados na *National Review* atacando a liberdade até mesmo como um princípio abstrato (e não apenas como algo a ser temporariamente sacrificado em benefício da emergência anticomunista). A função do Estado era impor e delimitar princípios morais e religiosos.

Outro teórico político repulsivo que deixou sua marca na *National Review* foi o falecido Willmoore Kendall, editor da *NR* por muitos anos. Seu grande impulso foi o direito e o dever da maioria da comunidade — como encarnado, digamos, no Congresso — de suprimir qualquer indivíduo que perturbasse essa comunidade com doutrinas radicais. Sócrates, opinou Kendall, não só *deveria* ter sido morto pela comunidade grega, a quem ofendeu por suas críticas subversivas, mas era seu *dever* moral matá-lo.

Os heróis históricos da nova direita estavam mudando rapidamente. Mencken, Nock, Thoreau, Jefferson, Paine — todos estes ou caíram da vista ou foram profundamente condenados como racionalistas, ateus ou anarquistas. Na Europa, as pessoas "in" eram agora reacionárias despóticas como Burke, Metternich, de Maistre; nos Estados Unidos, Hamilton e Madison estavam "na moda", com seu realce sobre a imposição da ordem e um governo central forte e elitista — que incluía a "eslavocracia" do sul.

Nos primeiros anos de sua existência, mudei-me para os círculos da *National Review*, participei de seus almoços editoriais, escrevi artigos e resenhas de livros para a revista; na verdade, houve uma conversa em um momento em que eu entrei na equipe como colunista de economia.



Fiquei cada vez mais alarmado, no entanto, à medida que *a NR* e seus amigos cresciam em força porque eu sabia, a partir de inúmeras conversas com intelectuais direitistas, qual era o seu objetivo em política externa. Eles nunca se atreveram a declarar isso publicamente, embora eles implicassem isso e tentassem chicotear o público até o tom de febre de exige-lo.

O que eles queriam — e ainda querem — era a aniquilação nuclear da União Soviética. Querem jogar a bomba em Moscou. (Claro, em Pequim e Hanói também, mas para o seu veterano anticomunista — especialmente naquela época — é a Rússia que fornece o foco principal de seu veneno.) Um proeminente editor da *National Review* uma vez me disse: "Eu tenho uma visão, uma grande visão do futuro: uma União Soviética totalmente devastada." Eu sabia que era essa visão que realmente animava o novo conservadorismo.

Em resposta a tudo isso, e vendo a paz como a questão política crucial, alguns amigos e eu nos tornamos democratas stevensonianos em 1960. Assisti com crescente horror à medida que a ala direita, liderada pela *National Review*, cresceu continuamente em força e se aproximou cada vez mais do poder político real.

Tendo quebrado emocionalmente com a direita, nosso pequeno grupo de libertários começou a repensar muitas de nossas antigas e não examinadas premissas. Primeiro, nós reestudamos as origens da Guerra Fria, lemos o D.F. Fleming e concluímos, para nossa considerável surpresa, que os Estados Unidos eram os únicos culpados na Guerra Fria, e que a Rússia era o lado aflito. E isso significava que o grande perigo para a paz e a liberdade do mundo não veio de Moscou ou do "comunismo internacional", mas dos EUA e seu Império que se estende pelo e domina o mundo.

E então estudamos o tolo conservadorismo europeu que tomou a ala de direita; aqui encontramos estatismo de uma forma virulenta, e ainda assim ninguém poderia pensar que esses conservadores eram "esquerdistas". Mas isso significava que nosso simples contínuo "governo de esquerda/total — direita/nenhum governo" estava completamente errado e que toda a nossa identificação de nós mesmos como "extrema-direita" deve conter uma falha básica.

Mergulhando de volta à história, concentramo-nos novamente na realidade de que, no século XIX, liberais e radicais *laissez-faire* estavam na extrema esquerda e nossos antigos inimigos, os conservadores, à direita. Meu velho amigo e colega libertário Leonard Liggio então veio com a seguinte análise do processo histórico.

Primeiro havia a velha ordem, o *ancien régime*, o regime de casta e status congelado, de exploração por uma classe dominante despótica, usando a igreja para enganar as massas para aceitar seu governo. Isso foi o estatismo puro; esta era a ala de direita. Então, na Europa Ocidental do século XVII e XVIII, surgiu um movimento de oposição liberal e radical, nossos heróis, que defendiam um movimento revolucionário popular em nome do racionalismo, da liberdade individual, do governo mínimo, dos mercados livres, da paz internacional e da separação da igreja e do Estado, em oposição ao trono e ao altar, à monarquia, à classe dominante, à teocracia e à guerra. Estes — "o nosso povo" — eram a esquerda, e quanto mais pura sua visão mais "extrema" eram.

Até agora tudo bem; mas e o socialismo, que sempre consideramos ser a extrema esquerda? Onde isso se encaixava? Liggio analisou o socialismo como um movimento confuso no meio da estrada, influenciado historicamente tanto pela esquerda libertária quanto pela direita conservadora.

Da esquerda individualista, os socialistas tomaram os objetivos da liberdade: o definhamento do Estado, a substituição do governo dos homens pela administração das coisas, a oposição à classe dominante e a busca de sua derrubada, o desejo de estabelecer a paz internacional, uma economia industrial avançada e um alto padrão de vida para a massa do povo.

Da direita, os socialistas adotaram os meios para alcançar esses objetivos — coletivismo, planejamento estatal, controle comunitário do indivíduo. Isso colocou o socialismo no meio do espectro ideológico. Também significava que o socialismo era uma doutrina instável e autocontraditória obrigada a voar à parte na contradição interna entre seus meios e fins.

Nossa análise foi muito reforçada por nos familiarizarmos com o novo e excitante grupo de historiadores que estudaram com o historiador da Universidade de Wisconsin William Appleman Williams. A partir deles descobrimos que todos nós, livres-mercadistas, tínhamos errado em acreditar que de alguma forma, no fundo, os grandes empresários eram *realmente* a favor de *laissez-faire*, e que seus desvios dele, obviamente claros e notórios nos últimos anos, eram "vendas" dos princípios por conveniência ou o resultado de manobras astutas de intelectuais liberais.

Esta é a visão geral sobre a direita; na notável frase de Ayn Rand, os Grandes Negócios são "a minoria mais perseguida da América". Minoria perseguida, de fato! Claro, houveram insurreições contra os Grandes Negócios no velho McCormick *Chicago Tribune* e nos escritos de Albert Jay Nock; mas foi precisa a análise de Williams-[Gabriel] Kolko para retratar a verdadeira anatomia e fisiologia da cena americana.

Como Kolko apontou, todas as várias medidas de regulação federal e estatismo de bem-estar que a esquerda e a direita sempre

acreditaram ser movimentos de massa contra as Grandes Negócios não só agora são apoiadas até o fim pelos Grandes Negócios, mas foram originadas por ela com o propósito de mudar de um mercado livre para uma economia cartelizada que a beneficiaria. A política externa imperialista e o estado de guarnição permanente originaram-se no impulso dos Grandes Negócios por investimentos estrangeiros e para contratos de guerra em casa.

O papel dos intelectuais liberais é servir como "liberais corporativos", tecelões de desculpas sofisticadas para informar as massas que os chefes do Estado corporativo americano estão governando em nome do "bem comum" e do "bem-estar geral" — como o padre do despotismo oriental que convenceu as massas de que seu imperador era todo sábio e divino.

Desde o início da década de 60, à medida que a direita *da National Review* se aproximou do poder político, ela tem renunciado a seus antigos remanescentes libertários e se aproximado cada vez mais dos liberais do Grande Consenso Americano. A evidência disso é abundante.

Há a crescente popularidade de Bill Buckley na mídia de massa e entre intelectuais liberais, bem como a admiração generalizada da direita intelectual por pessoas e grupos que outrora desprezava: pelo *O Novo Líder*, por Irving Kristol, pelo falecido Frankfurter Felix (que sempre se opôs à restrição judicial sobre invasões governamentais de liberdade individual), por Hannah Arendt e Sidney Hook.

Apesar de ocasionalmente se curvarem ao livre mercado, os conservadores chegaram a concordar que as questões econômicas não são importantes; eles, portanto, aceitam — ou pelo menos não se preocupam com — os principais contornos do estado keynesiano de guerra de bem-estar do corporativismo liberal.

No front doméstico, virtualmente os únicos interesses conservadores são suprimir os negros ("atirem em ladrões", "esmaguem esses tumultuadores"), pedir mais poder para a polícia para não "proteger o criminoso" (ou seja, não proteger seus direitos libertários), impor a oração nas escolas públicas, colocar vermelhos e outros subversivos e "rebeldes" na cadeia e continuar a cruzada pela guerra no exterior.

Há pouco no impulso deste programa com o qual os liberais podem agora discordar; quaisquer discordâncias são de táticas ou apenas questões de grau. Até a Guerra Fria — incluindo a guerra no Vietnã — foi iniciada e mantida e escalada pelos próprios liberais.

Não é à toa que o liberal Daniel Moynihan — membro do conselho nacional dos Americanos pela Ação Democrática repleto com o radicalismo dos atuais movimentos anti-guerra e Black Power — teve recentemente que pedir uma aliança formal entre liberais e conservadores, já que afinal eles basicamente concordam com essas, todas as duas, questões cruciais do nosso tempo!

Até Barry Goldwater recebeu a mensagem; em janeiro de 1968 na *National Review*, Goldwater concluiu um artigo afirmando que ele não é contra os liberais, que os liberais são necessários como contrapeso ao conservadorismo, e que ele tinha em mente um bom liberal como Max Lerner — Max Lerner, o epítome da velha esquerda, o símbolo odiado da minha juventude!

Em resposta ao nosso isolamento da direita, e observando os sinais promissores de atitudes libertárias na nova esquerda emergente, um pequeno grupo de nós, ex-libertários direitistas, fundou o "pequeno diário", *Esquerda e Direita*, na primavera de 1965. Tínhamos dois propósitos principais: fazer contato com

libertários já à nova esquerda e persuadir a maior parte dos libertários ou quase libertários que permaneceram à direita para seguir nosso exemplo.

Temos sido gratificados em ambas as direções: pela notável mudança em direção a posições libertárias e antiestatistas da nova esquerda, e pelo número significativo de jovens que deixaram o movimento de direita.

Essa tendência esquerda/direita começou a ser perceptível na nova esquerda, elogiada e condenada por aqueles conscientes da situação. (Nosso antigo colega Ronald Hamowy, historiador em Stanford, estabeleceu a posição esquerda/direita na coleção *da Nova República*, *Thoughts of the Young Radicals* [1966].)

Recebemos um incentivo gratificante de Carl Oglesby que, em sua *Contenção e Mudança* (1967), defendeu uma coalizão de nova esquerda e velha direita, e dos jovens estudiosos agrupados em torno dos infelizmente extintos *Estudos à Esquerda*. Também fomos criticados, ainda que indiretamente, por Staughton Lynd, que se preocupa porque nossos objetivos finais — o livre mercado contra o socialismo — diferem.

Finalmente, o historiador liberal Martin Duberman, em uma recente edição da *Partisan Review*, critica fortemente o SNCC e o CORE por serem "anarquistas", por rejeitarem a autoridade do Estado, por insistirem que a comunidade seja voluntária, e por enfatizar, juntamente com as SDS, participativa em vez de representativa democracia.

Perceptivamente, ainda que do lado errado da cerca, Duberman então liga o SNCC e a nova esquerda com nós, velhos direitistas: "SNCC e CORE, como os anarquistas, falam cada vez mais da suprema importância do indivíduo. Eles fazem isso, paradoxalmente, em uma retórica fortemente remanescente daquele velho associado à direita.

Podia ser Herbert Hoover (...) mas é de fato Rap Brown que agora reitera a necessidade do negro de se levantar em seus próprios pés, tomar suas próprias decisões, desenvolver autoconfiança e um senso de autoestima. O SNCC pode ser desdenhoso dos liberais atuais e do "estatismo", mas parece pouco perceber que a retórica *laissez-faire* que prefere deriva quase *ipsis literis* do liberalismo clássico de John Stuart Mill." Difícil. Poderia, eu reconheço, ser muito pior.

Espero ter demonstrado porque alguns compatriotas e eu mudamos, ou melhor, fomos deslocados, da "extrema direita" para "extrema esquerda" nos últimos vinte anos apenas por permanecermos no mesmo lugar ideológico básico. A ala direita, uma vez em determinada oposição ao Grande Governo, tornou-se agora a ala conservadora do Estado corporativo americano e sua política externa de imperialismo expansionista. Se salvarmos a liberdade desta fusão esquerda/direita no centro, isso precisa ser feito através de uma contra-fusão da velha direita e da nova esquerda.

James Burnham, editor da *National Review* e seu principal pensador estratégico na luta contra a "Terceira Guerra Mundial" (como ele intitula sua coluna), o profeta do estado gerencial (em *A Revolução Gerencial*), cujo único indício de interesse positivo pela liberdade em uma vida de escrita política foi um apelo pela legalização de fogos de artifícios, recentemente atacou a perigosa tendência entre alguns jovens conservadores de fazer causa comum com a esquerda em se opor ao alistamento militar obrigatório. Burnham avisou que soube em seus dias de trotskista que esta seria uma coalizão "sem princípios", e alertou que se alguém começar por ser anticonscrição pode acabar se opondo à guerra no Vietnã:

*E eu de fato penso que alguns deles estão lá no fundo, ou estão começando a ser, contra a*

*guerra. Murray Rothbard mostrou como o libertarianismo de direita pode levar a uma posição quase tão anti-EUA quanto o libertário de esquerda. E uma veia de isolacionismo sempre foi endêmica na direita americana.*

Esta passagem simboliza o quão profundamente todo o conjunto da ala de direita mudou nas últimas duas décadas. O interesse vestigial pela liberdade ou pela oposição à guerra e ao imperialismo são agora considerados desvios a serem eliminados sem demora. Há milhões de americanos, estou convencido, que ainda são dedicados à liberdade individual e à oposição ao Estado leviatã no país e no exterior, americanos que se autodenominam "conservadores", mas sentem que algo deu muito errado com a velha causa anti-New Deal e anti-Fair Deal.

*Algo deu errado: a ala direita foi capturada e transformada por elitistas e devotos dos ideais conservadores europeus de ordem e militarismo, por caçadores de bruxas e cruzadores globais, por estatistas que desejam coagir a "moral" e suprimir a "rebeldia".*

A América nasceu em uma revolução contra o imperialismo ocidental, nascida como um refúgio de liberdade contra as tiranias e o despotismo, contra as guerras e intrigas do velho mundo. No entanto, nos permitimos sacrificar os ideais americanos de paz e liberdade e anticolonialismo no altar de uma cruzada para matar comunistas em todo o mundo; nós entregamos nosso direito libertário nas mãos daqueles que anseiam restaurar a Era de Ouro da Santa Inquisição. Já é de acordarmos e nos levantarmos para restaurar nossa herança.

Republicado em *Ramparts*, 15 de Junho de 1968.



## Conheça outras obras da Editora Konkin:

[www.konkin.com.br](http://www.konkin.com.br)



Gostaria de fazer uma doação para tornar mais traduções como esta disponíveis no Brasil?



Aponte a câmera do celular